

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO**

ELISÂNGELA CÂNDIDO DA SILVA DEWES

**“O DESPERTAR”: UMA HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DA
EDUCAÇÃO RURAL EM CAXIAS DO SUL (1947-1954)**

**CAXIAS DO SUL
2019**

ELISÂNGELA CÂNDIDO DA SILVA DEWES

**“O DESPERTAR”: UMA HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DA
EDUCAÇÃO RURAL EM CAXIAS DO SUL (1947-1954)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Edimar de Souza

CAXIAS DO SUL

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

D517d Dewes, Elisângela Cândido da Silva
“O Despertar” : uma história das práticas da educação rural em
Caxias do Sul (1947-1954) / Elisângela Cândido da Silva Dewes. – 2019.
176 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Educação, 2019.
Orientação: José Edimar de Souza.

1. Educação rural - Caxias do Sul. 2. Prática de ensino. 3. Educação -
História. 4. Ensino - Periódicos. I. Souza, José Edimar de, orient. II.
Título.

CDU 2. ed.: 37.018.51

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

“O Despertar”: uma história das práticas da Educação Rural em Caxias do Sul/RS (1947-1954)”

Elisângela Cândido da Silva Dewes

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Caxias do Sul, 28 de agosto de 2019.

Banca Examinadora:

Dr. José Edimar de Souza (presidente – UCS)

Dra. Flávia Brocchetto Ramos (UCS)

Dra. Terciane Ângela Luchese (UCS)

Dr. Eduardo Arriada (UFPEL)

Dra. Luciane Sgarbi Santos Crazziotin (UNISINOS)

CAMPUS-SEDE

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 - Bairro Petrópolis - CEP 95070-560 - Caxias do Sul - RS - Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 - CEP 95020-972 - Caxias do Sul - RS - Brasil

Telefone / Telefax (54) 3218-2100 - www.ucs.br

Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul - CNPJ 88.646.761/0001-03 C/CETE 029/0009530

Dedico este trabalho a minha amada filha
Isabela, por ter me acompanhado em todo
esse percurso. E, por ter sido a minha maior
força!

AGRADECIMENTOS

Ao lançar-me nesse desafio, não o fiz solitária, primeiro, porque carrego em minha fé, a certeza de que Deus me acompanhou e me guiou nessa jornada de descobrimento e de experiência. Depois, porque tive em minha família, uma fonte preciosa de energia, que me fortaleceu em todo o processo.

O desafio de tornar-me pesquisadora veio em conjunto com o de tornar-me mãe. E, em meio a dúvidas, angústias e grandes expectativas, encontrei a solidariedade de muitas pessoas, as quais gostaria de agradecer:

Aos meus pais, Alaide e Jorge, por todo o esforço para que eu pudesse ter uma educação que a eles não foi possível por diferentes circunstâncias da vida. E, hoje, pelo carinho e cuidado com a minha filha e comigo, além do apoio e dos conselhos sábios para que eu pudesse ter a mesma esperança de encontrar dias melhores. Sei que esse é mais um motivo de orgulho para eles, por isso concluo essa experiência com um sentimento de vitória.

A minha sogra Rosane, por dedicar o seu tempo para cuidar de minha pequena Isabela, deixando-me mais tranquila para cumprir esse processo de estudos.

Aos meus colegas do Hospital Geral de Caxias do Sul por ouvirem-me com paciência e por terem sempre uma palavra que confortasse o meu coração.

Aos meus professores e colegas do Mestrado em Educação pela preocupação demonstrada, pela troca de experiências, pelas conversas jogadas fora, pelas risadas e por ajudarem a construir boas lembranças das tardes em aula.

Ao meu orientador Prof. Dr. José Edimar, por me acolher nessa jornada, estimulando o meu potencial. Por não me tratar com diferença pela condição de gestante, e me motivar a trabalhar com organização, empenho e com metas bem traçadas. Por abrir as portas de sua casa e nos mostrar que além de um competente professor, é um pai amoroso e dedicado. Agradeço pela contribuição para que eu me tornasse mais forte e determinada a concluir esse processo de estudos.

A todos os profissionais dos acervos históricos, órgãos públicos e escolas consultadas pela paciência e disponibilidade em ajudar.

Ao meu esposo Maicon, pelo companheirismo, apoio, carinho e cuidado. Por todas as idas e vindas, acompanhando-me na busca por evidências para esse estudo. Pelas leituras conjuntas, por ajudar-me com as atividades mais técnicas e de informática. Por ouvir-me e estimular-me, sempre se colocando ao meu lado nessa caminhada. Por cuidar da nossa Isabela, em todas as noites e finais de semana em que precisei dedicar-me ao estudo, ajudando-me a sentir-me menos culpada por ter que fazer essa escolha e dando-me a certeza de que a nossa filha tinha a atenção e o amor tão preciosos nesse momento.

Por fim, a todos que, de alguma forma, foram solidários e participaram desse percurso, ora auxiliando com ações, ora contribuindo com palavras.

Meu muito obrigada!

RESUMO

Este estudo investiga os modelos e práticas disseminados para a comunidade da escola rural de Caxias do Sul, a partir da compreensão acerca das representações contidas no periódico *Despertar* – objeto e fonte desta pesquisa, produzido pela Diretoria de Instrução Pública deste município, no período de 1947 a 1954. O objetivo foi o de analisar os sentidos criados pela comunidade da área rural, possibilitados pela leitura do *Despertar*, sobre os modelos e práticas divulgados pelo órgão de ensino. O estudo ainda identifica como a utilização do periódico *Despertar*, por meio dos textos, imagens e diagramação, influenciou a construção de uma identidade de grupo; contextualiza historicamente o período em que o periódico foi produzido, averiguando as influências; e busca a compreensão sobre como a formação de professores, para a atuação no contexto rural, relacionava-se com as políticas educacionais da época. O estudo encontra-se no campo da História da Educação e tem, como referencial teórico, a História Cultural. Como método de pesquisa foi utilizada a análise documental, e como procedimento metodológico, a categorização de textos, iconografia e componentes gráficos, compreendidos nas cinquenta e três edições do *Despertar*. Compõem ainda os documentos analisados: aspectos da legislação sobre o ensino; a transcrição de uma entrevista concedida, a pesquisadores locais, pela professora Ester Troian Benvenuti – idealizadora do *Despertar*; além de outros documentos da Diretoria de Instrução Pública Municipal. Entre as considerações acerca de tal periódico, a de que cooperou para o fortalecimento da identidade dos habitantes da área rural, enquanto divulgava um conteúdo alinhado às necessidades dessas pessoas; também, a de que suas matérias evidenciam a influência tanto do ruralismo pedagógico, quanto do nacionalismo, sobre a educação promovida na área rural. Ainda é possível compreender que o periódico constituiu-se em uma espécie de guia com orientações para diferentes práticas, voltadas às comunidades da área rural; e, que foi um suporte pedagógico para os professores, colaborando para que a atuação do professor junto a essas comunidades, estivesse adequada as particularidades do cotidiano da vida das pessoas da área rural, e alinhada aos anseios da administração pública quanto a educação nesse contexto.

Palavras-chave: Práticas escolares. Imprensa Educacional. Periódicos de Ensino. Educação Rural. Ensino em Caxias do Sul.

ABSTRACT

This study examines the models and practices disseminated to the community of the rural school of Caxias do Sul, from the understanding surrounding the contents in the journal *Despertar* - object and source of this research, produced by the Public Instruction Board of this city, from 1947 to 1954. The objective was to analyze the feelings triggered in the rural community through the reading *Desperetar*, on the models and practices disclosed by the teaching body. The study also identifies how the use of *Despertar*, through texts, images and diagramming, influenced the construction of a group identity; historically contextualizes the period in which the journal was produced, examining its influences; and seeks understanding on how the formation of teachers for that rural area was related to the educational policies of the time. The study is in the field of the History of Education and has, as theoretical reference, the Cultural History. The research method used was documental analysis, and the methodological procedure was the categorization of texts, iconography and graphic components present in the fifty-three issues of the *Despertar* journal. The analyzed documents also include aspects of education legislation, the transcript of an interview given to local researchers by Professor Ester Troian Benvenuti - creator of *Despertar*, and other documents by the Municipal Public Education Board. The considerations about the journal are that it cooperated to strengthen the identity of the inhabitants of the rural area by disseminating content aligned with the needs of these people, and that its contents exhibit the influence of both pedagogical ruralism and nationalism, on the education promoted in the rural area. It is still possible to note that the journal was somewhat of a guide, with orientations for different practices aimed at rural communities, and that it was a pedagogical aid for the local teachers, ensuring that their work was adequate to the daily life particularities of rural people and aligned with the public administration's aspirations for education in this context.

Keywords: School practices. Education Press. Teaching Journals. Rural education. Teaching in Caxias do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa dos municípios sob a gestão da Diretoria de Instrução Pública de Caxias do Sul.	15
Figura 2: Gráfico do número de edições por ano de circulação do <i>Despertar</i>	24
Figura 3: Imagem do formato de organização das informações obtidas com a leitura do periódico <i>Despertar</i> , no aplicativo Excel	27
Figura 4: Foto do Studio Geremia. Ester com a mãe Angelina Troain.....	77
Figura 5: Imagem de capa do Jornal <i>Despertar</i> do ano de 1947.....	83
Figura 6: Imagem de capa do Jornal <i>Despertar</i> do ano de 1952.....	85
Figura 7: Foto dos alunos, professores e funcionários da Escola São José dos padres Josefinos de Murialdo	100
Figura 8: Excerto da coluna Higiene do <i>Despertar</i> do ano de 1947.	107
Figura 9: Excerto da coluna Colaboração e Bôa Vontade do <i>Despertar</i> do ano de 1948	108
Figura 10: Excerto da coluna Colaboração e Bôa Vontade do <i>Despertar</i> do ano de 1954	110
Figura 11: Excerto da coluna Colaboração e Bôa Vontade do <i>Despertar</i> do ano de 1952	110
Figura 12: Excerto da coluna Higiene do <i>Despertar</i> do ano de 1949	124
Figura 13: Excerto da coluna Higiene do <i>Despertar</i> do ano de 1949.....	124
Figura 14: Excerto da coluna Para você Criança do <i>Despertar</i> do ano de 1948....	137
Figura 15: Recorte do <i>Despertar</i> do ano de 1954.....	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Lista de Periódicos identificados após a exploração dos acervos históricos	23
Quadro 2: Temas encontrados no <i>Despertar</i> e Categorias definidas pela pesquisadora.....	28
Quadro 3: Tiragem do periódico <i>Despertar</i>	88
Quadro 4: Tiragem do periódico <i>Despertar</i>	89
Quadro 5: Colunas e assuntos abordados no <i>Despertar</i>	92

LISTA DE SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
AHJSA	Arquivo Histórico João Spadari Adami
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CEDOC	Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul
CNER	Campanha Nacional de Educação Rural
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
ECIRS	Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GRUPHEIM	Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INTERCOM	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
RS	Rio Grande do Sul
SP	São Paulo
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	21
3 CONTEXTO DE CAXIAS DO SUL E DA IMPRENSA EDUCACIONAL.....	31
3.1 CAXIAS DO SUL E O MEIO RURAL	31
3.2 A ESCOLARIZAÇÃO EM CAXIAS DO SUL	40
3.3 O ENSINO NO MEIO RURAL	48
3.4 ASPECTOS HISTÓRICOS DA IMPRENSA NO BRASIL	60
3.4.1 Aspectos históricos da imprensa educacional no Brasil	68
4 "O DESPERTAR": UM PERIÓDICO DA DIRETORIA DE INSTRUÇÃO PÚBLICA PARA UMA COMUNIDADE RURAL	74
4.1 ESTER TROIAN BENVENUTTI: A MULHER À FRENTE DAS ESCOLAS RURAIS DE CAXIAS DO SUL.....	74
4.2 O DESPERTAR DA COMUNIDADE DA ÁREA RURAL	81
4.2.1 A atuação do professor nas áreas rurais.....	95
4.2.2 O ruralismo no <i>Despertar</i> ou o despertar do ruralismo	112
4.2.3 Práticas civilizatórias no periódico <i>Despertar</i>	121
4.2.4 A religião e a educação na área rural.....	133
4.2.5 O amor à pátria e seus símbolos.....	140
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
REFERÊNCIAS.....	160

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os jornais ou revistas produzidos por professores para outros docentes, ou elaborados pelos alunos para seus pares, ou ainda, criados pelo Estado ou outras instituições, possibilitam várias perspectivas em direção à compreensão da história da educação e do ensino; da análise desses meios é possível avaliar políticas, ideias, antagonismos, e ainda, as práticas educativas e escolares (BASTOS, 2007, não paginado). Nesse sentido, investigar a imprensa é uma forma de conhecer e compreender como, em distintos contextos, foram desenvolvidos os processos em torno da educação.

Esta investigação se construiu considerando as perspectivas oferecidas a partir da análise de uma ferramenta da imprensa educacional que circulou no município de Caxias do Sul, no recorte temporal de 1947 a 1954. Com base no periódico denominado de *Despertar*, cuja produção esteve sob a responsabilidade da Diretoria de Instrução Pública Municipal de Caxias do Sul, analisei as representações acerca da educação na área rural, neste município. O estudo está sustentado em aportes teóricos na área da História Cultural e dialoga com a História da Educação, contribuindo para a compreensão sobre a atuação do periódico influenciando as práticas dos habitantes que circundavam o espaço da escola rural.

A motivação para este estudo partiu, primeiramente, da provocação feita pelo meu orientador, para que explorasse periódicos como fonte documental para a História da Educação. E, em um segundo momento, da pretensão de conhecer e aprofundar os conhecimentos sobre tais aparatos, não somente como fontes, mas como objetos de pesquisa, aspirando dimensionar a capacidade desses impressos como instrumentos disseminadores de representações, influenciadores de comportamentos e multiplicadores de prescrições, que promovem e promoveram transformações na sociedade, em especial, no olhar sobre este tipo de produção relacionada à educação.

O uso de periódicos, nesta pesquisa, também se justifica pela minha formação acadêmica e experiência profissional na área de comunicação, tendo em vista que, em meu exercício profissional, entre tantas atividades voltadas à produção de

materiais ou de instrumentos facilitadoras da comunicação com os diferentes públicos, está o desenvolvimento de periódicos (revistas e jornais)¹.

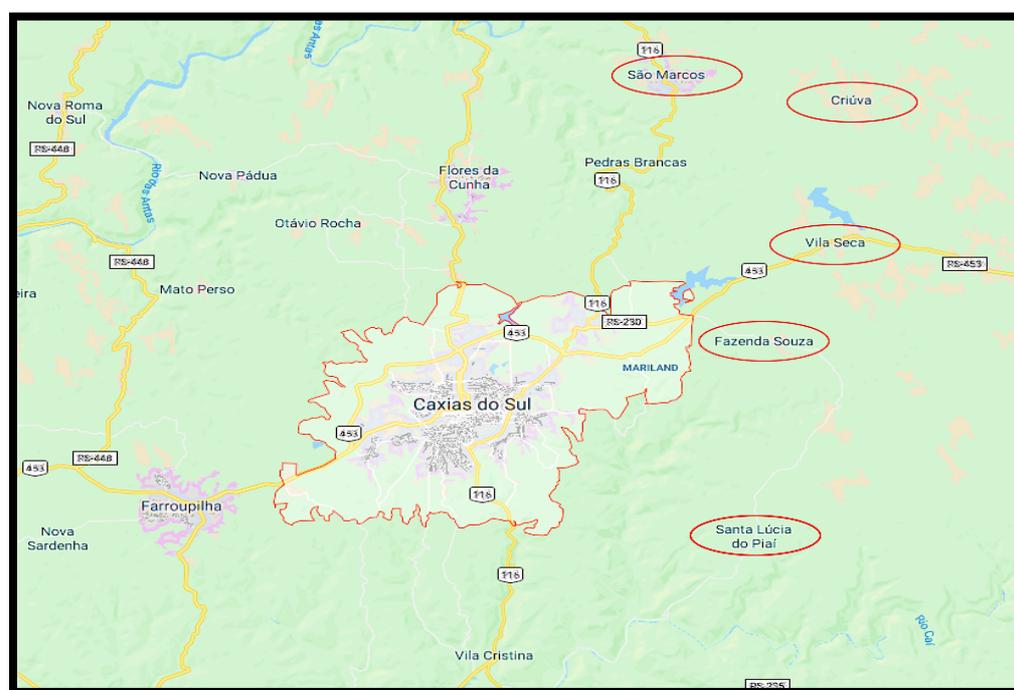
Cabe ainda explicar que o objeto deste estudo, o *Despertar*, foi idealizado pela professora Ester Troian Benvenuti, responsável pela Diretoria de Instrução Pública de Caxias do Sul, (DESPERTAR, 1951e, p.1); e que surgiu nos últimos anos da administração de Demétrio Niederauer², prefeito que pode ser considerado como o incentivador da produção do periódico (DESPERTAR, 1950d, p.1).

Em relação à delimitação espacial, a escolha de Caxias do Sul apoiou-se, em minhas experiências como discente nesta cidade. E também pela escolha do objeto de pesquisa – *Despertar* – ser um impresso de educação e ensino coordenado pelo órgão responsável pelo ensino em Caxias do Sul, que circulou entre diferentes localidades, assinaladas na figura 1.

¹ Concluí a graduação em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas em 2005 pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Possuo especialização na área de comunicação concluída em 2012 pela UCS. Possuo passagem profissional pela Rádio Caxias e RBS TV, onde atuei na área de comunicação, e vivência no cotidiano do funcionamento da mídia. Além disso, atuei na área de comunicação da Voges, indústria do segmento metalomecânico, onde desenvolvi o Informativo Interno. Desde 2013, atuo na área de comunicação do Hospital Geral de Caxias do Sul; atualmente como coordenadora de marketing, desenvolvo atividades, tais como: produção do informativo interno, desenvolvimento de uma *NEWS* e de um Relatório Anual de Atividades (para *stakeholders*).

² Demétrio Niederauer foi prefeito da cidade, advogado, professor, jornalista, diretor e fundador de jornal. Era descendente dos Niederauer de Santa Maria, onde nasceu (PONTO INICIAL, 2014).

Figura 1: Mapa dos municípios sob a gestão da Diretoria de Instrução Pública de Caxias do Sul



Fonte: Google Maps (2019).

Com referência à delimitação temporal - 1947 a 1954, depois de buscar pelo *corpus* documental, nos acervos municipais: João Spadari Adami (AHJSA), Biblioteca Pública Municipal e Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, identifiquei 53 edições do periódico *Despertar*, que compõem este estudo. O período analisado corresponde aos anos de circulação destas edições, não localizei nos documentos pesquisados informações sobre o encerramento da circulação do periódico e, tampouco, localizei outras edições do *Despertar*.

Em relação aos procedimentos metodológicos adotados, utilizei a análise documental, observando os diferentes componentes compreendidos nas variadas edições do referido periódico, tais como: imagens, textos, diagramação e identidade visual. Além disso, promovi o enfrentamento entre o objeto/fonte desta pesquisa com outras fontes documentais, considerando recorrências e outros indícios que possibilitassem a reflexão sobre “as múltiplas relações sócio-político-econômicas” (LUCHESE, 2014, p.152).

Em um entendimento de que situar a análise dos documentos a partir de concepções como as propostas por Chartier (1988; 1990; 1991; 1999), e pelos estudos de Pesavento (2003; 2006; 2012), que acoplam a História Cultural a conceitos, tais como os: de representações, de apropriação e de práticas, cooperaria para uma maior compreensão sobre o documento a ser analisado, escolhi esses aportes teóricos como alicerces para o estudo. O estudo apoiado na História Cultural é um caminho que permite reflexões sobre diferentes aspectos da vida dos sujeitos. Corrobora a intenção desta pesquisa, o pensamento de que a “história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos” (CHARTIER, 1988, p. 17). A História Cultural permite reconhecer as características de uma determinada época e de um lugar, hábitos, costumes, pensamentos, expressões, ideias, movimentos, representações, e tudo aquilo que exerceu e exerce influência para as transformações da sociedade.

A proposta em si buscou a investigação dos usos da imprensa educacional como propagadora de mensagens e de representações, inspirando a promoção de diferentes práticas entre os moradores das áreas rurais. Para Chartier (1988), os textos revelam possibilidades semânticas que operam sobre a experiência, construindo representações aceitas ou impostas de um mundo social.

Nesse sentido, alunos e professores atuavam como agentes motivadores para os demais sujeitos que viviam na área rural, inspirando-os na construção de significados para as representações expressas no periódico. Desse modo, as práticas orientadas pelo órgão municipal de ensino eram percebidas pelos leitores do *Despertar*, a partir dos significados construídos por meio da articulação entre as experiências compartilhadas no interior das comunidades rurais, e a “leitura” de textos e de imagens. As orientações propostas, pelo referido órgão, alcançavam as áreas mais afastadas da área urbana de Caxias e, dessa forma, o periódico cooperava para a constituição de uma cultura específica e pertinente ao espaço, onde circulava o *Despertar*.

A abordagem em torno das representações que eram compartilhadas e que passam por questões, tais como as influências ou pressões sofridas, o contexto histórico, as características e modelos de ensino que se desejava partilhar, e as apropriações foram relevantes para a construção deste estudo. Diante disso, identifiquei que as representações eram fortalecidas no periódico e que temas eram abordados no sentido prescritivo, buscando compreender como essas diretrizes articulavam-se à legislação vigente, tanto municipal, quanto no contexto nacional.

Para as reflexões em questão, considerei os conceitos propostos por Chartier (1988), em torno das representações:

[...] As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como refletindo-o ou dele se desviando. Por outro lado, esta história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Rompendo com a antiga ideia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único — o qual a crítica tinha a obrigação de identificar —, dirige-se as práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo (CHARTIER, 1988, p. 27).

Nesse sentido, utilizei os conceitos de Chartier (1988), como base para o entendimento sobre a história cultural, considerando que este estudo envolveu reflexões sobre o processo de produção de conteúdo pelos editores do periódico e a construção de significados pelos leitores do *Despertar*. Contribuindo com o aporte teórico-metodológico, busquei outros conceitos que, se entrelaçam com os definidos anteriormente e, também, trazem conhecimentos importantes para a análise do objeto desta pesquisa, tais como, os de cultura escrita, apropriação, práticas e imprensa educacional.

Para Viñao Frago (2000), as práticas, normas e procedimentos que se fazem evidentes nas formas de fazer escola, ou ainda, na maneira de pensar a escola, materializam-se nas atitudes, nos discursos e nos rituais partilhados e institucionalizados como forma de orientação para os afazeres educativos.

[...] esses modos de fazer e de pensar – mentalidades, atitudes, rituais, mitos, discursos, ações – amplamente compartilhados, assumidos, não postos em questão e interiorizados, servem a uns e a outros para desempenhar suas tarefas diárias, entender o mundo acadêmico-educativo e fazer frente tanto às mudanças ou reformas como às exigências de outros membros da instituição, de outros grupos e, em especial, dos reformadores, gestores e inspetores (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 100).

O conceito de representações de Chartier (1991) articula outros conceitos, como o de *apropriação*, por meio do qual o estudioso percebe como os usos e as interpretações constroem uma história do social:

[...] a apropriação visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Assim, voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas (CHARTIER, 1991, p.180).

Para Chartier (1991), o processo de apropriação, que acontece por meio dos textos, supõe os modos de recepção pelos quais esse indivíduo faz a construção de representações, que podem ser aceitas ou impostas do mundo social. Para o historiador, a compreensão de *apropriações*, na historicidade, rompe com o conceito de sujeito universal e abstrato, pois deve ser colocada em uma abordagem histórico-cultural, que observa as diferentes práticas e utilizações que contrastam umas das outras, considerando-se uma pluralidade nas maneiras de empregar e diferentes leituras.

Diante do exposto, delimitei o caminho a ser percorrido na pesquisa, por meio do seguinte problema: **Tendo em vista a comunidade da área rural, que sentidos esse periódico possibilitou para a compreensão de modelos e prescrições disseminados sobre a educação rural, no contexto de Caxias do Sul.**

Para corroborar a tarefa de buscar respostas ao problema de pesquisa, contribuindo para a construção do trajeto a ser traçado, apresento os seguintes

objetivos. Como objetivo geral, pretendo analisar que sentidos o *Despertar* possibilitou, a partir da compreensão das *representações* sobre a educação rural presentes no periódico e, das orientações disseminadas para a comunidade no contexto da escola rural Caxiense, no período de 1947 a 1954. Já em relação aos objetivos específicos, destaco os que seguem:

a) Identificar como a utilização do periódico *Despertar*, por meio dos textos, imagens e diagramação, influenciou a construção de uma identidade de grupo.

b) Contextualizar historicamente o período em que o periódico foi produzido, buscando identificar possíveis influências nas práticas desenvolvidas nesse espaço.

c) Compreender como a formação de professores, para a atuação no contexto rural, relacionava-se com as políticas educacionais da época e, como as representações construídas sobre o docente repercutiam na comunidade rural.

Apresentei, até aqui, as “Considerações Iniciais”, com um breve olhar sobre o objeto desta pesquisa, sobre os aspectos que serão mobilizados no desenvolvimento do estudo, sobre a justificativa, e sobre o objetivo geral e os específicos, que cooperarão para o delineamento dos caminhos a serem percorridos. A seguir, no capítulo dois, apresentarei o “Percurso Metodológico” que conduzirá o estudo, explicitando os procedimentos usados para a análise do periódico e outras fontes utilizadas. Já o capítulo três compreenderá os “Aspectos de Contexto”, no qual descreverei a conjuntura política, social e econômica de Caxias do Sul e do meio rural, no recorte de tempo definido; nesse capítulo, também, abordarei os aspectos da escolarização em Caxias do Sul, lançando um olhar especial à educação desenvolvida no meio rural; além de fazer um registro sobre os aspectos que marcaram a história da imprensa no Brasil e no Rio Grande do Sul (RS).

Neste estudo, também, estará compreendido o capítulo de análise, o quarto capítulo, “O *Despertar*: um periódico da diretoria de instrução pública para uma comunidade rural”. É o espaço que será constituído da análise do objeto/fonte de pesquisa. Iniciá-lo-ei, apresentando alguns esclarecimentos sobre o periódico, aspectos de sua produção, circulação e coordenação; depois, tecerei algumas linhas sobre a professora Ester Troian Benvenuti, idealizadora do *Despertar*; e, em seguida, desenvolverei algumas reflexões sobre as categorias que emergirem durante o

processo de análise do *Despertar*: a) a atuação do professor nas áreas rurais; b) influências do ruralismo nas matérias do periódico; c) as práticas civilizatórias prescritas em suas páginas; d) a relação entre religião e a educação na área rural; e e) as orientações sobre o civismo, expressas no impresso, que buscavam uma configuração de acordo com o modelo de cidadão brasileiro. Por fim, no último capítulo, “Considerações Finais”, retomarei os aspectos mais relevantes da pesquisa e apresentarei as perspectivas para novos estudos.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo tem o objetivo de apresentar o percurso realizado no desenvolvimento da pesquisa, aqui evidencio os instrumentos e os caminhos metodológicos utilizados na produção do estudo. Por se tratar de uma pesquisa historiográfica, inscrita na área da História da Educação, a presente investigação foi escrita na perspectiva da História Cultural. Por meio do método qualitativo, a partir da análise documental, considerei a escrita e a iconográfica presentes em 53 edições do *Despertar*. Com base nisso, busquei o entendimento sobre as práticas desenvolvidas, considerando as representações compartilhadas pelos leitores e, os modelos propostos e disseminados nesse periódico de educação, levando em conta as complexas relações estabelecidas, o contexto histórico e suas influências.

O encorajamento para o avanço deste estudo foi dado por meu orientador, que, a partir de meu histórico profissional e acadêmico, propôs caminhos para o desenvolvimento da pesquisa, o que foi motivador para que eu seguisse em direção à análise documental, tendo como foco um documento (para esta pesquisa) e uma ferramenta de comunicação, aplicada por mim durante minha vivência profissional. O que propiciou reflexões sobre outras perspectivas, além de abrir caminhos ainda desconhecidos, que contribuíram para a minha formação como pesquisadora e, também, para fazer emergir evidências acerca da História da Educação desta localidade. Nesse contexto, a escolha foi que o estudo prosseguisse em torno de periódicos relacionados ao ensino, em um primeiro momento, impressos produzidos por alunos para alunos, por professores para professores, e/ou por órgãos do ensino para leitores de interesse.

Com a referida abordagem e com base no objeto de pesquisa, este estudo observou aspectos bem distintos que fazem parte de um rol de conhecimentos de áreas diferentes, mas que possuem afinidades, que envolvem a produção e a circulação do documento analisado.

A análise dos documentos requereu consciência sobre a questão das práticas disseminadas e as que foram assimiladas e exercitadas no dia a dia dos sujeitos envolvidos pelo/a objeto/fonte de estudo; em especial, em torno das estratégias

usadas para influenciar ou impor determinadas práticas, pensando no sentido da criação de padrões de comportamento ou na constituição de sujeitos conformados aos modelos aspirados pelo órgão oficial de ensino municipal. Essa observação contribuiu para reflexões sobre o processo de consolidação da instituição escolar sobre outros espaços da sociedade, por meio de influências para o exercício de outras práticas, que não as escolares.

Desse modo, a escolha do objeto de pesquisa, relacionou-se ao entendimento de que esse objeto/fonte poderia conduzir a novas evidências sobre a História da Educação desta localidade, ou, minimamente, propor reflexões sobre as práticas desenvolvidas no passado e que permanecem ainda hoje nos espaços escolares. Para um refinamento dessa busca, defini junto, ao meu orientador, que a pesquisa compreenderia as décadas de 30 a 50. Para tanto, realizei a busca desta espécie de documento, primeiramente, nos acervos, Histórico João Spadari Adami (AHJSA), Biblioteca Pública Municipal e Centro de Memória Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Ao mesmo tempo, selecionei algumas escolas de Caxias do Sul - usando o critério de tempo de funcionamento e materiais já localizados nos acervos históricos – e, nesses locais, busquei edições do referido documento. Entre as escolas abordadas, destaco: Colégio Murialdo, Colégio Madre Imilda, Instituto Estadual Cristovão de Mendoza, Colégio La Salle Carmo e Colégio São Carlos. Por fim, realizei buscas junto à Secretaria da Educação de Caxias do Sul. Esses contatos foram dificultados em virtude do período de férias das escolas e da pouca receptividade das escolas selecionadas, com exceção do Colégio Cristovão de Mendonza e do Colégio São Carlos, onde recebi apoio para o levantamento de informações que me conduziram a outros exemplares dos periódicos produzidos pelas Instituições. Tanto o contato feito com as escolas, quanto o realizado com a secretaria de Educação de Caxias do Sul, não resultaram em avanços para a localização de documentos preservados. Nesse ínterim, em um contato informal com a professora Terciane Ângela Luchese, recebi a indicação sobre outros periódicos para consulta no acervo digital do Arquivo Histórico João Spadari Adami (AHJSA), a partir desse processo, identifiquei os periódicos que se apresentam no quadro a seguir:

Quadro 1: Lista de Periódicos identificados após a exploração dos acervos históricos

Nome do Periódico	Instituição	Período	Quantidade de edições
Folha da Escola	Escola Complementar	1939	3
A Voz da Mocidade	Duque de Caxias	1945	5
Murialdo	Colégio Murialdo	1952	1
Ecos do Carmo	Colégio La Salle Carmo	1954	3
Vivências	Colégio São Carlos	Década de 50	1
Despertar	Diretoria de Instrução Pública	1947 a 1954	53

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Esse contexto de definição do objeto/fonte de pesquisa requereu que eu realizasse a busca por aportes bibliográficos que elucidassem a questão da produção de periódicos de educação. Então, realizei um estudo bibliográfico sobre pesquisas que usaram o mesmo objeto/fonte. Desse esforço, resalto o estudo de Bastos (2005) com análise de publicações direcionadas aos docentes, que evidenciavam políticas de transformação da escola e de disseminação de valores autoritários, multiplicados durante o período do Estado Novo, por meio de tais aparatos. O trabalho da referida pesquisadora, cooperou para um olhar sobre a perspectiva das representações e permitiu reflexões em torno das estratégias usadas para a disseminação de práticas, de valores e de normas de conduta desejadas pelos produtores, ou organizadores dos periódicos. Para Bastos (2005), a imprensa educacional transformou-se em um importante meio para descobertas referentes à História da Educação e serviu como plataforma para pluralizar as doutrinas do governo, “utilizada como dispositivo de controle e mudança da opinião pública, para a obtenção de controle de caráter persuasivo do que diretamente repressivo [...]” (BASTOS, 2005, p. 23).

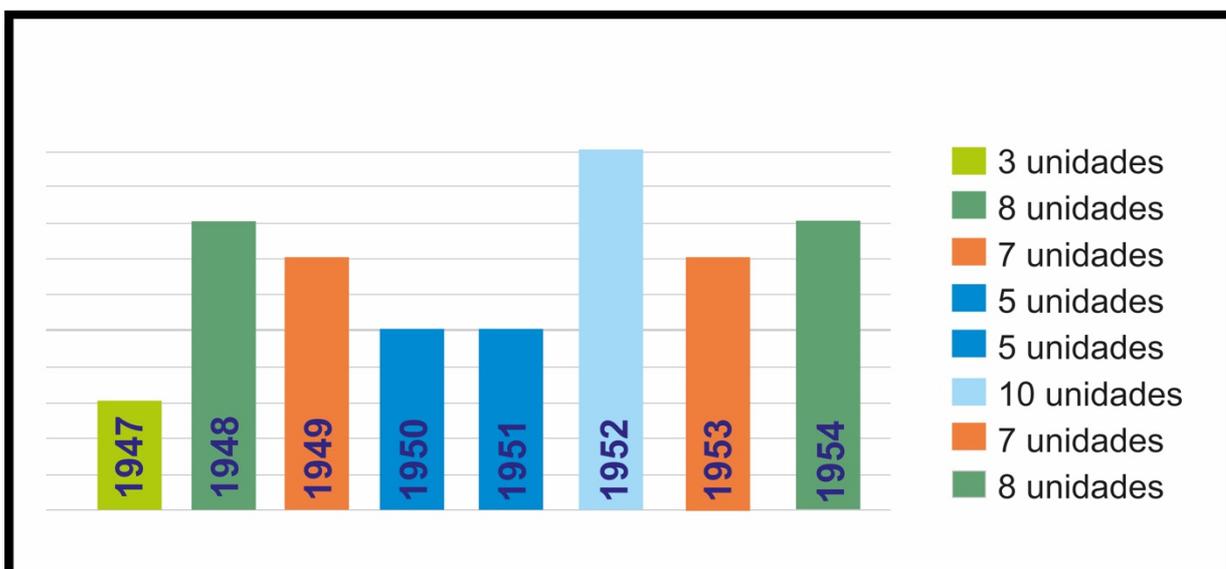
O aporte de tais trabalhos foi essencial, pois colaborou para o delineamento do caminho a ser percorrido, inclusive com o esclarecimento sobre os procedimentos metodológicos. Também foi importante, pois fortaleceu a minha crença de que o desenvolvimento do estudo em torno de periódicos seria profícuo. Segundo Bastos (2007), a imprensa pedagógica contribui no entendimento sobre as práticas acerca do cotidiano, e relaciona instruções, ideologias e contradições, em busca da compreensão sobre o campo educacional, trabalho pedagógico, práticas docentes,

ensino de disciplinas, reivindicações da categoria, entre outros aspectos que envolvem a História da Educação.

A etapa seguinte foi a de apresentação do projeto para a banca de qualificação e esse momento foi importante para que eu pudesse dar um novo direcionamento para a pesquisa. Em consonância com as sugestões da banca, de que eu explorasse apenas um dos impressos, obviamente o com o maior número de exemplares localizados, optei por restringir o campo exploratório para as edições do *Despertar*. A partir dessa definição, foi possível delimitar o recorte temporal para o período que compreendia a disponibilidade e acesso das edições do periódico, 1947 a 1954. E, essa escolha, ainda me permitiu delimitar o espaço para a área rural de Caxias do Sul.

A partir daí, iniciei o trabalho de organização dos documentos, fiz o *download*, nomei e datei as edições. Desse procedimento, surgiu o gráfico exposto na figura 2, que apresenta o quantitativo sobre os documentos disponíveis nos anos de circulação do periódico, utilizados nesta pesquisa:

Figura 2: Gráfico do número de edições por ano de circulação do *Despertar*



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Paralelo a isso, iniciei uma investigação em busca de informações sobre o impresso, buscando documentos que pudessem me esclarecer sobre a sua fundação, produção, circulação, tiragem e coordenação, por meio da investigação sobre outras fontes documentais acessadas no AHJSA e, também, pelo contato com a Secretaria de Educação de Caxias do Sul. Esta última iniciativa não produziu frutos, aliás, a gestão atual do órgão responsável pelo ensino caxiense não possui registros sobre o *Despertar*, tampouco, consegui, por meio do órgão, alguma indicação de sujeitos que pudessem me auxiliar nessa trajetória.

Nesse processo, por sugestão do orientador, conversei com Mônica Chissini, integrante do grupo de pesquisa GRUPHEIM, pelo seu envolvimento profissional com a Secretaria de Educação. Durante a conversa, citei um dos principais nomes que surgiram em diversas edições do *Despertar*, o de Ester Troian Benvenuti³, na expectativa de que ela pudesse indicar uma pessoa do convívio da professora Ester, e fui surpreendida com a informação de que a idealizadora do *Despertar* era sua tia-avó. Então, ela sugeriu procurar a entrevista que havia sido realizada com a sua tia-avó, que poderia ser acessada no AHJSA. De posse da transcrição da entrevista, e fazendo proveito dos demais documentos consultados, cheguei a informações que me ajudaram a entender o contexto de produção do periódico e a elaborar alguns questionamentos ao fazer uma primeira leitura de suas edições. A principal constatação, que acabou criando um novo norte para o estudo, foi a de que o *Despertar* não era produzido somente para professores e/ou alunos, mas que atingia à comunidade da área rural. Outras informações também emergiram, como, por exemplo, a de que o *Despertar* era uma produção dos professores vinculados à Diretoria de Instrução Pública Municipal, coordenada pela orientadora de ensino, professora Ester Troian Benvenuti, que sua circulação iniciou em 1947 e que sua tiragem era gratuita e compreendia uma média de 1200 exemplares mensais.

Para os questionamentos acerca das edições do *Despertar*, refleti sobre as considerações de Luchese (2014), sobre as problematizações do pesquisador no

³ No periódico *Despertar*, a professora Ester Troian Benvenuti era citada somente por Ester Troian – sobrenome de solteira; por isso, nos excertos do *Despertar* a professora aparece com o nome Ester Troian, nos outros casos, utilizei a designação Ester Troian Benvenuti.

processo de análise documental, em que a historiadora destaca a importância de se considerar uma série de questionamentos que envolvem o contexto cultural, social, econômico e político que permearam a produção do documento; além de refletir sobre a posição social e opiniões de seus interlocutores e sobre os indícios discursivos postos na fonte.

No que se refere aos procedimentos adotados para a análise do documento, tendo em vista a diversidade de assuntos tratados pelo impresso, durante o desenvolvimento dessa primeira leitura, percebi que haveria a necessidade de categorizar os diferentes temas tratados. A partir daí, busquei indicações de possíveis ferramentas que pudessem colaborar nessa tarefa, pois entendi que, pelo número de edições e de páginas por edição, resultaria em um número volumoso de registros. Outra preocupação era a de que essa ferramenta possibilitasse o cruzamento de informações e, também, que facilitasse a busca pelos excertos, agilizando a visualização dos diferentes temas abordados nas colunas do periódico.

Nessa altura do trabalho, pude participar de uma aula do Mestrado em Educação com a Patricia Weiduschadt, que apresentou o estudo realizado com a Revista *O Pequeno Luterano* e expôs os procedimentos metodológicos utilizados. A partir de acesso ao seu estudo, verifiquei que a pesquisadora utilizou um *software* para a organização do documento analisado, tal *software* desempenhava um papel semelhante ao de um banco de dados. Analisando o seu estudo, de modo especial, nos trechos que detalhava os dispositivos utilizados pelo *software*, percebi que conhecia uma ferramenta que me ofereceria acessórios semelhantes para a organização e catalogação das informações obtidas com a análise documental, ferramenta de fácil acesso e que eu já possuía certa habilidade para manipulá-la – a planilha de *excel*.

Considerando essa conveniência, optei por estruturar a análise a partir desse aplicativo, e, assim, iniciei a formatação da planilha de acordo com a minha necessidade, usando os espaços das colunas para catalogar diferentes informações do periódico e inserindo filtros para facilitar a localização das informações. No entanto, após realizar a leitura e catalogação de cerca da metade das edições do *Despertar*, percebi que o formato de planilha que havia organizado não atenderia

adequadamente a minha necessidade. Esse processo do estudo já havia tomado aproximadamente dois meses de trabalho, mas foi necessário realizar ajustes no formato da planilha, portanto inseri novas colunas/informações. As informações catalogadas até esse momento precisaram ser revisadas e inseridas no novo formato, mas não foram perdidas, pois realizei um novo arranjo do que já havia sido digitado no aplicativo e prossegui com a leitura e digitação das informações das demais edições. A figura a seguir expõem a organização da leitura das edições do periódico para análise:

Figura 3: Imagem do formato de organização das informações obtidas com a leitura do periódico *Despertar*, no aplicativo Excel

Componentes observados e filtros

Edição	Ano/Número	Página	Coluna	Componente	Conteúdo	Excerto	Categorias
103	setembro de 1954	VIII / 64	7	Colaboração e bôa vontade	Texto	A Bandeira - símbolo da Pátria - aluno do 3 ano Escola Machado de Assis	Civismo
104	setembro de 1954	VIII / 64	7	Colaboração e bôa vontade	Texto	14 de abril - Dia Pan-Americano - ferido nas américas - aluno do G. E. Frei Caneca	Civismo
105	outubro de 1954	VIII / 65	4	Colaboração e bôa vontade	Texto	Duque de Caxias - fala do dia 25 de agosto dia do maior soldado Brasileiro - Aluno do 4 ano da E. I. José de Alencar	
107	Novembro de 1954	VIII / 66	4	Colaboração e bôa vontade	Texto	Meus amiguinhos - o texto fala sobre Duque de Caxias - aluno do 3 ano da E. I. José Alencar	
108	Novembro de 1954	VIII / 66	4	Colaboração e bôa vontade	Texto	7 de setembro (aborda a história, epõem heróis nacionais) - aluna do 3 ano da Escola Farias Brito	
110	Março de 1954	VIII / 58	4	Colaboração e bôa vontade	Texto	Júlio de Castilhos - Fala sobre Júlio Prates de Castilhos que denominou Caxias do Sul como "Herói das Colônias" - aluna do 3 ano da Escola Joaquim Nabuco	
112	Junho de 1954	VIII / 61	4	Colaboração e bôa vontade	layout	Tiradentes - Fala do personagem da história como um herói - aluno do 2 ano do Grupo Padre Antônio Vieira	
113	Junho de 1954	VIII / 61	4	Colaboração e bôa vontade	layout	14 de abril - Dia Pan-Americano - ferido nas américas - aluna do 4 ano do Grupo Escolar Padre Antonio Vieira	

63 de 1840 registros localizados.

Número total de registros
Número de registros da categoria selecionada

Janela do filtro de Categorias

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Em relação ao procedimento de categorização, a princípio, não vinculei as matérias à nenhuma categoria específica, apenas considerei os temas abordados, conforme emergiam da leitura dos textos e imagens. Desse modo, obtive os seguintes temas tratados pelas diferentes colunas do *Despertar*: Analfabetismo e Alfabetização; Administração Municipal; Civilidade; Cidadania; Civismo; Civismo/Religiosidade e

Ensino; Clubes Agrícolas; Cooperativismo; Datas Comemorativas; Deficiência; *Despertar*; Diagramação⁴; Diretoria de Instrução; Educação; Escola; Escola e Estatísticas; Família; História; Humor; Imigrante; Inauguração / Eventos e Obras; Infância; Lúdico; Mãe; Magistério; Matérias; Natureza; Nenhum⁵; Pan-Americano; Práticas docentes; Práticas Escolares; Regionalismo; Religiosidade; Ruralismo; Saúde; Trabalho; Trabalho Manual; Urbanismo; Utilidades; Valores; Valorização do Colono/Agricultor e Valorização do Professor. Esse procedimento contabilizou 1840 registros.

Em um segundo momento, quando iniciei a análise das evidências, decidi que era preciso olhar para todos os temas abordados no periódico, buscando um ponto de encontro e incorporando os temas a categorias que levassem a um ponto comum, o que me ajudaria a compreender quais os maiores interesses dos produtores do periódico, considerando o número de ocorrências dessas categorias. Então, acomodei os temas encontrados de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 2: Temas⁶ encontrados no *Despertar* e categorias definidas pela pesquisadora

Temas	Categorias	Nº de registros
Administração Municipal; Diretoria de Instrução; <i>Despertar</i> ; Inaugurações/Eventos/Obras; Fiscalização	Administração Municipal	123
Analfabetismo e Alfabetização; Deficiência; Escola; Escola Estatísticas; Educação; Práticas Escolares; Trabalhos Manuais e Matérias	Escola	211
Civilidade; Cidadania e Saúde	Civilidade	208
Ruralismo; Ruralismo/Escola; Clubes Agrícolas; Cooperativismo; Imigrante; Regionalismo e Valorização do Colono/Agricultor	Ruralismo	323

⁴ Este não era um tema do periódico, mas um tema definido por mim, para discriminar o que se tratava da escolha de *layouts* e distribuição dos textos e imagens reproduzidos no periódico.

⁵ Neste tema foram anexados os componentes que não foram registrados em algumas edições do impresso.

⁶ Além dos registros identificados que constam no quadro 2, foram catalogados 155 itens que não se relacionam a categorias, mas que estão associados a aspectos que envolvem a diagramação do periódico.

Civismo; Civismo/ Religiosidade e Ensino; Datas Comemorativas; História; Pan-Americano; Trabalho e Valores	Civismo	348
Família; Infância e Mãe	Família	64
Humor; Lúdico	Lúdico	100
Práticas docentes; Magistério e Valorização do Professor	Magistério	124
Natureza	Natureza	66
Religiosidade	Religiosidade	87
Urbanismo	Urbanismo	24
Utilidades	Utilidades	7

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Como já mencionado, essa análise compreendeu a leitura dos textos e das imagens do impresso. Em relação às imagens, relatei-as às categorias definidas, de acordo com a minha interpretação. Busquei associações ao contexto do texto ao qual elas estavam relacionadas, ou, quando apareciam isoladamente, ao contexto da coluna em que foram inseridas. O intuito foi refletir sobre o modo como eram utilizadas no impresso, no sentido de fortalecer os discursos que estavam sendo transmitidos na edição do periódico em que eram veiculadas. Ou ainda, para fortalecer as representações construídas, no sentido de criar uma identidade ou uma coesão entre os grupos pelos quais o periódico circulava.

Outro ponto analisado, diz respeito à diagramação do periódico (títulos e distribuição de colunas), detalhes que contribuíram para tornar determinados assuntos mais ou menos atrativos para os diferentes leitores. E, também, empreendi a observação e a interpretação dos componentes que compunham as capas – editorial e identidade visual do impresso.

Durante esse procedimento de análise, percebi que as reflexões de Chartier (1991), sobre as diversas leituras de um texto e a importância de reconhecer e distinguir os leitores entre os que possuem mais ou menos habilidade para a leitura, são importantes para esse processo, além de se considerar que os procedimentos de interpretação, de expectativas e de interesses interferem na leitura e diferem os grupos uns dos outros.

Após a categorização dos componentes do periódico, realizei a busca por outros documentos, tais como: legislações federais, estaduais e municipais; relatórios

municipais; entrevistas; programas de ensino. Esses documentos foram acessados digitalmente pelos acervos da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul e AHJSA, presencialmente no acervo João Spadari Adami e Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul (CEDOC). Essas outras fontes corroboraram as considerações que eu tecia, ao longo do processo de análise, e me auxiliaram a articular as evidências encontradas ao contexto histórico, social e político vivido na época.

Encaminhando-me para os acertos finais do estudo, após revisar algumas referências usadas, deparei-me com excertos de entrevistas de docentes que reconheciam as contribuições da professora Ester Troian Benvenuti, para o ensino caxiense. Desse modo, decidi acessar esse novo documento, no acervo do CEDOC, buscando outras evidências sobre a presença da orientadora de ensino junto à comunidade da área rural.

Os caminhos metodológicos traçados para a pesquisa contribuíram para o entendimento das práticas desenvolvidas, das relações que se estabeleceram entre os agentes da escola rural, e das forças internas e externas que influenciaram os movimentos geradores, não somente de transformações no ensino, mas de transformações na sociedade, em especial, nos sujeitos que viviam na área rural caxiense. A investigação, por meio da análise documental, de um modo especial, em torno de periódicos, possibilita olhar para o passado, sob novas perspectivas, realizando deslocamentos pelo tempo e por diferentes espaços, e articulando as evidências encontradas ao contexto histórico e social vivido pelos sujeitos mobilizados pelos documentos. É um caminho que coopera para a interpretação do passado.

3 CONTEXTO DE CAXIAS DO SUL E DA IMPRENSA EDUCACIONAL

Contextualizar o espaço e o período de tempo a ser estudado auxilia para encontrar vestígios que ajudem a responder as conjecturas sobre o objeto de pesquisa. O desenvolvimento de um capítulo de contextualização também coopera para uma aproximação com os possíveis cenários que o pesquisador se deparará ao explorar as suas fontes. Esse processo ajuda a articular os fragmentos do passado e motiva o pesquisador a elaborar indagações sobre o objeto de pesquisa. Nesse contexto, nas seções que seguem, neste capítulo, buscarei conhecimentos que abranjam os diferentes contextos que cercaram esta pesquisa.

3.1 CAXIAS DO SUL E O MEIO RURAL

Compor uma narrativa histórica de Caxias representa compreender o modo como os grupos sociais contribuíram para o desenvolvimento deste lugar.

O ponto de partida deste estudo, em torno dos contextos históricos, é a chegada dos imigrantes italianos nesta região, considerando-se oportunos esses dados para o desenvolvimento da análise do *Despertar*. Herédia (2017), argumenta que, a partir de 1875, começaram a chegar os imigrantes italianos ao Campo dos Bugres⁷, colonos vindos de Belluno, de Treviso, de Padova, de Mantova e do Tirol. Desse modo, a colonização foi impulsionada nas terras caxienses, fato que corroborou a denominação desta região de Colônia Caxias⁸.

Herédia (2017) evidencia que, em 1878, a Colônia Caxias possuía 3.851 habitantes, e pertencia ao 5º Distrito de São Sebastião do Caí. Alguns anos mais tarde, por volta de 1890, a localidade já possuía 38 casas comerciais e 120 pequenas

⁷ O nome remete aos antigos habitantes da região, os índios Caingangues. A denominação foi usada pelo diretor da Colônia de Feliz, Dr. Mabilde, em 1850, e por Antônio Machado de Souza que, em 1864, resolveu abrir uma estrada entre os municípios de São João de Montenegro e São Francisco de Paula (CAXIAS DO SUL, 2019b).

⁸ Em 11 de abril de 1877, por determinação da Inspeção Especial de Terras e Colonização da Província do Rio Grande do Sul, a denominação oficial passava a ser Colônia Caxias, a alteração coincide com a instalação da sede da Colônia, no núcleo correspondente à 5ª légua, composta pelos Travessões Santa Tereza e Solferino, hoje subscrevendo as regiões sul e centro da cidade de Caxias do Sul (CAXIAS DO SUL, 2019b).

empresas industriais; os dezesseis mil habitantes produziam, vendiam, compravam e pagavam impostos (CAXIAS DO SUL, 2012, p. 25). Nesse período, a Colônia Caxias manifestava um progressivo desenvolvimento, o que foi determinante para sua emancipação do Regime Colonial, o que de acordo com Herédia (2017), aconteceu no ano de 1884, quando foi elevada à condição de Paróquia, ano em que registrou 10.591 habitantes, 400 casas e uma igreja. O passo seguinte foi a elevação à condição de município de São Sebastião do Caí, o que, segundo Herédia (2017), aconteceu em 1890, por meio de um ato do governo do Estado do Rio Grande do Sul (RS). A partir daí, passou a ser chamada de Vila de Santa Tereza de Caxias.

Outro momento que marcou a evolução de Caxias, destacado por Herédia (2017), que determinou a mudança do nome e da condição de vila para cidade e representou um tempo de progresso e prosperidade, foi a inauguração da estrada de ferro que ligava o município à capital do estado, em 1910. Nesta mesma data, por meio do decreto nº 1607, houve a simplificação do nome para somente Caxias.

Herédia (2017) explica que, com o crescimento rápido de Caxias, o que a diferenciava de outras colônias que surgiram na mesma época era porque chegava a uma autonomia e transformava-se em um centro de colonização italiana no Rio Grande do Sul.

Com o aumento do número de imigrantes na região, houve um avanço na formação das pequenas propriedades rurais, o acesso a essas propriedades, pelos italianos, seguia a organização da Administração Pública. Conforme Machado e Herédia (2001), as colônias agrícolas do Nordeste do RS foram divididas, inicialmente, em léguas quadradas, linhas e travessões. Nem todas as léguas possuíam o mesmo número de travessões, pois dependia dos acidentes dos terrenos. Dessa maneira, os limites das colônias eram demarcados pelos travessões, ou seja, pelas divisões entre as localidades. Os pesquisadores assinalam para o fato de os imigrantes, no período inicial da Colônia, prestarem serviços que lhes garantiam ganhar o dinheiro para pagar as dívidas com a aquisição dessas terras; por isso muitos trabalhavam na abertura de estradas, na construção de barracões e abrindo picadas.

O sistema de agricultura local foi se constituindo, a partir da aquisição destas terras pelos imigrantes e de seu trabalho nessa produção. Segundo Mertz (2004), os

imigrantes constituíram um sistema agrário colonial⁹, com características de pequena propriedade cultivada pelos membros de uma família e um sistema de produção de policultura, incluindo-se aí, também, a atividade da pecuária. O pesquisador ressalta que nesta região de colonização italiana, entre os muitos produtos cultivados, ainda houve uma dedicação para a produção de uvas e vinhos.

O cultivo seguia as características da região e das estações do ano, além dos agricultores observarem as necessidades de suas famílias, e produzirem o necessário para a subsistência das colônias. Conforme Machado e Herédia (2001), os pequenos produtores, proprietários de terras, iniciaram a história da zona colonial, por meio do trabalho familiar. Dedicavam-se ao cultivo de frutíferas como as uvas, marmelos, peras e maçãs; mas o milho era uma das principais culturas de sustentação da colônia italiana, pois, além de ser usado como alimento da família, era utilizado como fonte de criação de animais como aves, porcos, entre outros.

A organização dessas propriedades rurais era muito simples, as casas rústicas eram cercadas por estábulo, paiol, chiqueiro e galinheiro; hortas eram plantadas, além de lavouras para as produções agrícolas. Informações da Administração Municipal dão conta de que a fertilidade da terra proporcionava boas safras de batata, feijão, mandioca, amendoim, abóbora, tomate, pimentão, trigo e milho. As propriedades, ainda, desenvolviam criações de porcos, galinhas e gado. Nesse período, os tropeiros eram responsáveis pelo fluxo de diferentes produtos, como, por exemplo, embutidos, banha, vinho, farinha e queijo, atividade que impulsionou o comércio e o princípio da industrialização na cidade (CAXIAS DO SUL, 2019a).

Caxias, assim como outros municípios desta região, contou com o trabalho das famílias de imigrantes italianos, o que fortaleceu a produção agrícola local. Porém, o modelo de agricultura desenvolvido nesta região, também foi influenciado por outros imigrantes, tais como os alemães.

⁹ Caracterizava-se pela dedicação à agricultura. No Rio Grande do Sul, esse novo sistema teve início em 1824, com a implantação das colônias (MERTZ, 2004, p. 281).

Herédia (2017) explica que, ao longo dos anos, os imigrantes italianos mudaram o processo de plantio, influenciados pelos imigrantes alemães da encosta da Serra. Outro fator que transformou o sistema de cultivo foi a implantação das vinhas, que caracterizaram a economia local, transformando-se em umas das principais culturas permanentes desta localidade, e viabilizando a geração de ganhos. Conforme a autora, no início da Colônia Caxias, os colonos imigrantes instalaram suas atividades comerciais na praça da vila, onde os italianos colocavam seu excedente de produção. As casas comerciais assumiam uma função de troca, onde os colonos deixavam o produto de seu trabalho, com juros mínimos, dessa forma, as casas comerciais sempre se beneficiavam. Para Herédia (2017), Caxias do Sul transformou-se em um “forte centro de produção agrícola e de intenso comércio”, o que favoreceu a expansão econômica, com contribuição do crescimento urbano e da agricultura.

O desenvolvimento das atividades comerciais na cidade também foi evidenciado por Machado e Herédia (2001), que explicam ter sido comum a população se reunir aos domingos pela manhã na igreja para atender as questões religiosas e, após, em espaço público, aproveitarem para negociar os produtos produzidos em suas terras.

Esse desenvolvimento da comercialização produzida localmente favoreceu o crescimento de estabelecimentos para o beneficiamento da produção agrícola, que, segundo Herédia (2017), aconteceu com a produção de uvas, de vinho, de banha, de aveia e de feijão. O que fomentou o consumo, uma maior produção e, conseqüentemente, a expansão da agroindústria local.

Alves Paz (2013) discorre sobre o desenvolvimento da indústria nesta região, na década de 30, período em que a economia local se destacava pela força das indústrias têxteis, de metalurgia, de madeiras e de alimentos, mas com importante contribuição da produção agrícola. A referida pesquisadora acrescenta que as edições da Festa Nacional da Uva¹⁰, dos anos 1931 e 1932, foram significativas para o fortalecimento da agroindústria.

¹⁰ Caxias do Sul era uma cidade em pleno desenvolvimento e comemorava a colheita de 42 mil toneladas de uva, o que a tornava responsável por um terço da produção gaúcha da fruta. Essa produção possibilitou aos exportadores que fossem exportados 21,1 milhões de litros de vinho, e a primeira Festa da Uva foi realizada para celebrar esse sucesso (BARBOSA, 2015, p. 262).

Para Herédia (2017), o progresso da indústria em Caxias foi rápido. Na década de 1930, existiam 190 estabelecimentos e, em dois anos, o número foi ampliado para 280 indústrias. Apesar desse período ter sido marcado por uma crise nacional, de acordo com documentos da Administração Municipal analisados pela pesquisadora, a produção industrial local cresceu, em comparação com a produção agrícola.

Nessa mesma década, o país passou por transformações políticas que interferiram em diversos segmentos. Tomazoni (2011) ressalta que a Revolução de 1930¹¹, iniciou uma mudança profunda na política nacional brasileira, incentivada pelas diretrizes do Estado Novo (1937-1945). Além disso, o Rio Grande do Sul apresentava uma difícil situação política em razão do partidarismo presente em instâncias administrativas estaduais, situação que foi amenizada, por meio de arranjos políticos que contemplavam as esferas partidárias e, por meio do apoio à administração estadonovista¹².

Nesse contexto político, Alves Paz (2013) ressalta que Caxias ocupou um importante papel, apoiando o governo estadonovista com o fornecimento de gêneros alimentícios e de vestuário, e com o apoio de empresários da cidade às forças do governo Vargas.

Enquanto uma parcela da população expressava seu apoio ao Governo Vargas, outra, especialmente a composta por imigrantes, sentia as consequências das ações contundentes, a fim de dar força à política de valorização nacional. Durante esse regime, houve uma grande pressão sobre as instituições que mantinham vivas as tradições europeias, especialmente alemães e italianos. O fechamento de escolas

¹¹ A crise das oligarquias foi um passo crucial para a revolução. Com o impacto da crise de 1929, o então presidente paulista Washington Luís resolveu apoiar a candidatura de seu conterrâneo Júlio Prestes. Conhecida como “Política do Café Puro”, a candidatura de Júlio Prestes rompeu com o antigo arranjo da “Política do Café com Leite”, em que os latifundiários mineiros e paulistas se alternariam no mandato presidencial. Insatisfeitos com tal medida, um grupo de oligarquias dissidentes – principalmente de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba – criaram uma chapa eleitoral contra a candidatura de Júlio Prestes. A chapa encabeçada pelo fazendeiro gaúcho Getúlio Dorneles Vargas prometia um conjunto de medidas reformistas. Entre outros pontos, os liberais defendiam a instituição do voto secreto, o estabelecimento de uma legislação trabalhista e o desenvolvimento da indústria nacional (SOUSA, 2018, não paginado).

¹² Em novembro de 1937, com apoio de integralistas, militares e intelectuais, Getúlio Vargas suspendeu a Constituição de 1934 e colocou todos os partidos políticos na ilegalidade. Era o início do Estado Novo, que comandaria a vida política por meio de um regime centrado nos amplos poderes cedidos ao Poder Executivo. De revolucionário e constitucionalista, Vargas passou a assumir o papel de ditador até 1945 (SOUSA, 2018, não paginado).

e o impedimento da circulação de produções editoriais na língua materna desses imigrantes foram algumas das ações que caracterizaram a fiscalização do governo no período.

Tomazoni (2011) explica que, entre as condutas adotadas para a validação dessa política de nacionalização, durante o governo Vargas, encontram-se a proibição do uso da língua italiana e o fechamento de escolas e associações, especialmente a *Sociedade Príncipe di Nápoles*¹³.

A preocupação do governo Nacionalista se justifica pelas ações das Pátrias-Mães dos imigrantes, que fixavam diretrizes para o ensino no exterior. Conforme observado por Luchese (2014), no caso dos italianos, essas instruções objetivavam influenciar para a manutenção dos laços e disseminação de um discurso fascista, além de angariar ganhos para a pátria dos imigrantes, por isso a difusão da língua e da cultura italiana eram importantes. Segundo a historiadora, era por essa razão que o governo italiano realizava investimentos, como, por exemplo, o envio de uma diversidade de livros às escolas dos imigrantes.

As ações nacionalistas direcionadas aos imigrantes europeus tinham como propósito impedir o fortalecimento dessas comunidades e de ideologias defendidas no país de origem. Os movimentos nacionalistas referidos foram estudados por Gertz (2005), que destaca a preocupação das autoridades em relação aos italianos em virtude das atividades fascistas nas regiões de colonização desses imigrantes, de modo especial, no Rio Grande do Sul. Gertz (2005) explica que houve uma atuação nacionalizadora em escolas, com o objetivo de controlar o uso da língua estrangeira, sendo que, em alguns casos, aconteceu a modificação dos nomes de instituições, e ocorreram perseguições e prisões de imigrantes.

Luchese (2014) faz reflexões quanto às imposições nacionalistas à comunidade italiana, especialmente a que se referia ao uso da língua materna, a partir de 1942, o que impunha dificuldades, particularmente à população mais idosa. Para a autora, a

¹³ As Sociedades de Mútuo Socorro eram associações que assumiram, em diferentes contextos, funções de intermediação e preservação dos laços com a pátria de origem, reforçados pelas festividades cívicas, também, eram espaços de auxílio mútuo, em caso de doença, morte ou sinistro, além de muitas atuarem na área do ensino (LUCHESE, 2009, não paginado).

Igreja Católica foi apoiadora desse processo, com a adoção da liturgia na língua portuguesa.

Mesmo apesar de o processo de nacionalização ter sido conduzido, em alguns momentos, por situações de tensão, de confronto e de pressão, a determinados grupos sociais, esses movimentos não represaram o crescimento de Caxias do Sul. Recebe destaque o período a partir da II Guerra Mundial, quando a produção das empresas locais despertou o interesse do Exército Brasileiro e indústrias, como, por exemplo, a Metalúrgica Abramo Eberle, Gazzola, Travi & Cia. e o Lanifício São Pedro passaram a abastecer os militares brasileiros com artefatos bélicos. Nessa época, Caxias do Sul contava com 512 estabelecimentos industriais, 372 casas de comércio e concentrava 76% da produção de vinhos do estado, ou seja, a cidade continuou a se desenvolver (CAXIAS DO SUL, 2012).

De acordo com Machado e Herédia (2001), o acerto harmônico entre o governo municipal e as lideranças empresariais contribuíram para compor o perfil industrial da cidade e para o desenvolvimento desse segmento.

No que se refere ao cenário político, após Caxias passar a ser identificada como Caxias do Sul, pelo decreto nº 720 de 29 de dezembro de 1944, esteve sob administração dos seguintes prefeitos: Dante Marcucci (1935 a 1947); Eduardo Ruiz Caravantes (novembro de 1945 a dezembro de 1945); Demétrio Niederauer (maio de 1947 a dezembro 1947); Luciano Corsetti (1947 a 1951); Euclides Triches (1951 a 1954); Hermes João Webber (janeiro de 1954 a 1955) e Rubem Bento Alves (1956 a 1959).

Entre as contribuições dos prefeitos citados anteriormente, dou destaque para os projetos desenvolvidos por Dante Marcucci, pela inovação das ações promovidas, tais como: o primeiro aeroporto; a melhoria da telefonia; a modernização de ruas no centro; a ampliação de represas; além de proporcionar melhorias da área de ensino com investimentos em escolas da zona rural (OLIVEIRA, 2015a). As representações nas memórias da comunidade sobre o governo Marcucci o identificam como um homem de grande habilidade política, atribuindo-se a ele, também, as negociações para incluir o município no traçado da BR-116, estrada inaugurada em 1941. Além disso, o gestor é descrito como um articulador do processo de urbanização da cidade,

por ter contribuído para a modificação do cenário, impulsionando características de progresso.

O incentivo municipal à urbanização da cidade também se identifica, por exemplo, nas representações sobre progresso, ciência e industrialização em uma matéria do *Despertar*, publicada na coluna Noticiário, na qual há a divulgação da aquisição de máquinas pela Prefeitura, o que contribuiu para a abertura de ruas e para o melhoramento de estrada municipais. Na matéria, há ênfase ao benefício conquistado com a aquisição do maquinário, pois substituiria o trabalho de 150 homens, em um dia (DESPERTAR, 1947a, p.14). Mesmo em se tratando de um impresso de responsabilidade do órgão público municipal, percebo, pelas contribuições das bibliografias anteriores, que as notícias do jornal corroboram a constatação de que as políticas do governo municipal colaboravam para criar um panorama que facilitasse uma organização do cenário rural caxiense.

De acordo com estatísticas do IBGE, em 1940, eram 20.123 pessoas na área urbana e 19.377 na área rural; dez anos depois, eram 36.742 na área urbana e 22.791 na área rural. Esses números revelam o êxodo dos habitantes da área rural para a área urbana, possivelmente por estarem em busca de novas perspectivas profissionais, abertas em virtude do aumento do número de indústrias (IBGE, 2013).

Houve um progressivo crescimento da população de Caxias desde 1950, quando o número de habitantes era igual a 53.850, enquanto que em 1960 a população dobrou e atingiu o número de 102.333 habitantes. Esses números evidenciam o pujante desenvolvimento da cidade, especialmente do segmento industrial, que, ao gerar oportunidades de trabalho na cidade, motivava a vinda de mais habitantes para as áreas urbanas (CAXIAS DO SUL, 2012).

O movimento de crescimento da área urbana e de expansão da indústria fez com que houvesse uma preocupação em se criar grupos para o fortalecimento do trabalho realizado pelos agricultores na zona rural, buscando o fortalecimento da identidade desses sujeitos e melhores condições de vida às famílias que se dedicavam à produção agrícola.

Segundo Grando e Mertz (2010), a partir dos anos 50, houve um estímulo do Estado do Rio Grande do Sul para a formação de cooperativas entre os agricultores.

O objetivo era resistir aos movimentos sociais que apareceram nas regiões coloniais, em contraposição aos movimentos pela reforma agrária. Nas décadas seguintes, constituíram-se os sindicatos dos trabalhadores rurais, tutelados originalmente pela ala conservadora da Igreja Católica, o que fortaleceu as ideias de cooperativismo e alavancou o desenvolvimento dos pequenos produtores.

Na Lei Orgânica de Caxias do Sul, do ano de 1948, é possível observar que há o incentivo, por parte do governo, aos produtores rurais. No artigo 66 dessa lei, o município se posiciona como prestador de assistência aos trabalhadores rurais, aos pequenos agricultores e às suas organizações legais, auxiliando e proporcionando meios de produção, de trabalho, crédito fácil, saúde e bem-estar. E, no artigo 67, a administração municipal se coloca em posição de organizar fazendas coletivas, orientadas ou administradas pelo poder público, para a formação de atividades agrícolas. Na sequência, o artigo 68 aborda a isenção de tributos aos veículos de tração animal e aos instrumentos de trabalho do pequeno agricultor, utilizados no serviço da própria lavoura ou no transporte de seus produtos (CAXIAS DO SUL, 1948a, p. 17).

Evidencio a preocupação da Administração Municipal com a área rural, também, nas colunas do *Despertar*, especialmente no espaço destinado às orientações às famílias de agricultoras, conforme o excerto:

A Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal, dá início, hoje, através desta secção de o "Despertar", a publicação de uma folha dedicada aos nossos agricultores. Nesta secção os nossos patrícios que labutam no interior do município, encontrarão, todos os meses, um apanhado geral de assuntos de interesse dos mesmos: notas avisos e instruções, técnicas sobre agricultura e veterinária, recomendações, respostas a consultas que fizeram, informações e notícias em geral do que vai pelo sector da lavoura e criação do município. Atenção, pois, Srs. agricultores e criadores caxienses. Esta é a vossa folha de "O Despertar". Lede-a sempre." (DESPERTAR, 1949c, p. 3).

Apesar do crescimento da área urbana e dos avanços na indústria, nas décadas de 40 e 50, a zona rural ainda conservava grande parte da população do município, e a administração municipal despendia esforços aos assuntos da área rural, como observado no excerto anterior do *Despertar*. Os assuntos sobre a área

rural ocupavam uma boa parte do espaço mensal do periódico, e ainda apareciam em outras colunas, tais como as de notícias. Em coluna específica sobre o tema, tratada inicialmente de “Conselhos sobre Agricultura”, e mais tarde renomeada para “Informações Rurais”, diferentes assuntos relacionados à agricultura, especialmente a familiar, eram abordados, como, por exemplo: cuidados com os arvoredos e com os vinhedos, poda, orientação para acabar com os vermes dos porcos, conselhos sobre caça e pesca, adubação, mecanização da lavoura, formas de cultivo, erosão das pastagens, inimigos das plantas, criação de gado, preparo de terreno para horta, alimentação das aves, produção do vinagre de vinho, entre outros.

Entre as demandas surgidas pelas comunidades das áreas rurais, ao longo do período estudado, que ficaram registradas em diversas edições do *Despertar*, encontrei diferentes trechos que abordam a expansão do ensino, com a instalação de novas escolas na área rural. Por isso percebi a importância de dedicar um espaço, neste estudo, para explorar o contexto do ensino em Caxias do Sul, de modo especial, o que se desenvolveu na área rural, buscando, por meio de documentos e outros estudos, conhecimentos que possam auxiliar no entendimento de como articulavam-se as orientações e prescrições divulgados pelo órgão responsável pelo ensino municipal, com as práticas das comunidades rurais que circundavam o espaço escolar. Nesse sentido, também utilizei o *Despertar*, buscando vestígios que contribuíssem para estas reflexões e outras mais considerações acerca da História da Educação na cidade. Dessa forma, no próximo subcapítulo, abordarei aspectos da escolarização em Caxias do Sul e do ensino nas áreas rurais.

3.2 ESCOLARIZAÇÃO EM CAXIAS DO SUL

Este é um tópico importante para o entendimento sobre os aspectos históricos que envolvem o progresso da cidade de Caxias do Sul e, de um modo especial, para o aprofundamento deste estudo, pois tangencia a questão da escolarização no município.

Olhar para a escolarização é fazer uma incursão sobre os diferentes movimentos da escola caxiense. Como, por exemplo, a instalação das instituições do

tipo confessionais católicas nesta localidade. Conforme Bergozza (2010), as escolas do tipo confessionais católicas iniciaram as suas atividades nesta região por volta do ano de 1900. Algumas dessas escolas são de origem francesa, como é o caso do Colégio São José e do Instituto das Escolas Cristãs dos Irmãos Lassalistas, ainda hoje em funcionamento em Caxias.

Alves Paz (2013) também discorre sobre as instituições escolares com características religiosas, com funcionamento entre as décadas de 1920 e 1930, mas com origem italiana, como, por exemplo: o Orfanato Santa Teresinha – hoje Colégio Madre Imilda; o Colégio Agrícola Murialdo - sob direção dos Padres Josefinos de Murialdo; e o Colégio São Carlos - dirigido pela congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas. Outro pesquisador que teceu considerações acerca das escolas orientadas por congregações religiosas foi Grazziotin (2010), que destaca o trabalho desenvolvido por três instituições, consideradas por ele pioneiras no ensino caxiense, a Congregação das Irmãs de São José, do ano 1901, destinada à educação de moças; o Colégio do Carmo, dos Lassalistas, do ano de 1908, voltado ao ensino dos meninos; e o Seminário Diocesano Nossa Senhora Aparecida, de 1938, sob responsabilidade dos Freis Capuchinhos, proposta à formação do clero.

Outros fatores foram impulsionadores do crescimento escolar, entre eles, as necessidades surgidas com o crescimento demográfico local: de acompanhar o avanço da indústria e do preparo da população para uma vida mais urbanizada. Nesse sentido, a rede pública municipal de ensino se desenvolveu para atender à demanda da população, de modo especial, os que tinham pouca ou nenhuma condição de investir em escolas do ensino privado.

Roso (2012) reflete sobre a história da rede municipal de ensino, datando a década de 1890 como impulsionadora do avanço do ensino público; em virtude desse período histórico ser assinalado pela emancipação de Caxias do Sul do município de São Sebastião do Caí. Outra referência para uma melhor organização e ampliação do ensino local, destacada pela autora, foi o apoio do governo estadual, que aconteceu em 1910.

Dalla Vecchia, Herédia e Ramos (1998) enfatizam que o apoio do governo estadual, por meio da subvenção das escolas municipais foi importante, pois contribuiu com a qualidade do ensino, com investimentos na construção, na manutenção de escolas e no pagamento dos honorários dos professores.

Outro fato marcante do contexto escolar caxiense, pesquisado por Alves Paz (2013), refere-se à expansão das escolas laicas e gratuitas, a partir da década de 20, ao passo que aconteceu uma diminuição das escolas étnico-comunitárias e colégios confessionais.

Bergozza (2010) destaca a atuação de um projeto educacional protestante, em 1920, com a inauguração de escolas, o que forçou uma reação da Igreja Católica para não perder o espaço conquistado. Essa reação da Igreja Católica é evidenciada com a abertura de escolas paroquiais, como as organizadas pelo Monsenhor João Meneguzzi. Para a pesquisadora, a educação formal caxiense, no século XX, esteve vinculada às ações da Igreja Católica; porém, na década seguinte, por volta de 1934, essas escolas paroquiais acabaram sendo fechadas, em virtude das dificuldades financeiras, o que impossibilitava a manutenção de suas estruturas, dos salários dos professores e, também, porque o Ensino Religioso já era ministrado nas escolas públicas.

A história da escolarização de Caxias do Sul deixa vestígios de que as congregações religiosas estabelecidas nesta região cumpriram um papel importante para o ensino e, assim, contribuíram para o avanço das escolas, além de atuarem na manutenção da fé e da crença praticada por esta comunidade; o que influenciava nas práticas dos sujeitos que se relacionavam com os espaços escolares e no modo como a escola se constituiu ao longo dos anos.

Outro momento importante para o ensino em Caxias do Sul é o que se relaciona à instalação de escolas para a formação de professores. As instituições com essas características foram instaladas para atender à formação de profissionais que constituíssem o perfil de docente que atuaria em consonância com as políticas de ensino estaduais e municipais, de modo especial, visando à campanha contra o analfabetismo.

Conforme Luchese e Bergozza (2010), a escola complementar foi instalada em Caxias do Sul, com o apoio do Governo Estadual e da mobilização da Intendência do município, com o intuito de trazer bons resultados para a instrução regional, de modo especial, no âmbito da alfabetização da população. De acordo com as pesquisadoras, a Escola Complementar de Caxias foi instalada em 1930, no centro da cidade, e além de formar novos professores contribuiu para a qualificação dos professores que já atuavam antes da abertura da escola. A instalação da escola para a formação de professores também caracterizava o sentimento de modernidade e progressismo, típicos de uma cidade que estava em ascensão (BERGOZZA; LUCHESE, 2010, p. 127). As estudiosas consideram que o ensino era influenciado por uma pedagogia que pertencia ao discurso escolanovista.

Bergozza (2010) destaca que a Escola Complementar foi a primeira para a formação de professores primários na cidade, surgida a partir de regulamentação proposta no governo de Borges de Medeiros, em 1927, que propiciou a criação de escolas complementares no interior do estado.

O estudo do contexto histórico das escolas caxienses permite que se perceba a importância dos movimentos de caráter nacional, sejam políticos, econômicos ou sociais, e a influência exercida para as transformações das instituições escolares, do mesmo modo que as transformações da sociedade da época. A interferência das políticas, nacionalistas, influenciava na criação de um modelo, a partir de um ensino prescritivo, quase que buscando moldar um perfil de cidadão brasileiro.

Na Constituição Brasileira de 1934, foram estabelecidas leis sobre a educação, o trabalho, a saúde e a cultura que expandiram os direitos de cidadania dos brasileiros. A Lei Orgânica Municipal de Caxias do Sul, de março de 1936, trouxe para o poder público várias questões e a fixação de políticas públicas. No artigo 71, da lei municipal, Caxias assume o compromisso de estimular “[...] o desenvolvimento das *sciencias*, das artes, das letras e da cultura em geral [...]”. Nesse período, a educação formal conquistou maior atenção por parte do poder público, que definiu que, para a manutenção e desenvolvimento do ensino, no mínimo, 10% da renda proveniente dos impostos municipais seria aplicada na área. Além disso, houve o estabelecimento de regras para o ensino nas escolas públicas e particulares, entre

elas, a que definia que o ensino deveria ser ministrado no “idioma Pátrio”, proibindo-se o ensino em língua estrangeira, uma forte influência do Estado Novo sobre o ensino caxiense (CAXIAS DO SUL, 1936a, p. 27).

Ainda em relação aos aspectos de contexto da escolarização caxiense, vejo relevância em desenvolver as influências do Nacionalismo sobre o ensino promovido nesta localidade, de modo especial, identificando enfoques que possam ter sido tratados em referência aos movimentos nacionalistas.

De acordo com Benedete Netto (2014), o decreto de 24 de abril de 1936 da Prefeitura de Caxias do Sul, definia um Programa de Ensino nas Escolas Rurais que dividia o ensino em séries e que se orientava pelas seguintes disciplinas: linguagem, aritmética, geometria, lições de cousas, higiene, geografia, instruções cívicas, instrução moral, história, religião e canto. Segundo o pesquisador, após alguns anos, ocorreu uma mudança na denominação de algumas destas disciplinas e, em 1943, no decreto 43, o programa dividiu-se nas seguintes disciplinas: matemática, linguagem, estudos sociais, estudos naturais, moral e civismo, desenho e artes aplicadas e música. Para Benedete Netto (2014), as referências aos princípios de nacionalização estavam presentes nas disciplinas de estudos morais e cívicos, história e música.

Para Thoen (2011), na década de 30, a escola transformou-se em um mecanismo de formação do cidadão, e constituiu-se em instrumento para silenciar os imigrantes que vieram para a nossa região. Para o pesquisador, foi uma política educacional que marcou o Rio Grande do Sul, especialmente os municípios que foram colonizados pelos imigrantes italianos e alemães, particularmente pela proibição da língua de origem desses sujeitos.

Kreutz (2010) ressalta que o nacionalismo precisava criar certa unidade simbólica, por isso dedicou-se a constituir um sistema único, que prestasse sua contribuição na formação de uma cultura uniforme.

Segundo Luchese (2014), entre as ações nacionalistas sobre a educação, em Caxias do Sul, consta o fechamento do colégio Ítalo-Brasileiro Príncipe de Piemonte, em 1938. De acordo com a autora, durante esse período, Caxias também mudou o seu programa de ensino e houve um aumento das inspeções, buscando-se o cumprimento, por parte dos professores e alunos, das orientações dadas no

programa, entre elas, o ensino cívico e o uso exclusivo da língua portuguesa. A historiadora considera que os professores tinham como responsabilidade reportar, por meio de relatórios, as atividades desenvolvidas na escola, e relatar fatos ocorridos na comunidade. Outra prática destacada por ela, nesse período nacionalista, foi a mudança nos nomes de escolas, ruas, praças e localidades, para nomes que lembrassem pessoas ou monumentos históricos brasileiros.

As ações de apoio ao governo Vargas e a sua política nacionalista repercutiram na cidade. Se por um lado Caxias conheceu efeitos positivos dessa política, que contribuíram para o avanço urbano, da indústria e crescimento da cidade, por outro, uma parcela da população, constituída pelos imigrantes, precisou se adaptar a um novo modelo que priorizava ações que fortaleciam a identidade do cidadão brasileiro, especialmente representadas pelas manifestações de “amor” pela nova pátria.

Alves Paz (2013) afirma que, na década de 30, novas propostas pedagógicas surgiram, impulsionadas por políticas educacionais. Segundo a pesquisadora, até então, as escolas objetivavam ensinar os alunos a ler, escrever e contar, mas, a partir dos anos 30 e, essencialmente nos anos 40, as mudanças ganharam força extra.

Conforme Benedete Netto (2014), em 1930, o estado do Rio Grande do Sul conheceu uma escola que pregava princípios higienistas e que visava à educação moral e cívica da população. As escolas urbanas apresentavam um caráter utilitário na formação de trabalhadores para a indústria e para o desenvolvimento do país.

Além da instauração desses assuntos, que referendavam os ideais nacionalistas, algumas escolas, nesta cidade, também desenvolviam um ensino mais profissionalizante, preparando os sujeitos para o trabalho, outro aspecto defendido durante o Estado Novo. Nesse sentido, Werle e Sá Brito (2006) destacam o trabalho desenvolvido pelo Colégio Nossa Senhora do Carmo, anexo à Escola La Salle, em 1936, quando atendia, nos cursos primário, ginásial e supletivo, aos que possuíam poucos recursos econômicos; e, anos depois, oferecendo cursos mais técnicos, voltados ao secretariado e ao auxiliar de escritório.

Roso (2012) explica que, a partir da década de 30, as profundas alterações educacionais em nível municipal eclodiram, principalmente pelas mudanças na

formação de professores, pelo emprego de novos programas de ensino e pela influência de novas propostas pedagógicas e ideológicas. Segundo Roso (2012), esse período de transformações estendeu-se até o término do governo de Getúlio Vargas. Em 1945, Dante Marcucci estava à frente da administração do município de Caxias do Sul e promoveu a melhor organização do ensino, acompanhando as escolas, por meio de visitas de inspeção.

Outro ponto que pode ser evidenciado pela expansão do ensino é o aumento de instituições destinadas à formação das jovens. Ainda na década de 30, Roso (2012) destaca a instalação de mais uma escola com esse perfil, nesta região. O Colégio São José formou mestres de 1934 até 1940 e reabriu em 1947, com o nome de Curso de Formação de Professores Primários (Curso Normal). Segundo a autora, como se tratava de uma congregação religiosa, as Irmãs de São José atendiam exclusivamente ao público feminino. De caráter particular, destinava-se às alunas de famílias com melhores condições financeiras.

No que se relaciona à gestão da administração municipal ao ensino, segundo Benedete Netto (2014), no início década de 30, em Caxias do Sul, o sistema de ensino contava com uma Escola Normal, escolas públicas e particulares, sob a gestão da inspetoria municipal. Entre os anos de 1935 e 1936, o Conselho Estadual de Educação, em conjunto com a secretaria de educação e as coordenadorias regionais, traçou os rumos da educação em todo o estado. De acordo com o pesquisador, dez anos depois, a secretaria municipal assumiu as escolas isoladas e os grupos escolares do meio rural e de alguns distritos anexos a Caxias.

À medida que o número de escolas urbanas particulares aumentava, o mesmo ocorria com as escolas públicas rurais, no final da década de 30. Segundo Dalla Vecchia, Herédia e Ramos (1998), o fato de as escolas estarem bem presentes na área rural justifica-se, porque, no ano de 1938, o total de habitantes da área rural ainda era maior do que na área urbana. De acordo com os autores, as escolas municipais da área rural eram destinadas ao ensino primário, onde, normalmente, apenas um professor lecionava e as turmas eram mistas, mas predominantemente femininas.

De acordo com Luchese (2014), a expansão da escola pública foi incentivada pelo projeto de construção de uma nação brasileira pelo nacionalismo. Por essa

perspectiva, na década de 30, segundo a pesquisadora, as escolas étnico-comunitárias diminuíram, e o Estado, com o apoio da Igreja, estiveram à frente da escolarização dos imigrantes.

O avanço da rede pública de ensino também aconteceu entre as décadas de 50 e 60, mas, nesse período, em número maior na área urbana, possivelmente pelo desenvolvimento da cidade, com a instalação de novas indústrias, crescimento do comércio e, conseqüente aumento do número de habitantes. Pelos estudos consultados, percebo que este crescimento beneficiou, particularmente, as mulheres, pois o magistério era uma das poucas profissões que as jovens daquela época podiam ocupar.

A exemplo disso, havia a escola complementar, hoje Instituto Cristóvão de Mendonza, que atuava na formação de professores. De acordo com Roso (2012), no início dos anos 50, 32 docentes já haviam concluído a sua formação na Escola Complementar e lecionavam no município. Dessa forma, a Escola Complementar construiu uma história importante no ensino das jovens caxienses, de um modo especial, àquelas menos abastadas, mas que tiveram na escola a oportunidade de adentrarem na carreira de docentes.

Refletir sobre os aspectos de contexto de escolarização do município possibilita compreender as relações entre os movimentos históricos e o modo como as escolas da região progrediam. Também permite entender a influência da política, da economia, da religião e da cultura sobre diferentes áreas da sociedade da época, de modo particular, acerca do ensino.

Sabendo que o periódico – objeto de estudo desta pesquisa, circulou entre os professores, alunos e famílias da área rural, percebo a importância de ampliar essas reflexões e aprofundar informações em torno do contexto de escolarização, mas com foco no ensino promovido na área rural. Desse modo, o próximo subcapítulo trará a abordagem mencionada.

3.3 O ENSINO NO MEIO RURAL

A leitura do *Despertar* permite reflexões sobre as práticas desenvolvidas pelas pessoas que viviam no espaço rural caxiense. Para auxiliar na compreensão dessas evidências, é relevante aprofundar os conhecimentos sobre o contexto que cercava esse espaço, por meio de informações que contribuam para a interpretação dos textos e imagens que foram publicados no jornal. Assim, busquei aportes em outros estudos desenvolvidos, em torno das escolas das áreas rurais, a fim de que pudessem cooperar para que a minha análise esteja fundamentada.

Segundo Kreutz (2000), quando os imigrantes alemães, italianos, poloneses e japoneses se estabelecerem nas áreas rurais, constituíram núcleos étnico-culturais e formaram escolas elementares comunitárias, com forte influência da religião. Segundo o historiador, no Brasil, as escolas étnicas-alemãs tiveram maior representatividade, apresentando um número de 1.579 instituições na década de 1937; as italianas, em menor número, se comparadas com as alemãs. Kreutz (2000) explica que entre 1938 - 1939, com a nacionalização compulsória do ensino, as escolas étnicas foram fechadas ou transformadas em escolas públicas. Isso aconteceu, por meio de uma sucessão de decretos federais de nacionalização.

Conforme Rech, Kreutz e Luchese (2012), a introdução do ensino na área rural contou com a participação dos imigrantes e/ou descendentes de italianos, especialmente nas primeiras décadas do século XX. Segundo os estudiosos, as escolas que foram construídas pelas comunidades italianas, ao longo dos anos, passaram a ser geridas pela administração municipal, apoiadas pelo governo do Estado, que subvencionava o salário dos professores.

Segundo Dalla Vecchia, Herédia e Ramos (1998), nos primeiros anos do século XX, o número de escolas, alunos e professores teve um aumento progressivo, em 1910 eram 16 escolas, 16 professores e cerca de 600 alunos na rede municipal. Segundo as historiadoras, o apoio do governo do Estado por meio de subvenções foi importante para a escolarização em Caxias do Sul. De 1910 a 1929, os recursos financeiros eram utilizados na manutenção de escolas, pagamento de professores e expansão do número de escolas municipais.

Ainda sobre as escolas municipais, Luchese e Grazziotin (2015) abordam sobre a seleção dos professores para a área rural, um processo que consistia da indicação de candidatas pelas famílias de imigrantes, normalmente as que possuíam mais conhecimentos. Algumas assumiam o cargo como um meio alternativo ao trabalho agrícola e, também, com a expectativa de iniciarem uma nova profissão. Esse processo era provocado pela ausência de formação entre as candidatas e pela pequena exigência para o início na carreira docente. Com relação as exigências, Luchese e Grazziotin (2015) destacam que as candidatas eram submetidas a ditado de um pequeno texto, à realização de cálculos e, também, a alguns questionamentos orais sobre fatos da história e da geografia do Brasil – conhecimentos tidos como necessários aos alunos das escolas isoladas rurais; além, da condição de que falassem o português.

Com referência à formação de professores para a área rural, em Caxias, Werle e Sá Brito (2006) sinalizam a presença da Escola Normal e da Escola Normal Rural, diferentes quanto à pedagogia usada. A Escola Normal Rural ensinava a ler, a escrever e desenvolvia um trabalho voltado à formação do cidadão para o ambiente rural, por isso os alunos recebiam conhecimentos relacionados ao meio rural. Segundo as pesquisadoras, o professor rural não deveria estimular “modas” da área urbana, mas, buscar a alfabetização das crianças, orientando-as para uma formação higiênica, de amor e de capacidade para as atividades rurais. De acordo com as autoras, em Caxias, nos anos de 1943, a Escola São José do Murialdo oferecia uma formação específica para a área rural. Essa escola estava entre as 3 instituições em todo o estado do Rio Grande do Sul, com o modelo descrito anteriormente.

O desenvolvimento do ensino nas áreas rurais buscava respeitar as peculiaridades dos espaços em que estavam inseridas as escolas, por isso a importância de as docentes identificarem os aspectos que circundavam o âmbito escolar. Mesmo sem uma formação específica, muitas docentes eram conduzidas às escolas nas áreas rurais pela experiência familiar nesses espaços. Por essa perspectiva, suponho que esse fator fosse um ponto favorável para a construção de representações da comunidade rural sobre as docentes que atuavam nessas localidades e, conseqüentemente, para a aceitação, não somente do trabalho

desenvolvido por elas, mas, de modo especial, das orientações para as práticas desenvolvidas nessas comunidades.

Segundo Roso (2012), as escolas municipais localizadas na área rural destinavam-se ao ensino primário, dividido em quatro anos, com a orientação de apenas um professor, na maioria dos casos. As escolas eram mistas, ou seja, para meninos e meninas, e grande parte dos professores atuava com todas as classes em uma mesma sala. Roso (2012) explica que, na maioria das vezes, os alunos praticavam a religião católica.

De acordo com Almeida (2007), em 1937, o estado do Rio Grande do Sul elaborou um plano para o desenvolvimento da educação rural e, entre as iniciativas públicas, estava a criação da Superintendência do Ensino Rural, que aconteceu em 1947, e que tinha como atribuições: organizar e dirigir o ensino às populações da área rural no primeiro grau e ensino normal. Outro momento importante destacado pela pesquisadora, foi a criação do Plano de Educação Rural, em 1954. Ainda, segundo Almeida (2007), a escola rural deveria ensinar conhecimentos básicos, dar condições mínimas para as pessoas da área rural sobreviverem nas cidades, no caso de migração; e, também, desenvolver saberes que estivessem alinhados às necessidades de vida dessas pessoas.

Apesar da criação de órgãos e políticas que tinham a função de fomentar o ensino rural, na década de 40, a demanda de escolas para comunidades mais afastadas era grande. Benedete Netto (2014) mostra uma realidade difícil enfrentada pelas comunidades isoladas, como por exemplo, escolas com classes que comportavam estudantes de níveis e séries diferentes – geralmente do primeiro ao sexto anos, definidas como classe multisseriada. Esse recurso era utilizado nas escolas que apresentavam um número baixo de matrículas, e nas áreas rurais, para tentar equilibrar a falta de condição e a necessidade por educação. Conforme Benedete Netto (2014), houve períodos em que as escolas rurais de Caxias do Sul passaram pela fase de isolamento geográfico e pedagógico, mas, desde 1940, a Prefeitura Municipal promove ações de acompanhamento e qualificação dos docentes, nucleação das escolas e, realiza investimentos em transporte, bem como em infraestrutura, o que diminuiu a condição de isolamento escolar do interior.

A caracterização das escolas isoladas também foi traçada nos estudos de Souza (2015) e de Werle (2005), onde os pesquisadores refletem sobre o ensino rural diferente ao ministrado na área urbana, especificamente, no que se refere às exigências aos alunos e à frequência em aula. Possivelmente, por haver o entendimento dos órgãos públicos de ensino para o fato de que a distância percorrida pela criança até a escola, em grande parte das vezes, era longa e, também, porque muitas crianças contribuíam com o trabalho realizado na lavoura essa diferença fosse considerada. Esse aspecto ficou evidente em trecho do *Despertar*:

[...] Muitas são as causas que dificultam ou impedem a boa frequência. Vejamos quais as mais comuns [...] b- Distância da escola: o afastamento muito grande da escola da residência dos alunos é outro fator que dificulta a frequência regular. c – Trabalho da Criança: Na zona rural o emprego das crianças na lavoura é muito natural. Com isso, a frequência escolar é prejudicada, principalmente por ocasião das colheitas (DESPERTAR, 1947b, p. 3).

A entrevista da professora Ester Troian Benvenuti, orientadora de ensino da Diretoria de Instrução Públicas, corrobora para essa evidência:

Nos primeiros anos realmente acontecia, na época da colheita do trigo, os que podiam, e na colheita da uva. Os que podiam, que tinham capacidade de ajudar, realmente diminuía a frequência. Iam só os pequenos. Mas este foi um trabalho assim, que aliás, a gente recebeu a devida orientação, porque depois que a gente assumiu esse cargo de orientadora do ensino, periodicamente a gente tinha reunião com os centros de pesquisas. Então elas davam as recomendações de esclarecer os pais, né? Quer dizer que os últimos anos eu visitava as nossas escolas, em período da colheita de trigo [...] (BENVENUTTI, 1983, p. 9).

Apesar das dificuldades encontradas para o acesso à escola, pelas crianças das áreas rurais, e das circunstâncias descritas do trabalho realizado por elas nas terras de suas famílias, a professora Ester Troian Benvenuti defendia que havia interesse dos agricultores na educação das crianças: “[...] eu sempre notei muito interesse, muito interesse naquela época [...] eu sempre notei da parte dos agricultores um grande interesse [...] (BENVENUTTI, 1983, p. 2).

Conforme Benedete Netto (2014), na década de 40, a Prefeitura Municipal de Caxias do Sul inaugurou uma série de escolas isoladas em distritos como: Fazenda Souza, Santa Lúcia do Piaí, Vila Oliva, Criúva e Vila Seca. Segundo o pesquisador, essas ações visavam transmitir, aos moradores, a ideia de que a gestão pública valorizava as comunidades rurais.

A professora Ester Troian Benvenuto reforça as considerações de que o município de Caxias dirigia atenção para o ensino nas áreas rurais, quando afirma que haviam escolas que eram abertas para atender um pequeno número de alunos, ação que, de acordo com a orientadora de ensino, nenhum outro município do estado fazia: “[...] Caxias do Sul sempre foi um dos municípios do estado, que sempre se conservou em primeira linha em matéria de educação municipal, de ensino rural [...]” (BENVENUTTI, 1983, p. 10).

Como foi evidenciado nos estudos apresentados anteriormente, o ensino nas áreas rurais diferia do que acontecia nas áreas urbanas, especialmente no que se referia aos conhecimentos destinados às práticas na agricultura e na pecuária. Isso porque, o conteúdo ministrado na área rural considerava as peculiaridades e a realidade social desse espaço, além das práticas compartilhadas pelas pessoas que ali conviviam.

Segundo Weschenfelder (2003), a educação integral dos escolares rurais, na década de 1950, buscava a promoção da educação física, intelectual, moral, social, artística e econômica das crianças. Outras instituições colaboravam para uma educação integral, tais como, os Clubes Agrícolas, que trabalhavam os conhecimentos relativos à agricultura, fortalecendo uma mentalidade agrícola e o interesse das novas gerações para essas questões.

Werle (2004) desenvolveu uma tabela que apresenta a evolução das escolas rurais, no final do século XIX, no qual fica evidente que o número de escolas rurais, na região de Caxias (4ª CRE), era muito maior, 129 escolas nas áreas rurais contra 14 instituições de ensino próximas dos centros urbanos. Essa situação se manteve até a primeira década do século XX. Contudo, a historiadora considera que houve uma desatenção para com a área rural, no atendimento escolar e no âmbito das políticas públicas, no estado do Rio Grande do Sul.

As diferenças entre a escola urbana e a escola rural foram apontadas em diferentes estudos, considerando questões como a formação dos professores, ou melhor, a ausência de formação e uma investidura no cargo pela indicação das famílias, dada a necessidade de docentes para as localidades do interior. No que se refere à formação, o estudo de Rech, Kreutz e Luchese (2012) traz as memórias de uma professora da rede pública de ensino, e, pelo seu depoimento, é possível compreender que as docente iniciavam a carreira muito jovens, acerca dos 13 anos de idade, que o processo de seleção para o cargo tinha poucas exigências e que, sem qualquer experiência, acabavam tendo como referência as suas próprias mestras. Por meio da lembrança dessa docente, foi possível saber que após alguns anos exercendo a função, o poder público implementou exames para a manutenção do cargo de professora, por volta de 1928, sendo uma forma de averiguar o nível técnico dos professores locais.

A premência da instauração de procedimentos que tratassem da qualificação das profissionais da rede pública municipal é observada na edição de julho de 1949, do *Despertar*. A divulgação apresenta a iniciativa da Administração Municipal para a realização de cursos de suficiência e, também, concursos para o ingresso de novos docentes à rede: “Realizar-se-á nos dias 15 e 16 do mês em curso, o exame de suficiência do magistério Municipal. Avisamos as interessadas que devem inscrever-se até o dia 10 do mesmo, impreterivelmente, juntando prova de possuírem 18 anos” (DESPERTAR, 1949b, p. 10). A notícia dá indicação de que, com o passar dos anos, a administração municipal passou a buscar uma adequação do corpo docente, pela exigência de qualificação, criando um processo de avaliação. Suponho que, pela subvenção do Estado, algumas exigências eram referendadas pelo órgão estadual.

De acordo com Rech, Kreutz e Luchese (2012), a partir dos anos de 1930, houve um incremento do processo escolar motivado pelas políticas públicas estaduais. Essa constatação corrobora para o pensamento de que esses incentivos públicos foram essenciais para o desenvolvimento de ações para a formação dos professores locais, encontrando-se outras formas, que não a formação escolar dos professores, pois em 1930, Caxias ainda não contava com uma instituição com esse

modelo de ensino. Essa necessidade, possivelmente, motivou a instalação da Escola Complementar de Caxias do Sul, na década de 30.

Conforme Roso (2012), no início da década de 1950, havia 32 professores cursando a Escola Complementar, denominada posteriormente de Escola Normal Duque de Caxias.

No que se refere aos investimentos públicos ao ensino em Caxias, pela leitura do *Despertar*, identifiquei que parte dos recursos foram destinados a melhorias estruturais dos prédios, à contratação de professores, e à criação de novas unidades escolares. Ainda, evidencio, a organização da escola rural: os prédios eram distribuídos em distritos que se avizinhavam à cidade, alguns desses, hoje já emancipados de Caxias.

Quanto à criação de escolas para a formação dos docentes, Werle (2007) destaca a fundação da escola gerida pela Congregação dos Padres Josefinos de Ana Rech, conveniada à Secretaria de Educação, que passou a oferecer o espaço da Escola Normal Rural, em 1942. Essa instituição tinha como objetivo a formação de professores primários para as escolas das áreas rurais. De acordo com Werle (2007), pelo convênio firmado com a Secretaria, os professores formados pela escola Murialdo integrariam o corpo docente das escolas rurais da região. Para entrar na Escola Normal Rural Murialdo, os candidatos deviam preencher alguns requisitos, tais como: preferencialmente serem provenientes de área rural e não serem portadores de deficiências.

Segundo Werle (2007), da mesma forma que eram trabalhados nacionalmente os currículos para as escolas de formação de professores, para a área rural, no RS, era desenvolvido um currículo semelhante. Os conteúdos abrangiam estudos agropecuários, além de destacarem o ruralismo, o patriotismo, a importância de uma formação específica para o ensino nas escolas rurais e orientarem para uma formação espiritual.

Almeida (2007) considera que as escolas rurais foram criadas para atender às políticas educacionais adequadas às necessidades das populações do interior. Por isso, a proposta era formar professores que estivessem preparados para assumir uma espécie de “liderança” no meio rural. Por essa razão, os currículos continham saberes

do campo, associados a conhecimentos científicos, linguísticos e pedagógicos. Outro ponto destacado pela pesquisadora, refere-se ao interesse dos homens em buscar uma formação para o ensino rural, justamente pela possibilidade de exercerem uma posição de liderança nas comunidades rurais.

A formação dos docentes para a área rural também foi evidenciada nas páginas do *Despertar*. Em suas edições, há discursos de exaltação ao trabalho agrícola, que indicam uma atuação para o fortalecimento da identidade dos agricultores. A exemplo disso, há a notícia publicada sobre a criação da diretoria de fomento e assistência rural, uma iniciativa destinada a influenciar a economia do município e prestar assistência aos agricultores para o desenvolvimento da produção (DESPERTAR, 1947a, p. 4). Além do mais, havia a divulgação de colunas fixas com temas sobre a agricultura, higiene, conselhos sobre saúde e orientações para comportamentos religiosos. Outra evidência que corrobora é o texto publicado na coluna “Educação e Ensino”, que orienta os professores rurais para o desenvolvimento de conhecimentos necessários que os qualificassem para a atuação nas áreas rurais, de acordo com o excerto que segue:

[...] Para ser de fato eficiente na sua missão, deve o professor rural conhecer os problemas específicos da região em que exerce magistério, abrangendo agricultura, higiene, economia, alimentação, pequenas indústrias domésticas. Ensinar a alimentar-se corretamente, a cultivar uma horta, a criar galinhas e abelhas, a defender-se contra endemias e tantas outras noções indispensáveis à vida exige não só conteúdo pedagógico, mas igual dose de conhecimentos técnicos, tão necessários quanto aquele e de valor equivalente na habilitação profissional do mestre. Isto porque, professor rural qualificado é aquele que tem domínio sobre a natureza, os problemas da saúde e da produção, e tudo, enfim, quanto interesse à região [...] (DESPERTAR, 1951a, p.2).

A partir da leitura anterior e de outras que evidenciam o desenvolvimento de temas ligados ao agricultor, percebo que os produtores do periódico estavam preocupados em expressar uma ideia de que a administração municipal “admirava” as pessoas que viviam nas comunidades rurais e, também, que se interessava por manter as características identificadoras dessas localidades, inclusive por meio do ensino ofertado pelos professores do ensino público. Considero, também, que o

impresso possa ter exercido influência sobre o modo de “ensinar”, promovido pelos professores nesses espaços. Ainda, é possível supor que as peculiaridades da vida rural tenham criado uma cultura escolar própria, que se diferenciava da cultura escolar encontrada nas instituições das áreas urbanas, reforçando um modo de vida simples, mas considerando transformar algumas práticas dos sujeitos que viviam na área rural, por intermédio da atuação do professor.

Varela (1986) aborda os aspectos, na Espanha, que diferenciavam a criança da área rural à da área urbana, com questões que tangenciam o trabalho na agricultura realizado por elas, o que poderia ter criado uma concepção de que esses seriam alunos com um processo de compreensão mais lento. Para Varela (1986), o sistema educativo se configurou tardiamente na área rural, justamente pelo trabalho realizado pelas crianças e, por isso, as famílias preocupavam-se em ensinar apenas o necessário para o trabalho e para a vida rural. Assim, segundo o pesquisador, se justificaria a distinção entre a educação rural e a da cidade; além de haver o estigma de que essa região se constituía de pessoas pobres que necessitavam apenas de uma instrução mínima.

No estudo de Rech, Kreutz e Luchese (2012), é possível refletir sobre a relação trabalho x escola, na área rural. A partir das memórias de docente da escola rural, os pesquisadores refletem sobre o desempenho das atividades escolares, pelas crianças, concomitante aos afazeres de casa e na lavoura. Também, ressaltam o apoio familiar ao trabalho dos professores, de modo especial, na cobrança, em casa em relação aos ensinamentos da escola. Em outro depoimento, nesse mesmo estudo, é evidenciado o exercício de trabalhos manuais como, por exemplo, o tricô, o bordado e o crochê, entre as atividades dadas em aula para as meninas; e trabalhos manuais que envolviam madeira, para os meninos. Percebo, então, que havia um investimento numa formação das crianças que atendessem a um rol de conhecimentos julgados necessários a cada um dos gêneros.

A ênfase dada a algumas atividades no ensino rural é evidenciada na leitura do periódico *Despertar*, pois, em diferentes edições, encontram-se imagens para bordados, especialmente na coluna “Para você, Criança”; além de receitas domésticas, dentro da sessão “Utilidades Práticas”, publicadas mensalmente. Outra

atividade também incentivada, por meio das páginas do periódico, estimulava os afazeres manuais, tais como a construção de móveis, a partir de caixotes de madeira.

Segundo Werle (2005), houve uma mudança no posicionamento dos governos em relação ao ensino rural, a partir do decreto Nacional de lei nº 868 de 1938, elaborado para combater o analfabetismo e multiplicar a cultura cívica. Época também em que a gestão pública municipal passou a exercer a fiscalização do ensino, além de apresentar uma melhor organização da educação caxiense, o que permitiu um aumento dos vencimentos dos professores e a construção de casas adequadas para escolas rurais e suburbanas. Esses investimentos com o ensino público foram pontos evidenciados no *Despertar*, com destaque para a publicação de avisos sobre concursos para o cargo de professor e sobre o aumento dos vencimentos dos docentes, além de notícias sobre a construção de novos prédios e consequente inauguração de novas escolas, como, por exemplo: “Prosseguindo no seu plano de trabalhos, elaborado para este exercício, no setor da Instrução Pública, o Governo Municipal, dia 10 de setembro, último, inaugurou na zona Kaizer, distrito de galópolis mais um estabelecimento de ensino primário. [...]” (DESPERTAR, 1950d).

Ao longo dos anos, as mudanças no ensino, especialmente, na área rural, foram sendo delineadas pelas políticas nacionais para o ensino. O governo federal brasileiro adotou estratégias para a criação de um “organismo de caráter nacional” com o intuito de coordenar o ensino primário. A esse órgão do governo competia a articulação das três instâncias do poder público para o combate ao analfabetismo e integral nacionalização do ensino primário (WERLE, 2005, p.9). Werle (2005) explica que tratavam das diferenças entre o ensino de áreas urbanas e rurais, da estruturação do currículo primário, do dimensionamento da obrigatoriedade escolar e da gratuidade do ensino primário, além de tratarem sobre a carreira do magistério primário e sobre o ensino religioso.

Segundo Souza (2015), o ensino no meio rural foi indispensável para se pensar e construir a escola pública no Brasil. A partir da década de 30, politicamente aconteceu um esforço em prol do ensino público, procurando-se qualificação da organização do ensino primário. Conforme o historiador, algumas políticas de ampliação ao acesso de alunos foram consolidadas e, na década de 30, as ideias

nacionalistas influenciaram o ensino rural, para uma abordagem em defesa da pátria, buscando a criação de uma identidade nacional brasileira. Assim, a escola contribuía para o êxito desse projeto, trabalhando para diminuir os índices de analfabetismo e uniformizando valores e sentimentos nacionalistas na área rural.

Werle (2005) reflete sobre a progressiva mudança no ensino rural, entre os anos 20 e 30. Contrariamente ao urbanismo, surge a valorização da escola rural como campo de experiência. Segundo a historiadora, foi exatamente nesse contexto que iniciou a idealização da escola rural, no entanto, apenas nos anos 40, os cursos normais rurais foram instituídos. Entre as escolas pesquisadas por Werle (2005), consta a Escola Normal Rural¹⁴ La Salle, voltada para o ensino dos meninos. A escola funcionou no período de 1941 a 1972, com um currículo destinado à formação de professores para a área rural, que desenvolvia conhecimentos acerca da agricultura, da terra, do trato dos animais e da agricultura especial; além de desenvolver conhecimentos sobre ensino de adubação, química do solo, conservação do solo e sua recuperação. De acordo com a pesquisadora, no ano de 1943, o estado do Rio Grande do Sul possuía três Escolas Normais Rurais: a da Arquidiocese, em Porto Alegre; a La Salle, em Serro Azul (Cerro Largo); e a Escola São José do Murialdo, em Caxias.

Os conhecimentos desenvolvidos pela Escola Normal Rural de Caxias do Sul surgem nas colunas do *Despertar*, especialmente, os que tratam sobre temas relacionados ao trabalho na lavoura, no formato de orientações sobre cultivo da terra e dos animais; destaque também os trechos de valorização do trabalho do agricultor, como o excerto que segue:

Quando se fala das classes produtoras que constroem o porvir da pátria na luta incessante e estóica do arado, da enxada e de outras máquinas agrícolas, sente-se uma alegria e uma vontade um tanto fora de comum, para

¹⁴ Segundo Werle (2005), a escola Normal Rural apresentava um currículo especializado para a formação de professores para o ambiente rural, com o estudo da terra e para o trato dos animais domésticos em geral, incluindo a suinocultura, bovinocultura, entre outros, atendendo às peculiaridades do meio em que se situavam, e às suas finalidades específicas, dar maior desenvolvimento aos estudos e técnicas que interessassem à vida rural. De acordo com Martiniak (2018), a Escola Normal destinava-se aos interessados em seguir a carreira de docente e aos professores que exerciam o magistério; os candidatos precisavam atender a exigências mínimas, tais como, ser cidadão brasileiro, maior de dezoito anos, saber ler e escrever.

se, com toda a força dos pulmões, entoar um hino de louvor e de reconhecimento àqueles homens valorosos que de sol a estrela, na modéstia e humildade de suas pessoas e gestos, procuram aumentar a riqueza do patrimônio nacional. A introdução deste comentário diz, sem vaidade e sem rodeios, do pensamento sincero da administração caxiense para com os nossos agricultores. Que intenção poderia alimentar o executivo municipal senão o de apoiar no máximo possível a colônia? Desde a sua posse, com férrea ambição e interesse, o chefe do governo caxiense voltou o melhor dos seus esforços, a mais decidida de sua colaboração aos homens e às mulheres da lavoura, para, usando dos meios disponíveis e da receita prevista, ajuda-los em seus afazeres e em suas necessidades (DESPERTAR, 1948a, p. 11-12).

Semelhantemente a outras fontes documentais, que contribuíram para que diferentes pesquisadores articulassem as evidências encontradas à teoria e reconstruíssem ou fizessem a sua interpretação sobre a História da Educação em Caxias do Sul, o periódico *Despertar* possibilita reflexões sobre a evolução das escolas rurais nesta localidade. Além disso, é possível olhar para o periódico como um objeto a ser estudado, pensando em como ele transportou as estratégias da administração pública para diminuir a distância com a comunidade rural, uma distância geográfica e uma distância social. As mensagens publicadas no impresso, não somente, serviram para qualificar o trabalho realizado na área rural, mas fortaleceram a disseminação de conhecimentos relacionados a essa área, como também orientaram o comportamento de docentes e alunos, angariando um apoio importante para a implantação de políticas que atingiam diversas esferas, extrapolando o campo educacional.

Weschenfelder (2003) promoveu um estudo em torno da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, especificamente, sobre a seção “Educação Rural”. Nessa pesquisa, analisou como a Revista problematizava a educação rural, a docência, as atividades pedagógicas, as formas de viver no campo e os modos de plantar, de produzir e de consumir. Segundo a historiadora, esses textos funcionavam como veículo, pois, ao problematizar tais questões, criavam verdades sobre um modo de ser rural e em torno do ser docente da área rural.

Analisar o contexto histórico de Caxias em torno da escolarização nas áreas rurais é um recorte importante para a interpretação dos vestígios deixados, especificamente, neste estudo, que tem como objeto de investigação uma publicação

que destinada à comunidade da áreas rural. Espero, também, que novos vestígios possam emergir, a partir da pesquisa, possibilitando revisitar uma história do ensino rural desta cidade e das práticas aqui desenvolvidas. Por isso, percebo a importância de buscar compreender como evoluiu a categoria de documento que está sendo utilizado como objeto e fonte neste estudo. Então os próximos subcapítulos tratarão sobre o contexto da imprensa no Brasil e, mais especificamente, da imprensa educacional.

3.4 ASPECTOS HISTÓRICOS DA IMPRENSA NO BRASIL

Os veículos da imprensa escrita podem ser usados nas pesquisas como fontes e, também, como objetos de estudo. Esses documentos não somente guardam a “narrativa” de seus editores sobre a suas perspectivas de momentos da história, como possibilitam emergir vestígios que corroboram a interpretação da história pelos pesquisadores. Por isso, pretendo, nesta seção, investigar a respeito da imprensa no Brasil e, mais especificamente, em Caxias do Sul. O aprofundamento sobre o tema é facilitador no desenvolvimento do capítulo de análise que acontecerá em torno do *Despertar*.

Ainda no que diz respeito às contribuições dos documentos produzidos pela imprensa para a pesquisa, Catani e Bastos (1997) ponderam que é um *corpus* documental de ampla dimensão e que se transformou no testemunho vivo de uma época, possibilitando o conhecimento da ideologia moral, política e social de determinados grupos sociais.

Em relação à história da imprensa, Jardim e Brandão (2014) explicam que, no Brasil, ela surgiu tardiamente, somente em 1808, com a vinda de D. João VI, a *Gazeta do Rio de Janeiro* foi lançada. Outro importante jornal que circulou nesses primórdios, fazendo oposição à *Gazeta*, foi o *Correio Braziliense*, editado por José Hipólito da Costa¹⁵, que teve impressão na Inglaterra para driblar a censura no Brasil, já que continha conteúdo crítico à corte.

¹⁵ Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça foi um jornalista, nascido na Colônia de Sacramento (Uruguai), em 1774, e falecido em Londres, na Inglaterra, em 1823. É patrono da cadeira

A *Gazeta do Rio de Janeiro* foi um periódico impresso pela *Impressão Régia*¹⁶, recém-instalada no território brasileiro. Foi escrito, inicialmente, pelo frei Tibúrcio José da Rocha¹⁷. A *Gazeta* seguia o padrão das gazetas europeias de Antigo Regime, que circulavam na esfera do Estado absolutista, campo de disputas simbólicas e não de referências monolíticas.

O princípio da imprensa, no Brasil, mostra duas realidades distintas, a dos jornais que circulavam com a concordância da coroa, e a da imprensa de oposição aos ideais da monarquia, constituída de forma clandestina. Esse confronto de ideias contribuiu para o avanço da imprensa em nosso país.

Pasquini, Guedes e Chaguri (2013) falam sobre o impacto da independência do Brasil sobre a imprensa brasileira. As ideias antagônicas que envolviam esse processo ficavam evidentes nas publicações transformando os jornais em instrumentos de reivindicações da sociedade. Segundo os pesquisadores, em meio às discussões sobre a independência, surgiu um importante tipo de periódico denominado de *Pasquim*¹⁸, portador dos anseios populares, que desempenhou um importante papel na história da imprensa.

Os movimentos em torno da independência e, depois, em torno dos ideais republicanos, tiveram repercussão sobre o progresso da imprensa. Ao longo da história do Brasil, os jornais foram usados como instrumentos na disseminação de ideais e para transformações na sociedade.

De acordo com Morel (2008), alguns jornais seguiram caminhos distintos daqueles que defendiam o debate político, como, por exemplo, *O Jornal do Commercio*, criado no Rio de Janeiro, em 1827; e o *Diário de Pernambuco*, de Recife, do ano de 1825 (ainda hoje o mais antigo da América latina em circulação). O

nº 17 na Academia Brasileira de Letras e patrono da imprensa e dos estudiosos da realidade brasileira. Tem-se dito fundador do primeiro jornal Brasileiro (ABL, 2018, não paginado).

¹⁶ A própria *Impressão Régia* não pode ser considerada apenas divulgadora de papéis oficiais, pois desenvolveu ampla e complexa atividade tipográfica, tornando-se a primeira editora a funcionar em território brasileiro (MOREL, 2008, p. 30-31).

¹⁷ Frei Tibúrcio nasceu no Porto, em 1778, seus antepassados ocuparam funções importantes na estrutura da Inquisição. Foi educado na religião católica e na adolescência ingressou na Terceira Ordem de São Francisco no Colégio do Espírito Santo, em Évora (DINIZ, 2009).

¹⁸ O *Pasquim* é um jornal de formato pequeno, normalmente composto de 4 páginas, e escrito por no máximo 2 pessoas (PASQUINI; GUEDES; CHAGURI, 2013, p. 5).

pesquisador destaca o papel dos impressos de linha mercantil e noticiosa, que tiveram circulação pioneira, como por exemplo, o *Jornal de Anúncios*, de 1821. Morel (2008) ressalta que não houve uma transformação repentina, mas uma mudança gradativa, ao longo do século XIX.

Conforme Martins e De Luca (2011), entre os anos de 1820 e 1830, houve uma ampliação do número de leitores e, conseqüentemente, da tiragem dos impressos. Segundo as pesquisadoras, houve uma ampliação da atividade de imprensa nas províncias a partir da circulação de alguns jornais, tais como: *Aurora Pernambuca* (1821), *Conciliador*, do Maranhão (1821), *O Paraense* (1822), *Compilador Mineiro* (1823), *Diário do Governo do Ceará* (1824), *Farol Paulistano* (1827) e *Diário de Porto Alegre* (1827).

A evolução da mídia impressa é um reflexo da evolução da sociedade, a exemplo disso, há a participação da mulher na produção dos impressos. Segundo Martins e De Luca (2011), até a primeira metade do século XIX, a mulher participava como consumidora do jornal, ou produzindo ensaios de moda. Entre as referências desse trabalho: *O Espelho Diamantino*, de 1827; *O Correio das Modas*, de 1839; e, o *Jornal das Senhoras*, do Rio de Janeiro, editado por Joana Paula Manso de Noronha¹⁹.

O advento da República ampliou a imprensa escrita e possibilitou a diversidade de jornais, que, além de revelarem uma abordagem política, também apresentavam uma variedade de temas. Conforme Martins e De Luca (2011), de 1889 a 1930 as produções mantinham colunas políticas, mas, também, traziam assuntos que envolviam aspectos da urbanidade, do progresso e de diferentes práticas culturais. Segundo as pesquisadoras, nesse período houve o surgimento de jornais de grande porte, entre eles: *O País*, *Jornal do Brasil*, ambos de 1891; o *Estado de S. Paulo*, de 1875; e, no ano de 1920, surgiram publicações como a revista *La Colonia*, de São Paulo (SP), relacionada a produções para imigrantes.

A partir da imprensa brasileira, é possível buscar vestígios de diferentes movimentos políticos. As páginas dos jornais apresentam versões da história do país

¹⁹ Segundo Martins e De Luca (2011), Joana Paula Manso de Noronha foi uma argentina, editora de um dos primeiros jornais com propósito feminino, que abrigava a mulher como escritora.

sobre a ótica dos diferentes produtores, que não usavam de isenção na produção dos artigos publicados no meio. Por isso, em alguns trechos da história do Brasil, a imprensa foi submetida a intervenções coercitivas do governo, que buscava o controle sobre o conteúdo publicado. Nesse sentido, o governo brasileiro, no período do Estado Novo, censurou conteúdos e fechou jornais. Martins e De Luca (2011) explicam, que durante esse período, os periódicos precisavam manter registros junto ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)²⁰, muitos deles, cerca de 30%, não conseguiram obter autorização do departamento para circular. Outro fator coercitivo, segundo as autoras, foi a isenção de taxas alfandegárias na importação do papel, pois os jornais necessitavam de apoio do governo para a importação do material. Para Martins e De Luca (2011), a imprensa foi parte ativa no desgaste que acabou levando à deposição de Getúlio Vargas, em 1945.

Os movimentos políticos foram um importante combustível para o crescimento da imprensa, do mesmo modo, a imprensa desempenhou papel significativo nas mudanças ocorridas ao longo da história. Dessa forma, compreendo ser relevante olhar para os contextos históricos dessa produções, em âmbito regional e local, para ampliar o entendimento acerca das peculiaridades e características da região sul do país, que possam ter ficado impressas nas páginas dos periódicos, e investigar os vestígios sobre as representações apresentadas nesses impressos, e possíveis influências sobre a produção do periódico *Despertar*.

A imprensa gaúcha mostra uma história semelhante à história da imprensa brasileira: teve um início tardio e uma atuação política. Os jornais assumiam posicionamentos alinhados ao cenário dos movimentos revolucionários, havendo uma nítida separação entre os favoráveis e os contrários aos movimentos e aos partidos políticos. Segundo Strelow (2016), a produção dos jornais gaúchos foi tardia, em virtude do permanente estado de guerra e, também, por uma posição de isolamento do Estado, de falta de escolas e de baixa escolarização da população. A pesquisadora explica que o surgimento aconteceu, em 1827, em Porto Alegre, em um período de

²⁰ Segundo Capelato (1998), o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão criado por Getúlio Vargas para o controle e uso da censura na imprensa, além da produção de programas pró Estado Novo, atuava em três frentes: o jornalismo, o rádio e o cinema.

estagnação e de subordinação política do estado do Rio Grande do Sul ao centro de poder situado no Rio de Janeiro. Nesse contexto de reações ao governo de D. Pedro I, surgiu o primeiro jornal sul-rio-grandense, o *Diário de Porto Alegre*, um jornal oficial, que atendia as expectativas do governo.

Algumas produções na região sul do país ainda tiveram a contribuição de imigrantes que aqui se estabeleceram. De acordo com Martins e De Luca (2011), desde a chegada dos primeiros imigrantes, em São Leopoldo, a profissão de impressor e de fabricante de papel foram evidenciadas na história do estado. A partir do ano de 1830, houve a circulação de publicações em língua alemã, entre os periódicos destacados pelas autoras, consta *O Colono Alemão*, do ano de 1836, e o *Deutsche Zeitung*, que circulou no período de 1861 a 1917, em Porto Alegre.

Em relação à proliferação dos periódicos, Dornelles (2004) afirma que, oito anos após o surgimento do *Diário de Porto Alegre*, outros 32 jornais surgiram, com uma tiragem em torno de 400 exemplares cada e circulação a cada 2 ou 3 dias. A pesquisadora destaca que, as cidades de Rio Grande e Pelotas foram pioneiras, no estado do Rio Grande do Sul, na circulação de periódicos.

Em referência à influência política sobre a circulação dos impressos, Rüdiger (1993) explica que os jornais serviram como espaços para a incubação das ideias que levaram ao movimento da Revolução Farroupilha. As produções, no período, dedicavam-se aos acontecimentos ocorridos na Revolução, como pontuam Bisol, Porto e Lisboa Filho (2015), considerando o jornal *O Povo*, como um dos periódicos com essa atuação, entre 1838 e 1840. Para Hohlfeldt (2006), o término da Revolução Farroupilha, possibilitou que a imprensa se organizasse de forma partidária ou panfletária civil, um formato que se estendeu até próximo aos anos de 1900, quando alguns proprietários de tipografias se alinhavam aos movimentos dos partidos políticos, mais pela sobrevivência do negócio. De acordo com Hohlfeldt (2006), essa fase partidária se estende até o surgimento do *Correio do Povo*, em 1895. Porém, foi se tornando mais escassa à medida que os partidos se desgastavam após a Revolução.

Entre as evoluções dos jornais, no que se refere a conteúdo, destacam-se as produções literárias e de notícias. Um jornalismo que buscava uma desvinculação

partidária, por isso, segundo Rüdiger (1993), acabou se especializando na difusão de assuntos da atualidade e de notícias. Segundo Dornelles (2004), o ápice do jornalismo literário-noticioso aconteceu entre os anos de 1890 e 1920. A autora explica que ocorreu um aumento da venda avulsa e da distribuição para o interior, por meio da rede ferroviária; além disso, houve mudanças na própria formatação dos jornais e a substituição das ilustrações por fotografias, a partir de 1910.

Segundo Hohlfeldt (2006), em 1895, o jornal *Correio do Povo* surge promovendo mudanças, entre elas, a disposição de espaços de lazer e de publicidade, em meio a um ambiente, onde praticamente inexistia a publicidade paga capaz de sustentar um impresso.

No início do século XX a imprensa gaúcha passa a apresentar uma outra formatação, impulsionada pela industrialização do processo de impressão. De acordo com Hohlfeldt (2006), em 1912, inicia a imprensa industrial com a clicheria, que perdura até a década de 60, quando surge o processo *off set* de impressão, pelo jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre. De acordo com o pesquisador, nesse período surgem as revistas para a família com diversificadas publicações, destinadas às mulheres, aos jovens, às crianças, entre outras. Hohlfeldt destaca o surgimento da imprensa empresarial, no século XX, iniciada no Estado Novo, mas que teve um avanço na década de 70, com a indústria cultural. Nesse período, as empresas jornalísticas buscavam a sua modernização e uma aproximação com o leitor.

Ao analisar a história da imprensa, é possível perceber que a imparcialidade não era um ponto comum, mas sim, que se explicitava uma posição e o apoio aos interesses de grupos, de modo que os jornais serviam para fortalecer os ideais compartilhados entre os sujeitos de um mesmo grupo, e, também, para consolidar as representações construídas por estes indivíduos. Além de atuar no sentido persuasivo sobre os indivíduos, que aparentemente mantinham uma neutralidade no embate entre duas correntes de pensamento político diferentes. Nesse sentido, o "periódico não está alheio à realidade histórica, uma vez que veicula informações e análises (quase sempre unilaterais), sobre aspectos comerciais, políticos, religiosos, econômicos" (PASQUINI; GUEDES; CHAGURI, 2013, p. 7 - 8). Por essa perspectiva, as páginas dos periódicos serviam como meios para auxiliar os leitores dos jornais na

produção de sentido sobre as práticas defendidas e compartilhadas pelos grupos que compartilhavam os mesmos ideais.

Os estudos que lançaram um olhar sobre as produções em Caxias do Sul, evidenciam movimentos semelhantes aos da imprensa em outras localidades do Rio Grande do Sul, apresentando a influência do contexto em discussões ideológicas e políticas que ganhavam espaço e notoriedade, por meio dos periódicos locais.

Segundo Pozenato e Giron (2004), *O Caxiense* foi o primeiro periódico regional, impresso em 1897, em Caxias, sob a direção de Júlio Campos, de propriedade de Augusto Diana Terra, ambos vinculados ao partido Republicano. O referido impresso se posicionava como defensor das colônias italianas. Outro jornal que circulou no ano seguinte, foi o *Il Colono Italiano*, que, segundo as autoras, surgiu como resposta da Igreja Católica à circulação do jornal *O Caxiense*, considerado maçônico pelos colonos. No período de 1901 a 1913, foram criados outros jornais que representavam as lutas entre católicos e maçons, e estrangeiros e brasileiros. Entre esses impressos, Pozenato e Giron (2004) destacam *O Cosmopolita*, lançado em 1902, um dos maiores da região, com uma tiragem de 1000 exemplares. De acordo com as pesquisadoras, o segundo jornal surgido em Caxias foi fundado pelos Capuchinhos, em 1909, por Dom Carmine Fasulo, e recebeu o nome de *La Libertá*.

Apesar de uma certa concentração de periódicos voltados a assuntos políticos, Caxias também viu nascer uma imprensa escrita dedicada a outros assuntos, como, por exemplo, os jornais de cunho humorístico. Segundo Pozenato e Giron (2004), *O Tagarela*, que circulou entre 1907 a 1908, foi um jornal com o perfil mencionado.

Caxias do Sul recebeu uma parcela considerável de estrangeiros que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, de modo especial, os italianos. Esse foi um fator decisivo para a constituição social, cultural e econômica deste município, ao longo de sua história. E, não foi diferente com a imprensa local, as características dessa colonização também podem ser evidenciadas em diferentes produções da imprensa impressa desta cidade. Pozenato e Giron (2004) refletem sobre o uso da imprensa como meio para consolidar a cultura dos estrangeiros, uma vez que os jornais serviram como meio para difundir as ideais e a cultura dos imigrantes que aqui se instalaram. Entre os periódicos com tal propósito, destacam o de nome *L'Agricoltore*,

escrito em língua Italiana, no ano de 1914. Porém, essas iniciativas, em língua estrangeira, não tiveram sucesso, pois foram impedidas de circular pelas políticas de censura do período nacionalista.

Entre 1930 a 1945, o número de impressos que circulava na cidade de Caxias do Sul aumentou, em particular quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, quando, segundo Pozenato e Giron (2004), foi um período de apoio do governo aos jornais com conteúdos pró-nacionalistas. Posteriormente, com a instalação do processo democrático brasileiro, houve uma disseminação de periódicos que cumpriam outro papel:

A imprensa que servia tanto à velha República (1889-1930) como, posteriormente, ao Estado Novo (1937-1945), já não servia a democracia recém-instalada. Aos poucos os velhos jornais foram fechados e criaram-se novos periódicos. Nesse período circularam em Caxias do Sul e região vinte e sete periódicos, na sua quase totalidade em língua portuguesa (POZENATO; GIRON, 2004, p. 113).

Outro fato que impulsionou o surgimento de novos periódicos foi a ampliação de novos municípios. De acordo com Pozenato e Giron (2004), entre 1914 e 1930, 32 jornais circularam nesta região; em Caxias, 18 jornais que se dividiam em linhas editoriais, tais como: políticos partidários, humorísticos, crítico-literários e outros que não tinham uma linha específica. O número de periódicos que circulou em Caxias reflete um perfil de leitores bem politizados e, também, um poder de recursos para o empreendimento na produção de jornais.

A análise sobre os aspectos que marcaram o contexto histórico da imprensa no Brasil e no sul do país é uma base para que estabeleça uma conexão entre a produção dos impressos e os interesses mobilizados pelos produtores de tais meios. Porém, ainda percebo a necessidade de ampliar um pouco mais o assunto, de modo a fazer emergir outros aspectos envolvidos na produção de periódicos, a fim de focalizar as produções em torno da área de educação, cotejadas com o objeto de estudo desta pesquisa.

3.4.1 Aspectos históricos da imprensa educacional no Brasil

A produção de periódicos para a área de educação, também, marca um importante momento da imprensa brasileira, especialmente porque, hoje, esses meios são usadas como fontes de pesquisa e ajudam na compreensão das práticas que se relacionam à educação.

Para Bastos (2007), os periódicos possuem informações que indicam o aperfeiçoamento de práticas, no caso das dirigidas aos professores, de práticas que revelam as reivindicações do magistério, a organização do sistema de ensino, entre outras informações a respeito desse grupo profissional, tornando-se “uma instância privilegiada para a apreensão dos modos de funcionamento do campo educacional” (BASTOS, 2007, p.167).

O estudo do lugar da imprensa pedagógica no discurso social, as estratégias editoriais ante os fenômenos educacionais e sociais revelam-se, assim, ricos de informações ao pesquisador para o resgate do discurso pedagógico, das práticas educacionais, do cotidiano escolar, do grau de submissão dos professores aos programas e às instruções oficiais, da ideologia oficial e do corpo docente, da força de inovação e continuidade que representa, das contradições do discurso (BASTOS, 2007, p. 168).

Os periódicos de educação, ao longo da história da imprensa pedagógica, mostraram-se importantes meios para o fortalecimento de ideais e de representações compartilhadas pelos grupos de leitores. Produções dedicadas a ajudar os grupos aos quais se destinavam, dando significação às práticas, além de, em alguns casos, imbuir essas pessoas de orientações visando a mudança de comportamento. Ainda foi usada para registrar acontecimentos, por isso, serve para apresentar evidências históricas que auxiliam no entendimento das transformações da sociedade, e para este estudo em particular, vestígios sobre a educação no Brasil.

Catani, Vicentini e Lugli (1997) consideram que os materiais da imprensa periódica educacional têm tido relevância nos estudos do campo da educação. Inclusive, esse fato vem sendo pontuado por estudiosos como Pierre Caspard e Antônio Nóvoa, que, ao elaborarem seus repertórios analíticos de revistas de ensino francesas e portuguesas, destacaram os periódicos como meios para a investigação

de múltiplos aspectos do funcionamento do campo educacional.

Boto (2004) realizou estudo sobre a *Cartilha Nacional*, de autoria de Francisco Júlio Caldas Aulete, um português que, em meados do século XIX, desenvolveu, por meio desse impresso, um projeto de escola primária norteadas pela civilidade, civismo e civilização, uma contribuição de Aulete para a formação e orientação do professor para o preparo cotidiano de sua aula.

Nos estudos realizados por Catani (1996), em torno da imprensa pedagógica, a pesquisadora faz referência à publicação que possivelmente é uma das mais antigas no segmento pedagógica, com o nome de *Ecos do Professorado*, produzido em 1873, em Pindamonhangaba – São Paulo.

Em outra pesquisa, Catani e Souza (1992) promoveram o estudo sobre a imprensa pedagógica em São Paulo e datam o século XIX como início dessa mídia especializada, que tinha como objetivo a valorização da profissão docente. As autoras falam sobre as cooperações da *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo, que circulou entre os anos de 1902 e 1918, trazendo reivindicações da categoria profissional. Também, destacam o impresso *Boletim Ação Católica*, produzido em 1935, no Rio de Janeiro, como uma ferramenta para a reação contra a mediocridade e a indiferença religiosa, com seções, como a de classificação moral de filmes.

Outros pesquisadores analisaram periódicos que tratavam sobre a educação, entre eles: Araújo, Gonçalves Neto, Inácio Filho, Gatti Júnior (1998), com estudos acerca de edições da revista *A Escola*, que circulou entre 1920 e 1921. Essa revista foi produzida na região do Triângulo Mineiro e teve início como tabloide em 1908; não possuía caráter essencialmente educacional, porém trazia discussões importantes sobre questões relacionadas ao ensino e sobre uma pedagogia moderna. De acordo com as autoras, nas páginas do impresso, podiam ser encontradas reflexões sobre temas morais, como: representações sociais da criança e da mulher, exaltação ao civismo e, entre os mais recorrentes, o analfabetismo; com um discurso positivista, de afirmação de uma postura laica e defendendo uma pedagogia moderna centrada na criança.

Alguns periódicos de educação também se propunham a reforçar políticas educacionais que corroboravam as ideias estabelecidas pelo sistema político vigente, tal como, o experimentado durante o Estado Novo, no Governo Vargas.

De acordo com Vidal e Camargo (1992), nas primeiras décadas do século XX, foram criadas instituições auxiliares de ensino, pela reforma Fernando de Azevedo, no Distrito Federal, uma delas foi o *Boletim de Educação Pública*, regulamentado pelos decretos nº 3.281, de 23 de janeiro e o nº 2.940, de 22 de novembro de 1928. As pesquisadoras destacam que, entre os anos 20 e 30, seguindo o ideal da Escola Nova, que tinha Azevedo como um dos partícipes, disseminava-se um discurso que pregava uma escola para a formação integral da criança, com uma atuação sobre as personalidades, hábitos, moral e desenvolvimento das potencialidades. Dessa forma, para Vidal e Camargo, o *Boletim de Educação Pública* serviu como um instrumento para concepções escolanovistas destinadas aos professores. Anos mais tarde, em 1943, a *Revista de Educação Pública* surgiu para substituir o *Boletim* e alicerçou uma corrente para a organização de práticas e direções na vida escolar.

Estudos mais regionais apontam a influência do Estado Novo sobre a produção dos periódicos de educação, tais como o desenvolvido por Bastos (2005), no qual figura a *Revista de Ensino*, editada em 1939, para os professores do Rio Grande do Sul. No referido estudo é apontado que a *Revista de Ensino* cooperou para uma organização escolar, divulgando modelos e práticas e contribuindo para a formação de uma identidade profissional dos docentes. Ainda, é destacada a articulação entre uma política-pedagógica e uma renovação educacional. Segundo a autora, nas páginas da revista encontram-se prescrições de determinadas práticas, valores e normas de conduta que elaboram representações do social, buscando conquistar o professor para trabalhar por uma educação das novas gerações que cultiva o cívico, o moral, o intelectual e o físico do povo brasileiro. Era um impresso que intermediava as relações entre o Estado e os professores. Para Bastos (2005), o discurso homogeneizador da revista silenciava os conflitos pela imposição de uma atitude centralizadora e uniformizadora.

Outro pesquisador que analisa produções de educação é Kreutz (2008), sob a perspectiva de uma produção feita por imigrantes alemães, que retratam um período

de disputa entre o Estado e a Igreja, pela gestão do processo educacional. Segundo o autor, essa imprensa pedagógica retrata a importância que a escola tinha no projeto das comunidades de imigração alemã do Rio Grande do Sul. Kreutz (2008) destaca, em seu estudo, os impressos: *Lehrerzeitung* (1900 - 1939) - jornal da Associação de Professores Católicos da Imigração Alemã do Rio Grande do Sul, em língua Alemã; *Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul* (1901-1939) - jornal da Associação de Professores Teuto-Brasileiros Evangélicos do Rio Grande do Sul, sob uma perspectiva Evangélica; sendo que ambos foram extintos pelo processo de nacionalização, pois colocavam em risco os planos do Nacionalismo Brasileiro.

Em relação à participação de grupos da sociedade na produção dos periódicos, o estudo de Amaral (2013) desenvolve-se em torno de jornais estudantis/escolares, com profusão entre os anos de 1930 e 1960, pela crescente participação social e política dos estudantes. A pesquisadora destacou dois periódicos produzidos na cidade de Pelotas, o *Ecos Gonzagueanos* - dos alunos da escola católica Gonzaga; e o *Estudante* – dos alunos do Ginásio Pelotense (ensino laico). O estudo considerou a atuação dos alunos como refletora das orientações de grupos antagônicos que idealizavam a hegemonia na educação nacional no período de 1930 a 1960: os católicos e os liberais (laicistas).

Fernandes, Xavier e Carvalho (2007) analisaram três periódicos destinados aos professores: o *Boletim de Educação Pública*, que circulou no Distrito Federal, de 1930 a 1935; a *Revista Escolar*, de Lisboa, do período de 1921 a 1935; e a revista *Escola Secundária*, do Ministério da Educação, produzida no Rio de Janeiro, entre os anos de 1951 a 1963. A partir do estudo, as autoras consideraram que as duas primeiras produções associavam-se ao movimento de difusão dos ideais e das práticas da educação nova no Brasil e em Portugal: a primeira, tida como uma ferramenta de promoção da reforma educacional empreendida no Distrito Federal, nos anos de 1920 a 1930; e, a revista *Escola Secundária*, que recompunha o contexto educacional da década de 1950, com os movimentos dos docentes em um momento de expansão da escola de massas no Brasil.

Ainda buscando as especificidades da produção de tal meio, objetivando a minha compreensão sobre o *Despertar*, investiguei o estudo de Rodrigues e Biccas

(2015) que traz contribuições relativas a imprensa de ensino sob a gestão de órgãos do ensino público, e que aconteceu em torno da *Revista do Ensino*, direcionada à educação pública de Minas Gerais. Segundo as pesquisadoras, esse impresso foi criado em 1892, no governo de Afonso Pena, com pequena circulação, ressurgido em 1925, no governo de Fernando Mello Viana, sendo interrompido pela Segunda Guerra Mundial, retornando no ano de 1946. O referido impresso teve um importante papel para a formação dos professores e para a configuração do campo educacional mineiro, sendo destinado aos professores das escolas isoladas e aos dos grupos escolares. De acordo com Rodrigues e Biccás (2015), a *Revista do Ensino* “foi um instrumento de apresentação, discussão, avaliação e estímulo à utilização das ideias pedagógicas renovadoras” (RODRIGUES; BICCAS, 2015, p. 156). Para as autoras, o impresso divulgou e prescreveu modelos pedagógicos, e revela a intenção da Diretoria de Instrução Pública de que os docentes absorvessem as recomendações, modelos e práticas.

Segundo Catani (2003), o início da mídia especializada em São Paulo aconteceu no século XIX, para um aperfeiçoamento da prática docente. Mas, no século XX, tais meios mostravam a tentativa de organização de uma categoria do magistério, buscando a valorização da profissão. Ela faz um mapeamento dos periódicos especializados de SP. Entre as revistas analisadas na tese de doutorado de Catani (2003), a *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo* (1902-1918), por meio de sua análise a pesquisadora verificou aspectos que envolviam as reivindicações salariais e de trabalho, assim como a ação do Estado na organização dos serviços de ensino. Observando ainda que o Estado era visto, em alguns momentos, como protetor, e, em outros, como impositivo.

O conhecimento sobre os impressos permite entender de que lugar escreviam os produtores dos periódicos e para quem escreviam. Possibilitando reflexões em torno das estratégias usadas para a aceitação dos leitores ao que era publicado. Para Bastos (2001), estudar os periódicos permite que conheçamos as estratégias editoriais e a forma como interferiam na educação:

O estudo do lugar da imprensa pedagógica no discurso social, as estratégias editoriais face aos fenômenos educacionais e sociais, revela-se assim rico de informações ao pesquisador, para o resgate do discurso pedagógico, das práticas educacionais, do cotidiano escolar, do grau de submissão dos professores aos programas e instruções oficiais, da ideologia oficial e do corpo docente, da força de inovação e de continuidade que representa, das contradições do discurso (BASTOS, 2001, p. 291).

A imprensa pedagógica foi usada, ao longo da história, como uma ferramenta estratégica na disseminação de modelos e orientações norteadoras de práticas. A partir dessa análise, em torno dos estudos realizados sobre diferentes impressos relacionados à área da educação, evidencio a influência do contexto histórico sobre os produtores de tais meios, especialmente quando o periódico está vinculado a órgãos do governo. Os espaços dos periódicos serviam para dar significado às práticas desenvolvidas pelos grupos de leitores e para estabelecer um elo revigorante, para a criação de uma identidade de grupo coesa e compatível ao idealizado pelos produtores.

Para Nóvoa (1997), a imprensa é um dos melhores meios para compreender e é o melhor meio para apreender a diversidade do campo educativo:

A imprensa revela as múltiplas facetas dos processos educativos, numa perspectiva interna ao sistema de ensino, mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas diversas instâncias de socialização das crianças e dos jovens. A imprensa constitui uma das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo. [...] a imprensa é o lugar de uma afirmação em grupo e de uma permanente regulação coletiva, na medida em que “cada criador está sempre a ser julgado, seja pelo público, seja por outras revistas, seja pelos seus próprios companheiros de geração (NÓVOA, 1997, p. 14).

Nesse cenário, de produções de cunho pedagógico, atuando na disseminação de ideais para uma escola formadora de indivíduos delineados pelo desejo de grupos, no próximo capítulo realizarei a análise do periódico *Despertar*, uma produção da Diretoria de Instrução Pública de Caxias do Sul, produzida para professores, alunos e comunidade da área rural, com o intuito de buscar vestígios que possam trazer mais esclarecimentos sobre a educação na área rural caxiense.

4 “O DESPERTAR”: UM PERIÓDICO DA DIRETORIA DE INSTRUÇÃO PÚBLICA PARA UMA COMUNIDADE RURAL

Neste capítulo evidencio a discussão das categorias que emergiram da análise do periódico *Despertar*, olhando para esse objeto de pesquisa como um instrumento voltado a disseminar orientações e representações que conduzissem os grupos de leitores, situados na área rural de Caxias do Sul, para práticas desejadas pelo órgão público de ensino e, que estivessem acordadas à legislação e contexto do recorte temporal. Considero ainda, o levantamento de indícios que justifiquem estratégias do uso do periódico como um aparato prescritivo na constituição de um “homem rural” ajustado às exigências de uma sociedade da época. Tal periódico esteve sob a responsabilidade da Diretoria de Instrução Pública Municipal²¹, sob a coordenação da professora Ester Troian Benvenuto²².

4.1 ESTER TROIAN BENVENUTTI: A MULHER À FRENTE DAS ESCOLAS RURAIS DE CAXIAS DO SUL

A partir da análise dos registros do *Despertar*, é possível considerar a professora Ester Troian Benvenuto como idealizadora do periódico. Foi, também, uma importante colaboradora para o ensino caxiense, de modo especial, da educação na área rural. Foi uma “personagem” marcante, durante o procedimento de análise do periódico. Desse modo, vejo como essencial discorrer algumas linhas sobre a coordenadora de instrução pública, o que acontecerá neste subcapítulo.

Nascida em 16 de maio de 1916, no Travessão Cremona, interior da localidade de Ana Rech, em Caxias do Sul, filha de Francisco Troian e Angelina Corso Troian, descendentes de imigrantes italianos, Ester conheceu as particularidades da vida na

²¹ A Diretoria de Instrução Pública de Caxias era o órgão responsável pela organização e fiscalização do ensino municipal caxiense. Era coordenada por um diretor ligado ao prefeito municipal e abaixo estavam relacionados as seguintes áreas: administrativa, técnica, física (que se referia à educação física), material e estatística. O cargo de direção era ocupado pela professora Ester Troian Benvenuto e as demais áreas possuíam uma profissional atuante (CAXIAS DO SUL, 1950, p. 1).

²² Neste estudo considerei a transcrição da entrevista realizada com a professora Ester Troian Benvenuto, por historiadores desta cidade, como fonte documental.

área rural, não somente pelas suas atribuições profissionais nesse espaço, mas pela experiência familiar. Os pais eram agricultores, a família do pai, vinda da Itália para o Brasil, dedicou-se à agricultura e, anos depois, também, atuaram no segmento de artefatos de couro; por parte de mãe, o avô lançou-se à indústria e ao comércio, focado especialmente no ramo de madeiras (BENVENUTTI, 1983, p. 1).

Ester se alfabetizou na Escola Mixta Estadual de Ana Rech e completou o curso primário no Colégio Elementar de Caxias do Sul, sob a batuta da professora Hercília Petry - imigrante vinda de Milão para o Brasil. Com a vinda do avô para Caxias, Ester foi então matriculada no Colégio Elementar da cidade, onde cursou até o quinto ano (MACHADO; AGUZZOLI, 2005, p. 50).

Em entrevista, a professora relembra o início no magistério, que contou com o apoio dos avós, pessoas influentes entre os demais agricultores de sua localidade, pois, como representantes da comunidade, procuraram a Intendência Municipal para reivindicar uma docente que ajudasse com o ensino naquela área rural: “Minha avó olhando para mim, disse: - Hoje nós vamos até a Intendência e tu vais, junto a tua mãe, alfabetizar aqueles coloninhos lá”. No encontro com o Intendente Municipal Thomas Beltrão de Queirós, Ester relembra que precisou responder a algumas indagações, como, por exemplo, se sabia ler e escrever; se redigia cartas; se era capaz de resolver os quatro problemas da aritmética de “Souza Lobato”. De acordo com o seu relato, respondeu positivamente a todas as questões e, ainda, incluiu a competência de que conhecia toda a seleta em Prosa e Verso. Ao término dessa entrevista, aos 13 anos incompletos, foi indicada professora e iniciou a alfabetização da comunidade da localidade de Santo Anselmo, alguns deles, mais velhos do que a própria professora; nesse espaço atuou por 12 anos (BENVENUTTI, 1983, p. 1).

Segundo Machado e Aguzzoli (2005), desde o princípio, Ester trabalhou buscando oferecer mais oportunidades para a comunidade da área rural, percebendo que os recursos municipais eram escassos e que a demanda por escolas no interior aumentava, a docente tinha uma atuação articuladora nas comunidades rurais. Como por exemplo, o trabalho desenvolvido junto aos pais e lideranças comunitárias, ainda no início de sua carreira como docente, o que resultou na construção da primeira escola na localidade do Travessão Cremona, instituição batizada de General Daltro

Filho. Machado e Aguzzoli (2005) também explicam que a professora Ester inseriu, entre a comunidade rural, práticas que valorizavam as manifestações culturais, tais como, a instalação de um palco para teatro junto a essa escola. Além, de mobilizar outras práticas que não eram comuns naquelas localidades, como, por exemplo, o hasteamento da primeira bandeira nacional no interior do município, bandeira esta confeccionada pela professora Ester e por sua mãe; e, também, o uso do uniforme para os alunos, resultado de uma campanha promovida por Ester entre os pais dos estudantes da Escola General Daltro Filho.

Em 1941, em virtude da frequência na Escola Complementar, a professora Ester foi transferida para Caxias, passou a trabalhar na Inspeção Escolar da Prefeitura e, nesse mesmo ano, completou o curso de docente. Em 1942 ingressou no magistério estadual por meio de concurso, no qual se classificou em primeiro lugar, o que garantiu a opção de escolher onde desejava atuar, optando, então, pelo curso primário da Escola Complementar em Caxias do Sul (MACHADO; AGUZZOLI, 2005, p. 50). Sobre esse episódio de sua trajetória a professora relembra:

[...] Eu fui classificada em primeiro lugar. Eu recebi ordem de escolher a escola que eu queria lecionar no estado. Aí eu queria voltar pra minha, na Zona Alegre. Ah, queria voltar prá lá! Mas era municipal! Mas eu lutei pra que fosse estadualizada. Aí, a dona Rosalba, que era diretora da Escola Complementar, disse: - Não, tu tens direito a escolher, fica aqui na Escola Complementar, onde tu te formaste! Então, aceitei as ponderações dela e permaneci, lecionei, então, oito meses na Escola Complementar” (BENVENUTTI, 1983, p. 6).

Figura 4: Foto do Studio Geremia. Ester com a mãe Angelina Troain



Fonte: Studio Geremia (1930).

Na gestão do Secretário da Educação e Cultura do Estado Dr. José Coelho de Souza, foi criado o cargo de orientadora do ensino municipal, para dar assistência pedagógica à educação do interior das comunas gaúchas (MACHADO; AGUZZOLI, 2005, p. 51). E, em 1942, com a abertura de concurso para orientadores do ensino municipal, a professora Ester foi instigada a participar pelo, então, prefeito municipal Dante Marcucci. Como essa oportunidade lhe traria vantagens financeiras, resolveu concorrer ao cargo. A experiência na área rural foi um fator importante para que acabasse sendo nomeada como a primeira orientadora do estado do Rio Grande do Sul, em Caxias do Sul (BENVENUTTI, 1983, p. 6). Ester trabalhou durante 17 anos na Prefeitura Municipal como orientadora de ensino, entre as atividades, realizava a

inspeção periódica das escolas isoladas e a orientação aos professores. Para cumprir com suas atribuições, pela dificuldade apresentada no acesso às localidades, usava como meio de transporte uma carreta e cavalo (MACHADO; AGUZZOLI, 2005, p. 51). Em 1947, com a aposentadoria de Firmino Bonet - inspetor escolar, Ester também assumiu essa função e passou a exercer os dois cargos simultaneamente, cuidando da parte administrativa e técnica. Junto ao órgão municipal de ensino permaneceu até 1960 (BENVENUTTI, 1983, p. 7).

Com uma reforma do ensino municipal, durante esse período de atuação à frente do órgão municipal, houve a extinção da inspetoria escolar e a substituição pela Diretoria de Instrução Pública Municipal, com isso, a professora passou a assumir outras responsabilidades, como a orientação e administração do ensino no município (MACHADO; AGUZZOLI, 2005, p. 51). Esse importante desafio, assumir a Diretoria Municipal de Instrução, aconteceu na gestão do prefeito Luciano Corsetti (1947-1951). Cuidar da orientação de professores e administrar o ensino caxiense, também, lhe conferiam demandas no âmbito da aprovação para a construção de novos prédios, para reforma e o estudo da situação do ensino nos distritos anexados à Caxias, como Vila Seca, Vila Oliva, Fazenda Souza, Criúva e Santa Lúcia do Piaí (OLIVEIRA, 2015b, não paginado).

Além da atuação, fazendo a gestão do ensino municipal, a professora Ester participou da comissão que fundou o Museu Municipal e a Biblioteca Pública, integrou a Academia Caxiense de Letras, e, em 1962, assumiu a direção da Escola Normal Duque de Caxias (OLIVEIRA, 2015b). Foi representante do Estado no Conselho Escolar Municipal, coordenadora da descentralização do ensino primário do estado, titular do serviço de educação de adolescentes e adultos, coordenadora dos cursos supletivos noturnos, integrante da comissão organizadora das solenidades comemorativas à semana da pátria, presidente da associação dos professores católicos de Caxias do Sul, integrante da diretoria da Fundação Alberto Pasqualini, entre outras atribuições. (MACHADO; AGUZZOLI, 2005, p. 52).

No ano de 1959, conforme consta em seu relato, a orientadora se candidatou a um cargo político, incentivada pelo primo Armando Biazuz e pelo esposo Henrique Benvenuto. Assim, concorreu às eleições pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Foi eleita, e pediu exoneração do cargo de gestão da Diretoria de Instrução Pública, para assumir uma cadeira no Legislativo Caxiense, porém permaneceu como orientadora de ensino (BENVENUTTI, 1983, p. 11-12).

Ester foi a mais votada do seu partido, transformou-se na primeira mulher da região a concorrer e a assumir um cargo eletivo. Atuou na Câmara de Vereadores até 1962, tendo sido eleita secretária e vice-presidente da Casa. Entre as iniciativas no Legislativo, trabalhou para o avanço do Estatuto do Magistério Público Municipal (MACHADO; AGUZZOLI, 2005, p. 52).

Em 1962, assumiu a direção da Escola Normal Duque de Caxias, quando conseguiu, na Superintendência do Ensino Normal da Secretaria da Educação e Cultura, a criação da Escola Normal Regional, o que permitiu aos professores municipais o ingresso em cursos de nível superior. Recebeu a Medalha Caxias do Sul por seu trabalho na comunidade caxiense, e foi destaque em "assistência social" por três anos consecutivos, 1964, 1965 e 1966, em pesquisas de opinião pública realizadas pelas emissoras de rádio local. Para Machado e Aguzzoli (2005), Ester foi uma mulher singular e agregadora, que amou e se dedicou à educação (MACHADO; AGUZZOLI, 2005, p. 52). Ester faleceu em 17 de outubro de 1983, deixando um importante legado para a educação da cidade de Caxias do Sul.

Ela recebeu o reconhecimento pelas suas contribuições de diversas formas, o que é evidenciado, por meio da leitura do *Despertar*, onde é possível observar que, ao longo de sua atuação junto ao órgão de ensino público, conquistou o respeito da sociedade, de modo especial, das pessoas da área rural, pelas suas colaborações junto a essa comunidade. Fato que pode ser evidenciado em trechos como o da aluna do 4º ano da Escola Isolada Nossa Senhora da Roca: “[...] meu sincero agradecimento como também o dos meus coleguinhas pela atenção que a senhora deu em nos mandar uma professora aqui pertinho de nossa casa, assim possamos nos educar sem caminhar muito longe [...]” (DESPERTAR, 1952d, p.4). Ou, na notícia do Jornal Pioneiro: “[...] O "Pioneiro" sente-se feliz em apresentar seus cumprimentos [...] congratulando-se, de modo especial, com a dedicada orientadora de ensino, professora Ester Troian Benvenutti, idealizadora desse jornal” (DESPERTAR, 1950d, p. 5). Ou ainda, pelos registros de ações em homenagem a diretora de instrução:

Por ocasião do aniversário natalício da professora Srta. Ester Troain, as funcionárias da Diretoria da Instrução e demais colegas da prefeitura prestaram-lhe significativa homenagem, que constou de uma missa cantada [...] No mesmo dia, em Santa Lúcia do Piaí, realizou-se um almoço de confraternização com a presença das professoras municipais, sendo a Diretora da Instrução saudada pelo Sr. Sub-Prefeito [...] Também do professorado de S. Marcos a aniversariante recebeu expressiva homenagem (DESPERTAR, 1950c, p.8).

Outro indício, que relata o apreço das demais docentes ao trabalho realizado por Ester, pode ser identificado em trechos de entrevista com docentes municipais, como o da professora Verônica Candiago Bortolon, que relata sobre o trabalho realizado pela orientadora de ensino: “Depois que entrou o Dante Marcucci, a Ester, ficou uma beleza lecionar” (BORTOLON, 1980). Outro depoimento é o da professora Doroteia Corte Rizzon, que rememora:

[...] ela visitava, e ela encorajava as professoras, porque ela também sabia a dificuldade da professora do interior, porque ela foi muitos anos professora do interior [...] Eu acho que sempre ficará na história tudo o que ela fez em prol da educação (RIZZON, 1980, p.97).

Após essa aproximação à história da professora Ester Troian Benvenuti, percebo que a docente teve uma imagem geradora de respeito e admiração por parte da comunidade, da gestão pública e entre importantes entidades da sociedade caxiense. Mas, de um modo especial, reflito sobre a representação construída sobre o seu papel de docente e, vou além, sobre a sua condição de ser mulher e assumir responsabilidades, que, talvez, não fosse algo natural de se conceber às mulheres da época. A diretora de Instrução Pública Municipal, não somente prosperou na função de docente, como, também, adentrou em espaços nunca antes explorados por outras mulheres, como a sua atuação na Câmara de Vereadores. Destaque para o êxito na articulação junto ao poder público, para o oferecimento de melhorias às comunidades da área rural, especialmente as que envolviam o ensino. Também, apesar de manter valores bem conservadores, evidenciados pelas suas relações e destaques recebidos junto a entidades religiosas, considero que Ester exerceu uma posição inovadora para

a época, propondo e oferecendo diversas atividades que oportunizavam à comunidade da área rural a inserção em práticas culturais e sociais, que, possivelmente, eram dificultadas pelo afastamento dessas pessoas da área urbana. O próprio periódico, objeto deste estudo, pode ser percebido como uma iniciativa de inclusão das pessoas da comunidade da área rural e de oferecimento de novas perspectivas.

4.2 O DESPERTAR DA COMUNIDADE DA ÁREA RURAL

Em relatório assinado pelo prefeito Demétrio Niederauer, destinado ao governador Walter Jobim, existe a indicação do surgimento e objetivos do *Despertar*, conforme o excerto: “Institui o jornal das escolas municipais, destinado não só a fins pedagógicos, como também à difusão de ensinamentos práticos e úteis aos colonos, iniciativa esta que teve entusiástica acolhida entre a população rural” (CAXIAS DO SUL, 1948b, p. 6).

A circulação do periódico, até o ano de 1954, foi registrada no relatório de atividade da Diretoria de Instrução Pública encaminhado ao Prefeito Municipal, ao término do período letivo. Após essa data, não localizei registros sobre a circulação do *Despertar*, o que me faz supor que a circulação tenha sido suspensa com a troca da gestão municipal, após o ano de 1954 (CAXIAS DO SUL, 1954-1960).

O periódico foi definido por seus redatores como um órgão da Diretoria de Instrução Pública, essa indicação aparece nas capas de todas as suas edições e, também, é evidenciada no Regulamento da Diretoria de Instrução Pública, que, ainda, traz a indicação de que o Diretor de Instrução Pública teria a responsabilidade de aprovar “a edição mensal do órgão das escolas municipais” (CAXIAS DO SUL, 1951, p. 2).

No que se refere à designação do periódico, a partir da leitura de suas páginas, é possível verificar que surgiu de uma sugestão de uma professora da rede pública, e foi escolhido por meio de concurso realizado entre os docentes e alunos da rede:

Ao ser deliberada a fundação do Jornal, solicitamos às professoras e alunos que apresentassem sugestões para a escolha do nome a ser adotado. O resultado excedeu a expectativa, pois, foram enviados nada menos que noventa nomes, todos expressivos e oportunos, dentre os quais foi escolhido um por votação. Feita a apuração, verificou-se ser “Despertar” o nome mais votado e que é sugestão da professora Ida Guerra Dani, regente da E. I. Padre Anchieta, 1º distrito”. [...] “Avisamos às professoras e aos alunos que enviaram suas colaborações que não nos foi possível dar publicidade a todas no primeiro jornal em circulação, diante do elevado número das mesmas. Prometemos, porém, que oportunamente, todos serão atendidos (DESPERTAR, 1947c, p. 12).

A análise da palavra *Despertar* sugere algumas interpretações, tais como as oferecidas pelo dicionário Aurélio, no sentido de acordar, atizar, provocar, dar origem, ato ou efeito de despertar. Ao observar a imagem que ilustra as capas do impresso, até o ano de 1952, imagino que o nome tenha sido utilizado significando “acordar”, por tratar-se da imagem de um pôr-do-sol. Outras características da ilustração contribuem para mais interpretações, tais como: o uso de ferramentas da agricultura e de animais de criação podem indicar uma preocupação em valorizar o trabalho agrícola e a pecuária; a imagem da araucária identifica a região, pois é uma espécie típica do Rio Grande do Sul; a figura de produção agrícola (trigo e uva) sugere o produto do trabalho naquela região; como um todo, a ilustração é usada para representar o trabalho rural, evidenciando uma preocupação em criar laços com o grupo estabelecido na referida área, fortalecendo a identidade daqueles sujeitos. Merece destaque, o fato de o periódico ser definido como um órgão das escolas públicas municipais e não haver referência ao ensino, em sua apresentação (imagem de capa) e, também, não aparecer, de uma forma objetiva, na escolha do nome. Essa indicação reflete o olhar ampliado ao público destino – muito além dos docentes, e é reforçada na leitura de suas colunas compostas por matérias com conteúdos que ultrapassam as questões relacionadas ao ensino.

Figura 5: Imagem de capa do Jornal Despertar do ano de 1947



Fonte: Despertar (1947b).

Observei a mudança de conceito da ilustração usada na capa do periódico, a partir de setembro de 1952, quando a imagem passa a fazer referência ao ensino, representado, por exemplo, com a figura de uma mulher adulta cercada por crianças – suponho se tratar da professora e de alunos; e, da imagem de um caderno e de um lápis, que aparecem em tamanho relativamente maior ao dos personagens centrais da cena. Outro elemento que destaco, é a imagem de um documento que se assemelha a um jornal, e que está na mão de uma das crianças - pode ser uma alusão ao próprio *Despertar*. Ainda, há a indicação da área rural, representada novamente, por meio da imagem da produção agrícola (milho, trigo e uva), nessa versão da ilustração, os produtos aparecem em segundo plano, abaixo do caderno e do lápis; e, novamente há a indicação da região, por meio da imagem das araucárias. Essa nova imagem foi concebida por Honorina Cauduro Mossola, professora da superintendência do ensino artístico, da Secretaria de Educação e Cultura do Estado

(DESPERTAR, 1952h). A participação de Honorina pode indicar a aproximação do governo estadual à rede pública municipal de ensino, podendo, por isso, ter influenciado a Diretoria de Instrução Pública para a adoção de práticas que estivessem alinhadas as diretrizes estaduais.

Por se tratar da edição de aniversário do periódico, nessa data, 5 anos de circulação, entendo que houve uma maturação das prioridades e dos assuntos tratados no impresso. Outro fato interessante é que a partir de dezembro de 1951, assumiu como prefeito Euclides Triches²³, com uma formação mais técnica e uma vida dedicada ao serviço militar, que, possivelmente, foi um dos influenciadores sobre o conteúdo do periódico e, especialmente, com uma maior inclinação para temas que coincidissem com ideais que exaltavam o nacionalismo.

²³ Nasceu em Caxias do Sul (RS) no dia 23 de abril de 1919. Sentou praça em abril de 1938, ao ingressar na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro. Em 1944 serviu no 1º Batalhão Ferroviário, com sede em Bento Gonçalves (RS). Nesse mesmo ano, foi lotado no Arsenal de Guerra General Câmara, no Rio Grande do Sul, alcançando o posto de capitão, em maio de 1945. Foi diplomado em engenharia metalúrgica pela Escola Técnica do Exército, em 1948. Depois de se reformar como major, em 1951, iniciou na vida política como prefeito de Caxias do Sul. E, após alguns anos na carreira política, foi eleito governador do Rio Grande do Sul, em 1970 (FGV, 2019, não paginado).

Figura 6: Imagem de capa do Jornal Despertar do ano de 1952.



Fonte: Despertar (1952h).

Em relação aos objetivos do periódico, os seus editores indicavam que entre as finalidades estava a de “servir às escolas e às famílias da zona rural”, proporcionando a promoção do ensino, e a disseminação de informações entre os agricultores que confiavam a educação de seus filhos a escolas do ensino público de Caxias. Outro aspecto relevante, é o de que o órgão de ensino tinha a preocupação em oferecer informações em uma linguagem acessível, considerando os “diferentes níveis” dos seus leitores, o que foi registrado no periódico (DESPERTAR, 1951e, p.1). Acerca do modo como os leitores do *Despertar* recebiam as informações publicadas no jornal, penso que, apesar de ser escrito em uma linguagem acessível, os professores e os alunos atuaram como facilitadores, auxiliando para a interpretação e

compreensão das informações no periódico publicadas, o que pode ser deduzido a partir do texto do repórter e secretário caxiense Guilherme do Valle²⁴:

[...] O lema deste jornalzinho estimula, inspira e educa. É o tônico que reforça os conhecimentos. É a dignidade se esparramando pela colônia, onde vai encontrar o espírito de abnegação e desprendimento dos homens que vivem do produto da terra. Sabemos que a chegada de cada edição do *Despertar* em nosso meio rural constitui um verdadeiro dia de festa. Se o papai ou a mamãe não tiveram a felicidade incomparável de frequentar os bancos toscos de uma escola, lá está o Joãozinho ou a Mariazinha, lendo para eles as matérias interessantes que são publicadas nesse robusto veículo de divulgação de nossas unidades de ensino. [...] Parabéns à diretora Ester que tem sido a garantia da tua circulação, sem interrupções. Cumprimentos sinceros aos nossos denodados agricultores e seus filhos, que tem sabido dar valor a tua missão de inteligência e de cultura [...] (*DESPERTAR*, 1951e, p.1).

A apropriação das práticas e orientações disseminadas pelo *Despertar*, pelos seus leitores, necessitava, primeiramente, do suporte para a compreensão do que era divulgado, depois, passava pela significação dada pelos leitores, considerando as representações reproduzidas pelo periódico. Esse processo exigia alguma competência na leitura do conteúdo e na interpretação dos textos. Segundo Chartier (1999), a interpretação pode ser diferente de pessoa para a pessoa, pois está relacionada ao talento para a leitura e, também, ao que difere um grupo de outro. “[...] Há uma grande diferença entre os letrados talentosos e os leitores menos hábeis [...]” (CHARTIER, 1999, p. 13). Nesse sentido, Chartier (1999, p. 25) explica que “[...] “leitores” só aprendiam os textos graças à mediação de uma voz que os lia”, esse pensamento corrobora a suposição de que os alunos apoiavam os pais, menos habilidosos para a leitura, ou incapazes de praticá-la por não dominarem a língua portuguesa. Nesse contexto, creio que o professor também desempenha um papel de facilitador para a interpretação de textos, e direcionava os alunos para a “correta” compreensão do que, no periódico, era publicado.

Em relação ao *slogan* usado pelo *Despertar*, possivelmente tenha sido escolhido por influência de políticas da época. Essa reflexão surge quando faço uma

²⁴ Guilherme do Valle, repórter do Jornal *O Momento*, de Caxias do Sul, secretário do município na gestão de Luciano Corsetti e vereador no período de 1952/55 e 1956/59 (*O MOMENTO*, 1947, p.1).

relação do *slogan* com outros conteúdos de cunho prescritivo publicados no periódico, que indicam que os seus produtores defendiam a ideia de dotar os sujeitos de saberes que os constituíssem em um modelo de cidadão brasileiro, que fosse moldado pelo estudo, pelo trabalho, pela justiça, visando o atingimento de um estado de ordem e de progresso: “[...] saúda a todas as autoridades do País, do Estado e do Município. [...] certo de que: O ESTUDO É A BASE DA SABEDORIA. O TRABALHO, BASE DO PROGRESSO. A SABEDORIA E A JUSTIÇA, BASES DA ORDEM” (DESPERTAR, 1949e). O *slogan* do periódico parece fazer uma analogia à frase “Ordem e Progresso” encontrada na bandeira Nacional, que tem influência Positivista. Miguel Lemos (1854-1917) e Teixeira Mendes (1855-1927) entendem que o “Apostolado Positivista no Brasil”, seguia as influências das interpretações sobre os pensamentos de Comte²⁵. A expansão dessa doutrina ocorreu com o apoio da imprensa, das escolas, da literatura e da academia. Além de a educação contribuir para a constituição de hábitos e de padrões morais e intelectuais, que possibilitariam novas formas de agir e de pensar (SILVA, 2008, p. 3-42).

Outros elementos desenvolvidos no impresso que indicam uma abordagem influenciadora para comportamentos alinhados aos padrões da época e, também, fazem referência aos ideais nacionalistas, são percebidos nos textos com teor cívico-patriótico, os quais exaltam heróis e datas nacionais. A apologia à pátria e a Deus, recorrente em diferentes colunas do *Despertar* afasta-se de um posicionamento laico: “Promete seguir avante, sem vacilações. Servir à coletividade será seu lema. Ser útil à pátria e a Deus, sua maior glória!” (DESPERTAR, 1949e, p. 1).

²⁵ Augusto Comte (1798-1857) foi o principal formulador do positivismo, e influenciou o pensamento educacional brasileiro. Com o pensamento “O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim”, trazia a ideia de unidade nacional em torno do projeto republicano, com a expansão do capital. Na educação, a relação entre saber e transformação social norteava o pensamento pedagógico na república, havendo a disseminação desses pensamentos, no Brasil, a partir da imprensa, do parlamento, das escolas, da literatura e da academia. Desse modo, conforme Silva (2004), a reforma da sociedade partia de uma hegemonia política e social, que deveria ser ensinada desde os primeiros anos da criança, com conteúdos que tratavam sobre uma formação da moral e do caráter; e, nesse contexto, a família, de um modo especial, a mulher deveria educar para a valorização de manifestações altruístas pela criança. Na escola, as ideias de Comte defendiam o ensino livre e laico, com a inclusão de disciplinas científicas. No Brasil, entre as principais marcas deixadas, a cultura autoritária, a propriedade como algo sagrado, a política pacifista, a exaltação das datas comemorativas e a educação moral e cívica (SILVA, 2008, p.14).

Cunha (2004) reforça a ideia de que muitos periódicos continham conteúdos prescritivos que visavam à conformação de alunos, de acordo com regras de convívio social, de determinada época, mais civilizadas e que estavam alinhadas à ideia de constituir um povo culto e ordeiro:

Ancorados na ideia de que uma nação unida era uma nação feliz, tudo indica que a proliferação de aconselhamentos, exortações para bem comportar-se e conduzir-se em *justos limites*, presentes nesses livros contribuíram para que professores em formação e formadores difundissem tais práticas para a formação de um povo culto e ordeiro, alvo do Estado Republicano em consolidação (CUNHA, 2004, p. 9).

No que se refere à distribuição do *Despertar*, com base em estatísticas divulgadas pelo *Despertar*, observei que houve um crescimento na tiragem, considerando o período de 4 anos, conforme o quadro a seguir:

Quadro 3: Tiragem do periódico Despertar

ANO	TIRAGEM
1947 a 1948	15000 exemplares
1948 a 1949	16.510 exemplares
1949 a 1950	17.000 exemplares
1950 a 1951	18.200 exemplares

Fonte: Despertar (1951e).

O aumento gradativo do número de exemplares pode estar relacionado com a expansão demográfica ocorrida na década de 40, quando a população rural local era de 19.377 pessoas; e, na década de 50, chegou ao número de 22.791 (IBGE, 2013). Entendo, assim, que o trabalho na indústria oferecia atrativos que resultavam no êxodo rural. Mas, mesmo com a saída de pessoas da área rural, os habitantes dessas localidades ainda somavam um número maior em relação aos que viviam na cidade. Em 1954, a prefeitura realizou o investimento para a impressão de 2.000 unidades mensais do *Despertar*, com distribuição gratuita: “Para sua manutenção foi-lhe destinada uma verba especial no orçamento, facultando assim, a possibilidade de ser distribuído, gratuitamente, aos alunos e professores, através de uma edição mensal de 2.000 exemplares” (CAXIAS DO SUL, 1952-1954, p. 15).

A criação de novas escolas, também, pode ser um dos motivos para a ampliação da tiragem do *Despertar*, do mesmo modo que a ampliação da rede pública de ensino caxiense para outros distritos, o que pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 4: Tiragem do periódico *Despertar*

ANO	DISTRITO	NÚMERO DE ESCOLAS	NÚMERO DE ALUNOS
1954	1º distrito (zona rural de Caxias)	45 escolas municipais	1.377 alunos
1954	2º distrito (São Marcos)	17 escolas	450 alunos
1954	3º distrito (Galópolis)	13 escolas	245 alunos
1954	4º distrito (Ana Rech)	14 escolas	285 alunos
1954	5º distrito (Vila Sêca)	3 escolas	91 alunos
1954	6º distrito (Santa Lúcia do Piaí)	13 escolas	303 alunos
1954	7º distrito (Fazenda Souza)	4 escolas	84 alunos

Fonte: CAXIAS DO SUL (1954).

O processo de análise do *Despertar*, também, envolveu aspectos que se referem à conservação do jornal. Para isso, observei indícios, tais como: rasuras, recortes e anotações. Nesse sentido, 19 edições do jornal apresentaram-se incompletas - faltavam páginas e/ou trechos foram recortados, considerei os documentos obtidos por meio do AHJSA. Além disso, a partir desses aspectos, considero que os exemplares poderiam ser compartilhados por pessoas de diferentes núcleos familiares, ou seja, por famílias que não eram contempladas na distribuição do periódico. Em algumas edições é possível ver anotações - nomes e sobrenomes de pessoas, tais como os nomes de: Vercidino Gomes de Oliveira²⁶, Noralina Buffon²⁷,

²⁶ Foi professor da Escola Clóvis Beviláqua; o registro como docente aparece no quadro demonstrativo de encerramento do ano letivo das escolas do ano de 1948 (DESPERTAR, 1948e).

²⁷ Foi aluna da Escola Isolada Lobo da Costa do 4º Distrito (Ana Rech) (DESPERTAR, 1951d). Noralina era filha de Angelo e Maria Buffon que adquiriram terras em São Braz, onde tiveram seus nove filhos: Lorita, Leonida (*in memoriam*), Leonilda, Noralina, Esterina, Dely (*in memoriam*), Adelina, Ary (*in memoriam*) e Adenir. Além da agricultura, Angelo trabalhava como carreteiro, vendendo lenha para a cidade de Caxias do Sul (VALTRICK, 2017).

e de Irma Cecconello²⁸, respectivamente, em julho de 1949; em agosto de 1954; e em setembro de 1951 e março, maio, setembro e outubro de 1952. Em outras anotações, consta o nome da Escola Clóvis Beviláqua.

Com relação ao formato, penso que os seus produtores tentavam seguir o padrão de outros impressos com circulação local. Havia a definição de sessões que se repetiram ao longo das 53 edições do *Despertar*, incluindo assuntos que se relacionavam com os títulos das colunas. Todas as publicações apresentavam uma espécie de editorial²⁹ na capa, com destaques para conteúdos patrióticos ou homenagem a professores e a agricultores.

A respeito da diagramação, as edições mostravam uma divisão de páginas em duas colunas; os títulos, especialmente a partir do ano de 1950, ocupavam espaço de destaque em relação ao restante da matéria; no entanto, não percebi um *layout* diferente entre as matérias, o que poderia indicar a tentativa de dar um ênfase maior para determinados assuntos, pois, normalmente, seguia-se o mesmo padrão de dentro da mesma coluna. Até 1952, o número de páginas mudou a cada mês, apresentando um mínimo de 4 e o máximo de 20 páginas. Nos anos de 1952, 1953 e 1954, o periódico passou a ter um formato mais uniforme, com 8 páginas mensais (com exceção do mês de setembro, de aniversário do *Despertar*, com um número maior de páginas).

Sobre as pessoas envolvidas na produção das matérias, localizei essa informação em outros documentos, pois, no *Despertar*, apenas algumas matérias eram assinadas. Habitualmente, na coluna “Colaboração e Boa Vontade”, na qual constava o nome do aluno e da escola. Para essa coluna, havia o pedido para a participação dos alunos: “Avisamos aos gentís alunos das escolas municipais que estamos aguardando suas preciosas elaborações para serem publicadas no “Despertar” (DESPERTAR, 1949c, p. 10). O periódico era uma produção colaborativa, como relatou a professora Ester Troian Benvenuti, com o intuito de valorizar os

²⁸ Não localizados registros do órgão de ensino com o nome de Irma Cecconello, porém entre a lista de funcionários do órgão do ano de 1950, há uma professora com o nome Gemma Joana Cecconello, possivelmente familiar de Irma (CAXIAS DO SUL, 1950, p. 1).

²⁹ Expressa uma opinião representada como de caráter institucional, a posição da instituição em relação ao assunto tratado (FILHO, 2006, p. 84)

trabalhadores da área rural, por isso, as produções traziam diversos assuntos e notícias relacionadas à agricultura e à vida rural (BENVENUTTI, 1983, p.10). Ainda, sobre a produção das matérias, a professora Ester possuía a incumbência de aprovar a edição do “mensário”; Augusta Viel era responsável pela seção técnica e coordenava a confecção; a professora Beatriz Manfro ficava à frente da área de cultura física e colaborava na seção com assuntos que competiam a sua área; Adir Máscia, da seção de material e Wannyr Schumacher, da seção de Estatísticas, também, colaboravam na redação do jornal (CAXIAS DO SUL, 1950, p. 2-7). Outras contribuições, especialmente, de cargos do alta escalão administrativo – prefeitos e secretários, podem ser observadas ao longo do período de circulação do jornal, de modo especial, nas páginas consideradas “editoriais”; e na coluna “Informações Rurais”, essa última, sob a responsabilidade da Diretoria de Fomento e Assistência Rural (DESPERTAR, 1949c, p. 3). “A página rural do jornalzinho “Despertar” da Diretoria de Instrução Pública, esteve a nosso cargo da qual nos valem para dar instrução de interesse agrícola para os escolares e seus pais” (CAXIAS DO SUL, 1952-1954, p. 10). Informação reforçada nas páginas do *Despertar*:

A Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal, da início, hoje, através desta seção de “O Despertar”, a publicação de uma folha dedicada aos nossos agricultores. Nesta seção os nossos patrícios que labutam no interior do município, encontrarão, todos os meses, um apanhado geral de assuntos de interesse dos mesmos: notas avisos e instruções, técnicas sobre agricultura e veterinária, recomendações, respostas a consultas que fizeram, informações e notícias em geral do que vai pelo sector da lavoura e criação do município. Atenção, pois, srs. agricultores e criadores caxienses. Esta é a vossa folha de “O Despertar”. Lede-a sempre (DESPERTAR, 1949c, p. 3).

A partir do recorte, é possível perceber que a Diretoria de Fomento mantinha uma relação de proximidade com a Diretoria de Instrução Pública, ocupando um espaço fixo e mensal, no periódico.

Em relação à recorrência das colunas, percebo que houve a consolidação de algumas temáticas, pelo modo como os espaços se mantêm (uma página, duas páginas, etc.). O quadro, a seguir, apresenta a reincidência das colunas e um balanço dos assuntos que mais apareceram no *Despertar*.

Quadro 5: Colunas e assuntos abordados no Despertar

TÍTULO DA COLUNA	QUANTIDADE DE EDIÇÕES	ASSUNTOS MAIS ABORDADOS	EDITORES DA COLUNA
Editorial	51 edições	Alfabetização, patrióticos, dia das crianças, dia do professor, pátria e a escola, aniversário do periódico, homenagens - mães, agricultores.	Normalmente fala do prefeito ou de algum secretário (quando assinadas)
Educação e Ensino	51 edições	Analfabetismo, cidadania e civilidade, civismo, deficiência, educação – lar e escola, práticas docentes e escolares, religiosidade.	Não era assinada
Conselhos sobre Agricultura / Informações Rurais	53 edições	Plantio; pragas na lavoura; doenças com os animais; apoio da Secretaria de Fomento com maquinário, mudas e sementes; preparo da terra; queimadas; estrumeiras; cursos para agricultores; cultivo de diversos produtos; adubação, mecanização da lavoura.	A cargo da Diretoria de Fomento e Assistência (não era assinada)
Colaboração e Boa Vontade	51 edições	Hábitos e comportamentos; analfabetismo; cívico-patrióticos; dia da árvore; clubes agrícolas; despertar; homenagem à orientadora de instrução; escola e família; mãe; inauguração de escolas, contos lúdicos; natureza; dia das américas; práticas escolares, religiosidade, práticas e cotidiano na área rural; saúde; trabalho; urbanismo e tecnologia; valores morais; valorização do agricultor e do professor.	A cargo dos alunos das escolas públicas (identificação do nome do aluno e da escola)
Higiene	22 edições	Asseio; higiene da sala de aula; saúde, utilidades - como remover manchas; trabalhos manuais; valores morais.	Não era assinada
Utilidades Práticas / Conselhos Úteis	40 edições	Hábitos e comportamentos; humor; receitas; saúde; trabalhos manuais; conselhos do lar - remover manchas e sobre limpeza.	Não era assinada
Para você Criança	51 edições	Alfabetização; civilidade; cívico-patrióticos; família e escola; humor; poemas; contos com teor lúdico; disciplinas; natureza; dia pan-americano; práticas escolares; trabalhos manuais; jogos de	Não era assinada

TÍTULO DA COLUNA	QUANTIDADE DE EDIÇÕES	ASSUNTOS MAIS ABORDADOS	EDITORES DA COLUNA
		palavras e questões; religiosidade; práticas e cotidiano na área rural; valores morais.	
Para você Recitar	23 edições	Hábitos e comportamentos; civismo; datas comemorativas; infância, contos; natureza, religiosidade, valores morais, práticas e cotidiano na área rural, valorização do agricultor e do professor.	Não era assinada
Noticiário	50 edições	Benfeitorias da prefeitura, alfabetização supletivo noturno, cívico-patrióticos, clubes agrícolas, melhoramentos da diretoria de instrução; criação de bibliotecas escolares; formação de professores e magistério; eventos e inaugurações; práticas escolares; civilidade; farmácias rurais, exposição de trabalhos manuais, urbanismo e tecnologia, homenagens.	Não era assinada (Conclusão)
Independência do Brasil	6 edições	Cívico-patrióticos	Não era assinada
Dia da Árvore	3 edições	Primavera e sobre a árvore	Não era assinada

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Relativo às colunas, considero que, desde a primeira edição, há uma preocupação com a regularidade dos conteúdos. Isso acontece pela reprodução das colunas, e manutenção dos temas, tal qual em: “Educação e Ensino”, “Colaboração e Bôa Vontade” e “Para você Criança”, exibidas em pelo menos 51 edições do periódico; e, na coluna “Informações Rurais”, que aparece em 53 edições; e, a seção “Noticiário”, que surge em 50 edições. Em outras colunas, observei que não há a mesma recorrência, porém, os assuntos tratados foram veiculados em diferentes seções, como por exemplo, a coluna “Higiene”, que em algumas edições aparece como coluna (22 edições) e, em outras, os temas compreendidos por ela são abordados em outras colunas.; Também é o caso da coluna “Conselhos Úteis”, que surge em 40 publicações. Por fim, ainda percebo a inserção de novas colunas, tais como, “Independência do Brasil” e “Dia da Árvore”, associadas nas edições do mês de setembro, quando se comemoram essas datas.

No que se refere ao perfil de leitores, o conteúdo publicado dá um indicativo do foco do periódico, havendo diversas informações de interesse dos agricultores, orientações relacionadas a práticas escolares e docentes, e notícias que envolviam movimentos na área rural. Essas evidências cooperam com os excertos que explicam que o periódico visava a comunidade da área rural.

Sobre o conteúdo divulgado no periódico, ainda, é possível observar que há uma recorrência de determinados assuntos, tais como: civismo (cívico-patrióticos), civilidade (hábitos e comportamentos) e religião, o que demonstra a preocupação em orientar a comunidade para normas de conduta, que, provavelmente, contribuía para a mudança de práticas desenvolvidas pelas pessoas que viviam na área rural. Além disso, é possível observar a promoção de benfeitorias realizadas pelo poder público, de modo especial, as que envolviam a construção de escolas e as voltadas ao magistério caxiense. Suponho que, assim, objetivavam angariar a simpatia da comunidade para a gestão pública municipal. Esse uso da imprensa, repleto de interesses foi abordado por Bastos (2002, p. 52):

[...] a imprensa cria um espaço público através do seu discurso – social e simbólico – agindo como mediador cultural e ideológico privilegiado entre o público e o privado, fixa sentidos, organiza relações e disciplina conflitos. Como um discurso carregado de intenções, constitui verdades, ao incorporar e promover práticas que legitimam e privilegiam alguns conhecimentos em detrimento de outros, produz e divulga saberes que homogeneizam, modelam e disciplinam o seu público leitor.

A função desempenhada pelo *Despertar* junto à comunidade que vivia na área rural vai ao encontro das reflexões feitas por Bastos (2002). Ao longo dos anos de circulação, é possível supor que o periódico conquistou um público fiel, e despertou em seus leitores, não somente o hábito da leitura do jornal, mas, também, o desejo e a expectativa pelas edições que se sucediam, a cada entrada de um novo mês. Corroborar esse pensamento, o trecho de anotação da professora Ester, que faz parte do estudo de Thales de Azevedo (1994, p. 85):

Mas reclamam imediatamente quando seu filho não recebe na Escola o exemplar mensal de “Despertar” órgão das escolas municipais, gratuito, que tem sempre no frontispício uma nota sobre a efeméride cívica mais próxima,

uma página para a professora, uma “página de informações rurais” pelo Serviço de Fomento Agrícola da Prefeitura, uma página de colaborações dos alunos, uma página de “conselhos úteis” sobre assuntos de economia doméstica, cozinha, etc.; páginas de assuntos humorísticos e instrutivos para a criança e de poesias, e uma página de noticiário.

Nesse sentido, o *Despertar* apresentou-se como um aparato estratégico de comunicação, angariando o interesse das pessoas da área rural para o conteúdo publicado em suas páginas. E, por isso, a análise do conteúdo das diferentes colunas contribuirá para a compreensão sobre a articulação entre temas abordados, e interesses da administração pública; além de evidenciar as possíveis estratégias usadas para influenciar as práticas desenvolvidas pela comunidade rural. Desse modo, a seguir, apresento a análise realizada em torno dos temas abordados no periódico, considerando as articulações com os objetivos definidos para este estudo.

4.2.1 A atuação do professor nas áreas rurais

A análise do *Despertar* propõe reflexões em torno da atuação, e de uma formação específica do professor para uma atuação nas comunidades rurais. Traz vestígios sobre o contexto do exercício da profissão nessas localidades, e das expectativas do poder público em relação às práticas docentes. Além de possibilitar a compreensão sobre as estratégias usadas, por meio do periódico, para a disseminação de orientações e apreensão dos modelos propostos para os integrantes da rede pública de ensino. O estudo em torno desse assunto contribui com o entendimento de como acontecia a qualificação dos professores para o exercício da docência junto à comunidade rural, e, também, das competências que eram trabalhadas com o apoio do governo municipal.

A análise do periódico, também, fez-me supor que o *Despertar* não trouxe somente evidências sobre os aspectos que envolviam a formação dos professores para as áreas rurais, mas, questionamentos sobre o papel do periódico como um aparato mobilizador de práticas entre os docentes. O *Despertar* cooperava pois apresentava as orientações e os modelos de tal modo que contribuía com o trabalho

dos docentes, prescrevendo práticas e orientando para comportamentos que deveriam ser adotados no exercício da atividade junto às crianças e famílias da área rural. O periódico também divulgava mensagens que promoviam um sentimento de valorização dos sujeitos que viviam nessas localidades mais isoladas, o que colaborava para que as pessoas fossem mais propensas a aderir às orientações, facilitando o trabalho do professor. O docente, nessas localidades, precisava desenvolver conhecimentos e habilidades que estivesse de acordo com o contexto de vida dos habitantes da área rural, o que era sugerido pelo órgão público de ensino. Corrobora esse pensamento o excerto a seguir:

Não bastam as boas técnicas pedagógicas a quem está investido de responsabilidade educativas nas zonas rurais. Para ser de fato eficiente na sua missão, deve o professor rural conhecer os problemas específicos da região em que exerce magistério, abrangendo agricultura, higiene, economia, alimentação, pequenas indústrias domésticas (DESPERTAR, 1951a, p. 2).

O professor rural, a partir do trecho, era guiado para uma atuação que estivesse inserida às rotinas da vida rural, contribuindo com soluções para melhorar a condição das pessoas dessas localidades. Tais orientações, possivelmente, agiam no sentido de lapidar sentimentos e atitudes já presentes em alguns docentes, pelas experiências de vida na área rural; dando a aprovação do poder público para uma atuação diferente e, também, talvez, pela pouca habilidade pedagógica, incentivando e orientando o planejamento de atividades que compreendiam os aspectos da vida rural.

Por ventura, a referida atuação dos professores, de proximidade à realidade das pessoas que viviam na área rural, considerando as peculiaridades desse espaço, lhes concebia o respeito e a confiança da comunidade, ambos importantes para que colocassem em prática as orientações dos órgãos oficiais de ensino, o que cooperava para aproximar o homem rural ao perfil de cidadão ambicionado. O depoimento da professora Ester Troian Benvenuto (1983, p. 10), corrobora para essa consideração:

E, até me ocorre aqui contar um episódio, além do muito que eu poderia falar sobre esta benemérita maestra. Quando a mulher conquistou o direito do voto, lá se foi a maestra esclarecer as mulheres do vilarejo, que todas deveriam participar, fazendo-se eleitoras. E, um dia eu ouvi um alarido na

frente da sua casa. Lá estavam mais de 40 mulheres, perguntando o que estava ocorrendo, elas responderam em coro: "Nós todas queremos votar na senhora e por isso resolvemos vir até a sua presença, pois hoje nós queremos votar e nós vamos fazer aquele documento que a senhora disse". Isso eu conto, porque prova a ascendência que o mestre exercia junto a comunidade.

O exercício da docência na área rural foi pontual para a constituição de um indivíduo, ao mesmo tempo, moldado a atender padrões de conduta de uma sociedade urbanizada, mas firme à frente das atividades agrícolas. Nesse sentido, os docentes tinham uma atuação que encorajava as pessoas das áreas rurais a olharem para as suas vidas sobre outras perspectivas, pois a proximidade com a realidade vivida por aquelas pessoas, lhes possibilitava a confiança para o exercício do seu trabalho. A representação construída sobre a imagem de professor, atrelada à promessa da aquisição de conhecimentos por alguém mais instruído, por isso, mais sábio, concedia, aos docentes, o respeito das comunidades da área rural.

Em relação às reflexões sobre uma formação específica dos professores para a área rural, observei o que os estudiosos sobre a formação de professores refletiram a respeito. Entre os defensores de uma formação diferente, que respeitasse as características de cada espaço, destaca-se Sud Mennucci. Para Mennucci (1934), era importante criar diferenciações quanto ao alcance e à orientação, a fim de que ajudassem a formar três mentalidades diferentes, que apresentassem características de cada espaço – campo, cidade e mar. Para ele, a escola rural normal fracassaria se fosse instituída no campo, no mesmo formato que na cidade, pois, o professor, sem conhecimentos específicos do espaço que ocuparia, se transformaria em um mero aprendiz. Em sua proposta de Escola Normal Rural, Mennucci falava de uma organização que envolvia o campo pedagógico, o higiênico e o agrícola; e dos professores transformados em uma espécie de orientadores de conhecimentos técnicos, ajudando a população rural na dissolução dos diferentes problemas.

A criação de um currículo que atendesse aos conhecimentos necessários para a constituição de um professor que respondesse com eficácia às demandas dos moradores das áreas rurais, também, foi abordada na obra de Lex (1973), que propôs a criação de cursos com conhecimentos rurais, que compreendiam: higiene rural; temas relacionados aos problemas da vida social do campo – sociologia rural; o ensino

da leitura e da linguagem no meio rural; educação física; e atividades rurais, que estimulavam a simpatia dos professores pelo campo (LEX, 1973, p. 250).

Essa formação específica defendida pelos estudiosos acima, também, foi amplamente tratada na segunda metade do século XX, quando o movimento do ruralismo pedagógico ganhou evidência. Segundo Bezerra Neto (2016), esse movimento objetivava a fixação do sujeito no campo com a ajuda da pedagogia. A proposta foi desenvolvida em meio a uma reorganização do Estado Brasileiro na Era Vargas, e a um movimento da Ação Integralista, marcado pelo nacionalismo, no início da década de 30. Para os pedagogos ruralistas, havia a necessidade da criação de um currículo que produzisse respostas às necessidades do sujeito que vivia no meio rural, com conhecimentos, tais como: agricultura, pecuária e outros relacionados ao cotidiano dessas pessoas (BEZERRA NETO, 2016, p.15-18).

Os aspectos que envolviam conhecimentos específicos para os professores que atuavam na área rural foram evidenciados no *Despertar*. O excerto, a seguir, exemplifica o que o órgão de ensino caxiense preconizava para a educação na área rural.

Ensinar a alimentar-se corretamente, a cultivar uma horta, a criar galinhas e abelhas, a defender-se contra endemias e tantas outras noções indispensáveis à vida exige não só conteúdo pedagógico, mas igual dose de conhecimentos técnicos, tão necessários quanto aquele e de valor equivalente na habilitação profissional do mestre. Isto porque, professor rural qualificado é aquele que tem domínio sobre a natureza, os problemas da saúde e da produção, e tudo, enfim, quanto interesse à região. Conhecer a terra é, assim, condição precípua para que possa o professor colaborar, como lhe cabe, na melhoria das condições de vida na comunidade, tornando-a mais agradável sob os pontos de vista da sociabilidade, da economia, da estética, da saúde, da cultura geral (DESPERTAR, 1951a, p. 2).

Além de o conteúdo do *Despertar* indicar que havia a preocupação do poder público no desenvolvimento de assuntos compreendidos pela vida na área rural, também, pude evidenciar que havia um interesse do órgão de ensino com a formação e qualificação para a atuação nessa região. A qualificação desejada e a disseminação de conhecimentos a respeito do “rural” eram empreendidas pelo planejamento da criação de espaços específicos para isso:

Após minucioso estudo das obras e trabalhos de caráter inadiável a serem empreendidos no exercício vindouro, no setor educacional, a Diretoria da Instrução elaborou e já apresentou ao Sr. Prefeito Municipal o planejamento de atividades e respectivos orçamentos. Entre outros melhoramentos torna a Diretoria da Instrução a insistir na criação de uma Escola Rural que, além do ensino primário, ministrará conhecimentos práticos de agricultura. Trata, ainda, da fundação de um maior número de Clubes Agrícolas [...] (DESPERTAR, 1950e, p. 16).

Essa preocupação expressa nas páginas do periódico, corrobora com as reflexões de Chaloba (2017), que declara ter havido uma ampliação das iniciativas para a criação de instituições formadoras de professores para as áreas rurais, no período de 1930 a 1970. Esse movimento foi impulsionado pelo gradativo êxodo das pessoas do campo, devido à propagação dos pensamentos ruralistas e às políticas do governo federal, que objetivavam conter a migração das pessoas das zonas rurais - entre essas ações, encontra-se a organização de políticas nacionais para a educação rural. Em 1952, surgiu a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), que promovia ações para impulsionar o ensino na área rural, por meio da capacitação de professores. Nesse sentido, os cursos normais regionais eram orientados pelas diretrizes da Lei Orgânica do Ensino Agrícola (BRASÍLIA, 1946b). De acordo com Ferreira (2017), essas ações atendiam à recomendação da UNESCO - *The Organization Of Rural Education*, do ano de 1936, que propunha atividades, tais como: as realizadas pelos clubes agrícolas e clubes de leitura, ou ainda, por meio de exibição de filmes (FERREIRA, 2017, p. 1868). A atividade dos clubes agrícolas, o oferecimento de bibliotecas para os professores, e o uso de projeção de filmes, foram ações que evidenciei durante a análise do *Despertar*.

Na década de 40, na região de Caxias, verifiquei que houve um trabalho da gestão municipal apoiado pela congregação dos padres Josefinos de Murialdo, para o oferecimento de cursos destinados à formação e/ou qualificação dos docentes, específicos para o exercício da profissão nas áreas rurais. Segundo Werle (2005), a Escola São José do Murialdo de Caxias do Sul atuava na formação do professor para a área rural. O curso do Colégio Murialdo tinha como objetivo formar professores do antigo primário (1ª a 5ª séries), o que perdurou de 1942 a 1968, com o oferecimento

de disciplinas obrigatórias, entre as matérias: didática, psicologia e práticas agropecuárias. É possível observar em fotografia divulgada no *Jornal Pioneiro*, os alunos e professores em frente ao Colégio, no ano de 1966. Verifico a predominância de alunos do sexo masculino, possivelmente, por se tratar de um curso ligado ao seminário, no qual somente homens pudessem frequentar.

Figura 7: Foto dos alunos, professores e funcionários da Escola São José dos padres Josefinos de Murialdo



Fonte: *Jornal Pioneiro* (2018).

A formação dos professores, em Caxias do Sul, passou a ocupar espaço de maior frequência no *Despertar*, a partir das edições da década de 1950. Período, quando identifiquei a recorrência de chamadas para provas e cursos para a formação: “Funcionará em 1950, gratuitamente, um Curso de Férias, para as professoras nomeadas interinamente e para candidatas ao magistério municipal, sob a direta orientação da Diretoria da Instrução Pública [...]” (DESPERTAR, 1949d, p. 7). Eram notícias que se repetiam anualmente: “Funcionou no decorrer do mês de janeiro, na

sala da Biblioteca Pública, desta cidade, o curso de Férias para professoras e candidatas ao magistério. As aulas que estiveram concorridíssimas foram ministradas pelas professoras [...]” (DESPERTAR, 1951b, p. 7). Outras notas, ainda, indicam a formação específica do docente da área rural:

Causou geral contentamento entre o magistério municipal a aprovação obtida pela educacionista Leda Dal Prá, no exame de habilitação ao Curso Intensivo de Formação de Professores Rurais, realizado recentemente na Secretaria de Educação e Cultura, em Porto Alegre. A referida professora encontra-se em Viamão em prosseguimento ao Curso Intensivo de aprendizagem agrícola (DESPERTAR, 1951b, p. 7).

A partir do excerto e da foto do Colégio Murialdo, é possível inferir que, apesar de a cidade oferecer cursos para a formação de professores rurais, as mulheres ainda procuravam essa formação fora de Caxias. Fato que contribui com o entendimento de que a formação oferecida pela congregação dos padres Josefinos de Murialdo fosse aberta, somente, para os homens que se inseriam no seminário. Essa questão da restrição às mulheres e da forçosa procura por formação específica fora da cidade é observada, novamente, no *Despertar*: “Acabam de ser nomeadas para o Magistério Rural Estadual, as professoras municipais Adélia Dal Pont e Laura Grillo que concluíram o curso intensivo rural na cidade de Osório [...]” (DESPERTAR, 1953b, p. 8).

Outro ponto que chama a atenção, também, observado no *Despertar* é o que trata sobre os exames de suficiência. A Diretoria de Instrução Pública oferecia os exames como estratégia para promover a adequação do quadro de professores municipais dentro de um modelo desejado pelo órgão. Dessa forma, é provável que os professores que pretendessem seguir a carreira de docentes, no município, tivessem que procurar cursos para essa adequação em sua formação. “[...] Todos os componentes do magistério, que contarem menos de dez anos de serviço, estão sujeitos a uma prova de suficiência, em época previamente fixada” (DESPERTAR, 1948d, p. 9). Questão que, também, é observada no trecho: “Teve lugar em fevereiro último, na Biblioteca Pública Municipal, os exames de suficiência ao Magistério

Municipal. Compareceram mais de quarenta candidatas, e o resultado das provas acusou baixo índice de aprovação” (DESPERTAR, 1953b, p. 9).

Suponho que os exames de suficiência promovidos pela administração municipal, tivessem a finalidade de adequar o corpo docente ao perfil desejado. Essas observações são feitas, considerando-se os textos da coluna “Noticiário” e, a partir da leitura do Relatório de Administração Municipal, onde são divulgadas as ações adotadas para a qualidade do ensino caxiense: “[...] Precisamos zelar também pela qualidade e rendimento da escola. Assim sendo, registramos uma etapa de intensa atividade no magistério, objetivando aprimorar o ensino e aumentar-lhe o rendimento, através de diretrizes técnicas e didáticas” (CAXIAS DO SUL, 1952-1954, p. 14).

Nas estatísticas divulgadas pela Prefeitura no *Despertar*, é possível verificar que os índices de reprovadas são expressivamente maiores aos de aprovadas: “Aos exames de suficiência inscreveram-se trinta e cinco candidatas ao Magistério Municipal. O resultado das provas acusou o seguinte: Aprovadas – 8. Reprovadas – 27 (DESPERTAR, 1951b, p. 7). “Foram convocadas onze educacionistas, sendo que sete alcançaram a aprovação. É esse o último exame realizado com o programa atual [...] o próximo ano sofrerá algumas modificações, visando um preparo mais completo [...]” (DESPERTAR, 1950b, p. 8). Esse número de reprovação pode estar relacionado à escassez de uma formação específica, na cidade, e às dificuldades no acesso aos cursos, possivelmente, pela distância entre as localidades onde as docentes viviam e os locais onde estavam situadas as escolas de formação.

Outro motivo, pode ser o fato de as docentes constituírem as suas famílias nessas localidades e, por isso, abdicarem da formação, para se dedicarem exclusivamente à família e ao lar, como se evidencia no recorte: “Em virtude de ter contraído matrimônio solicitou exoneração do cargo de professora municipal, a senhora Maria Ana Venturin, que vinha exercendo o magistério, com muita dedicação, na Escola Isolda Felipe Camarão - Monte Bérico” (DESPERTAR, 1948f, p. 8).

Chamou a minha atenção, ainda, o fato de as professoras mais antigas, ou seja, com mais anos de atuação, iniciarem de forma precoce a carreira de docentes, quando ainda na infância eram indicadas pela comunidade a ocuparem o cargo nas escolas das áreas rurais. Sem uma preparação para o exercício da profissão, a

docência acontecia muito pela intuição e pelo reflexo dos ensinamentos recebidos na escola, e, ainda, sob a influência de congregações religiosas. Assim como recorda a professora Ester Troian Benvenuti (1983, p. 10), sobre sua iniciação à frente das escolas rurais:

[...] E assim eu com treze anos incompletos, eu fui lá para alfabetizar em Santo Anselmo. [...] Alunos, em sua maioria, eram todos mais velhos do que eu, e muitos até adultos. Era inspetor escolar na época o senhor Santos Ceroni, que me aconselhou reunir os pais para arrumar os bancos, o quadro negro e que me virasse com a escola. [...] E, nesse período, lembro o apoio e a orientação que recebi dos padres Josefinos, que recém tinham chegado à Ana Rech, e das Irmãs do Colégio Nossa Senhora do Pompéia. Após muitos sonhos e muitas lutas, consegui completar o curso na Escola Complementar [...]. E a seguir ingressei no magistério do Estado, em 1942, nomeada que fui pelo Secretário da Educação e Cultura da época, doutor José Coelho de Souza. [...] Bem, quando eu resolvi estudar, que abriu aqui a escola, ah, Complementar, eu disse, eu vou me formar. Ah, muitas pessoas ficaram assim, horrorizadas. Diziam: "Ah, tu não precisas estudar, tu já sabes, tu já és professora, tu já estás ensinando mais do que isso não precisa. [...] Então, eu vim e fiz o exame de admissão aqui. Fui aprovada e entrei na Escola Elementar e consegui dois anos de frequência livre. Só vinha prestar exames [...]. Mas o terceiro ano, aí então a diretora Rosalba Hipólito, ela me chamou e disse: "Olha, minha filha, o terceiro ano, pra você se formar, tem que frequentar as aulas, porque tem que receber uma orientação mais técnica, pedagógica e tal". Então, fui falar com o prefeito, né? [...] E ele então falou com a dona Rosalba Hipólito, perguntando se eu era um elemento aproveitável no magistério [...] Ela diz: "Ela frequentou o primeiro e segundo tem tirado notas boas!" Então, um dia ele apareceu lá na escola, na minha escola e tive a sorte, digo eu tive a sorte, que recém nós tínhamos inaugurado um prédio que os colonos construíram, um prédio novo pra a escola [...].

De acordo com Luchese e Grazziotin (2015), os imigrantes italianos selecionavam, entre as famílias da comunidade, as mulheres com mais conhecimentos, que, ainda na adolescência, assumiam o cargo de professoras. Uma profissão procurada pelas mulheres na possibilidade de buscarem um caminho diferente ao trabalho agrícola. Segundo as pesquisadoras, essas nomeações não obedeciam a critérios previamente estabelecidos. No início do século XX, muitas professoras eram indicadas pelas famílias, porém, os intendentes ou inspetores escolares realizavam uma espécie de entrevista, com o que corrobora o depoimento da professora Ester Troian Benvenuti. No entanto, com as políticas nacionais e gaúchas de educação, na década de 30, houve uma discussão sobre a formação dos professores, porque muitos deles eram leigos e reproduziam, na prática, as

experiências escolares. Dessa forma, cursos e encontros formativos-pedagógicos eram oferecidos no período de férias, aos professores (LUCHESE; GRAZZIOTIN, 2015, p. 349).

A professora Ester rememora o tempo em que foi Diretora de Instrução Pública e como, ao longo dos anos, de sua iniciação como professora até os de sua atuação na Diretoria, houve uma maior fiscalização por parte da administração, com uma cobrança mais rigorosa nos exames de admissão. Ela explica que, na época em que se submeteu aos testes, precisou mostrar o seu desempenho com a escrita de uma carta, por meio de um ditado, e da resolução de um problema que continha as quatro operações, além de responder a alguns questionamentos que tinham como referência um livreto de Moral e Cívica. Anos mais tarde, ocupando o cargo de orientadora, observou que os exames de admissão seguiam as disposições do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional da Secretaria de Educação, e, depois disso, as professoras começaram a ter um programa para fazer concursos, tornando-se mais eficientes (BENVENUTTI, 1983, p. 10).

No decreto nacional nº 8.529 de janeiro de 1946 - Lei Orgânica do Ensino Primário (BRASÍLIA, 1946^a, não paginado), é possível observar, no capítulo 5º, que há uma definição de critérios para a admissão de docentes, inclusive no que tange ao aperfeiçoamento técnico; no entanto, não há referência a uma formação específica para os professores da área rural:

Art. 34. O magistério primário só pode ser exercido por brasileiros, maiores de dezoito anos, em boas condições de saúde física e mental, e que hajam recebido preparação conveniente, em cursos apropriados, ou prestado exame de habilitação, na forma da lei.

Art. 35. Os poderes públicos providenciarão no sentido de obterem contínuo aperfeiçoamento técnico do professorado das suas escolas primárias.

Ainda no que se refere à legislação, é possível observar, mais localmente, no Regulamento da Diretoria de Instrução Pública Municipal, do ano de 1951, que há referência a integração do sujeito ao meio social, “dando ao educando uma visão real do meio em que vive e cresce” e possibilitando conhecer o “alto sentido da vida rural” (CAXIAS DO SUL, 1951, p. 1). No entanto, não há referência direta sobre a formação

dos professores para a área rural, mas é apontado que o professor comprove conhecimentos específicos sobre agricultura, nos concursos de títulos e provas:

Art. 22º - Serão admitidos ao concurso todos os candidatos que requererem inscrição, juntando os seguintes documentos: a) Prova de que o candidato tem mais de 18 anos e menos de 40 anos de idade. b) Prova de estar quite com o serviço militar, quando à – êle obrigado. c) Atestado de saúde passado pelo Posto de Higiene.

Parágrafo Único – O programa, que constará de Português, Matemática, Estudos Sociais e Naturais, Pedagogia, Economia Doméstica, Puericultura, Agricultura, Desenho e Artes Aplicadas, Música e Educação Física, será fornecido anualmente pela Diretoria da Instrução Pública Municipal (CAXIAS DO SUL, 1951, p. 6).

Suponho que os conhecimentos acerca do cotidiano de vida nas localidades rurais não eram os mais difíceis de serem desenvolvidos pelos professores, pela própria experiência de vida na área rural, pelo histórico familiar e pela proximidade com a cultura desenvolvida nesse espaço. Luchese (2007) fala do professor como representante dos grupos que viviam no interior, exercendo um papel de destaque em diferentes situações, tais como, em atividades religiosas, na organizações daquela comunidade, e como “porta-vozes mediante as autoridades locais das reivindicações e necessidades da comunidade” (LUCHESE, 2007, p. 204). Presumo que essa presença de destaque ajudou a construir a representação do professor junto às comunidades rurais, e lhe atribuía ser o mediador nas relações que se estabeleciam entre o poder público e as comunidades rurais, algo não sugerido na legislação do ensino, mas era uma competência adquirida, muito mais, na convivência diária com as pessoas que viviam nessas localidades, do que aprendida em uma formação específica, essa atuação foi evidenciada no *Despertar*.

As notícias de participações dos professores em atos formais do poder público e, em eventos das comunidades rurais que reuniam pais, alunos e autoridades municipais e estaduais, são um exemplo da representatividade dos docentes: “A primeira escola inaugurada foi a D. José Baréa, da zona Vanassi. [...] Na Escola “Aloísio de Azevedo” falaram o Prefeito e a Prof. Laura Grillo” (DESPERTAR, 1952h, p. 15-16); “Teve lugar no dia 25 do mês de julho a solene inauguração do prédio para a Escola “Santo Baldasso” [...]. Dando início a solenidade, foi cantado o Hino Nacional

e a professora regente Srta. Alda Isotton saudou o Sr. Prefeito Municipal” (DESPERTAR, 1954e, p. 12); “Inaugurou-se no dia 12 de julho pela manhã, em Vila Sêca, o novo prédio da Escola Municipal Antônio Pereira Soares [...] Agradecendo a presença do Sr. Prefeito [...] fez uso da palavra a professora da Escola Sra. Anathália Marchesi” (DESPERTAR, 1952h, p. 14-15); e “Foi solenemente fundado, no mês findo, um Clube Agrícola na Escola “Rui Barbosa” [...] O “DESPERTAR” cumprimenta a regente da Escola Srta. Natalina Bovo, pela sua dedicação e pela maneira brilhante com que organizou o programa dos festejos” (DESPERTAR, 1950e, p. 16).

Nesse sentido, o papel desempenhado pelo professor reforça a ideia de que as comunidades das localidades rurais depositavam a sua confiança e simpatia na figura do docente, a ponto de o elegerem” como “porta-voz”. Nesse contexto, a administração pública angariava espaço para a promoção de transformações significativas nas práticas desenvolvidas nas áreas rurais.

Outro ponto evidenciado no *Despertar* é o que indica para uma possível participação dos professores na produção das matérias enviadas à redação do periódico, pelos alunos, para a coluna “Colaboração e Boa Vontade”. Observação que faço, considerando a correção na escrita dos textos, o nível de instrução dos alunos e a dificuldade para um suporte em casa, para a escrita em português, em virtude do possível uso do dialeto italiano pelas famílias das áreas rurais. Também conjeturo que essa possível intervenção dos professores na produção dos textos acontecesse com o consentimento, ou ainda, com o pedido de auxílio das crianças, dada a confiança depositada no docente. Entendo que em algumas séries mais avançadas, os alunos tivessem mais habilidade para a escrita, porém, mesmo considerando esse fator, atentei para a estrutura textual e, para as expressões utilizadas, o que pode ser verificado no excerto a seguir:

Grupo Escolar Municipal “José Bonifácio”, 27 de agosto de 1952. Prezada Orientadora. Tenho o grato prazer de vir agradecer-lhe pela remessa do jornalzinho o "Despertar". Sinto-me muito feliz com êsse jornal, porque espanta as trevas da ignorância. Gosto muito das páginas "Colaboração e Boa Vontade e Para Você Criança". Quero que a senhora continue sempre a nos oferecer esse útil jornal, que venha sempre mais bonito e instrutivo. Fico com o coração repleto de alegria em pegar esse jornalzinho na mão e também meus pais depois do jantar, gostam muito de ouvir essas coisas úteis que contem. Peço que o dia dos exames seja a senhora que venha visitar a nossa

escola. Para finalizar aceite um forte abraço da aluna 4º ano, Cecília Baldo (DESPERTAR, 1952g, p. 4).

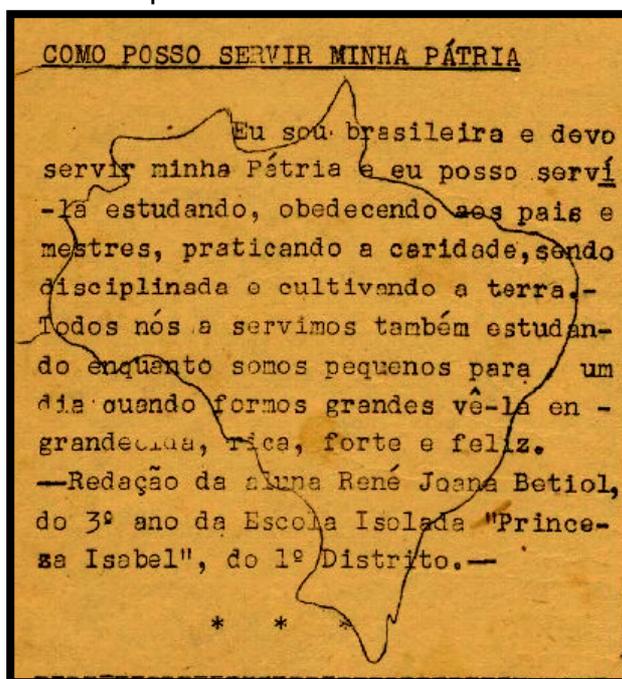
No que se relaciona à dificuldade das famílias com a língua portuguesa, o professor agia como um facilitador da educação nas áreas rurais, Ester Troian Benvenuti relembra essa atuação: “Se era uma família que só falava o italiano, a alfabetização se tornava mais difícil. [...] Falava o dialeto italiano, sem dúvida nenhuma [...] eu entendia eles todos” (BENVENUTTI, 1983, p. 10). Após essas análises, fortaleço a ideia de que o docente exercia alguma interferência sobre os textos enviados ao periódico. Ainda reflito acerca das motivações que o levavam a essa intervenção, supondo que houvesse o interesse que as contribuições publicadas evidenciassem as suas habilidades e competências como docente. Considero o conteúdo dos textos outra evidência, pois, algumas colaborações reproduziam os conhecimentos sugeridos nas diretrizes do ensino rural e, ainda, apareciam em outras colunas do *Despertar*, como por exemplo nos recortes a seguir:

Figura 8: Excerto da coluna Higiene do *Despertar* do ano de 1947.



Fonte: *Despertar* (1947a).

Figura 9: Excerto da coluna Colaboração e Bôa Vontade do Despertar do ano de 1948



Fonte: Despertar (1948e).

Essa reprodução das informações publicadas em outras colunas, na seção “Colaboração e Bôa Vontade”, indica um possível sucesso da Diretoria de Instrução Pública com a apropriação, pelos professores e alunos, dos temas sugeridos nas diretrizes de ensino para a área rural. De acordo com Chartier (199, p. 180), a apropriação está relacionada ao modo como o indivíduo percebe as representações e cria sentido:

[...] a apropriação visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Assim, voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.

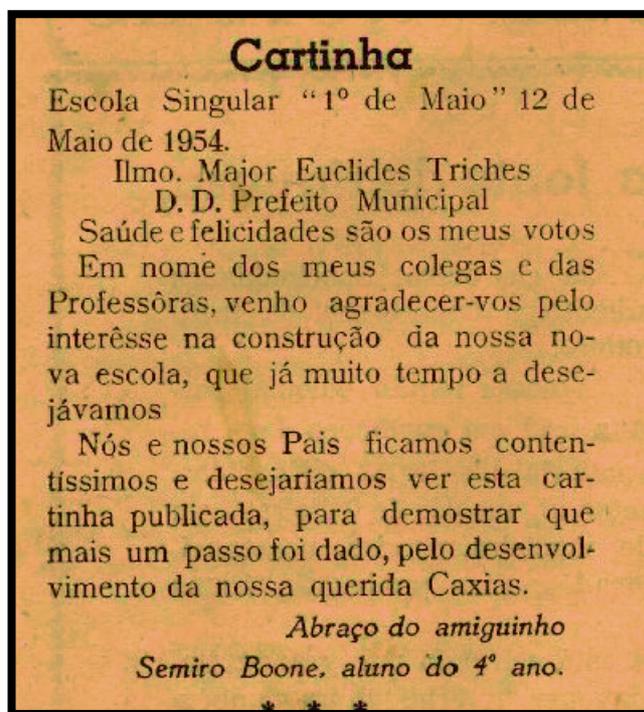
Nesse contexto, o periódico contribuiu para a disseminação de orientações que visavam modificar ou inserir práticas, considerando-se as repetições dos temas como uma evidência de uma possível apropriação das informações publicadas no periódico. Os excertos a seguir corroboram: “De manhã bem cedo salto da cama, rezo a oração da manhã, lavo o rosto e escovo os dentes [...] (DESPERTAR, 1953a, p. 4); “Um menino que sabe cuidar de seu corpo, deve: tomar banho diariamente ou ao menos duas vezes por semana [...] escovar os dentes, pelo menos pela manhã e à noite” (DESPERTAR, 1952h, p. 12); e [...] Este cantinho quer ajuda-lo a rezar com alegria. Não é difícil. Só é necessário fazer um esforço e acostumar-se pouco a pouco; então tudo será mais fácil. Oração da manhã. Quando acordar, meu filho, você deve pensar logo em Jesus [...] (DESPERTAR, 1948d, p. 8).

As concepções de Chartier (1990, p. 26) sobre as apropriações contribuem para a reflexão anterior:

No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito, coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo.

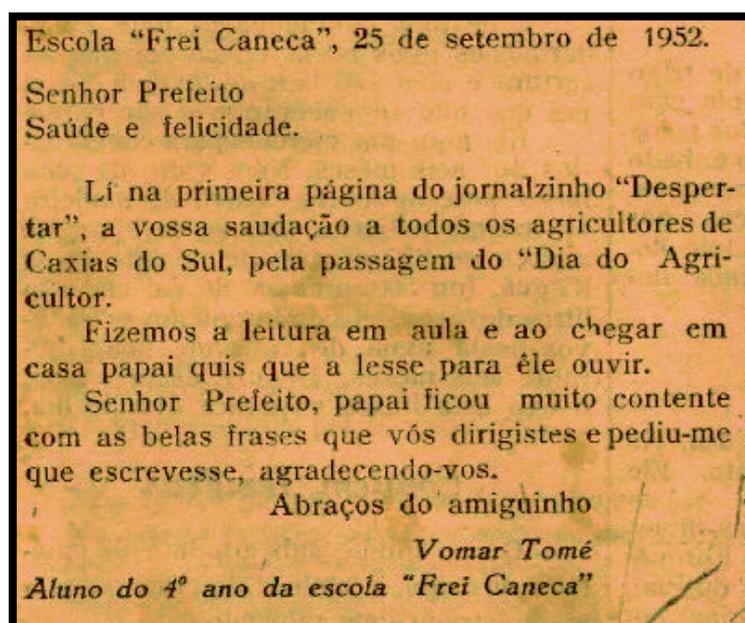
É possível, ainda, crer que a atuação do professor, nesse processo, colaborava com a leitura e a interpretação do que era publicado no *Despertar*. Além disso, há evidências de que essa participação do professor, cooperava para um sentimento de cortesia e, em algumas vezes, de gratidão da comunidade em relação a administração pública, evidenciando que a sua presença, em ambos os grupos, ajustava arestas e possibilitava uma convivência respeitosa:

Figura 10: Excerto da coluna Colaboração e Boa Vontade do Despertar do ano de 1954



Fonte: Despertar (1954b).

Figura 11: Excerto da coluna Colaboração e Boa Vontade do Despertar do ano de 1952



Fonte: Despertar (1952b).

Nesse sentido, o professor foi um elo entre os dois grupos, possibilitando a compreensão de realidades distintas, vividas por esses grupos, e adequando as expectativas às necessidades. O *Despertar* transportou, pelo tempo, as evidências que ajudam a esclarecer essa relação, e a compreender quais eram os anseios da administração sobre a docência nas escolas públicas de ensino. Também, vejo o *Despertar* como um aparato importante na difusão de orientações relacionadas à atuação do professor para a área rural. As considerações de Bastos (2002, p. 52), sobre o uso desse tipo de imprensa, corroboram as minhas reflexões, quando a pesquisadora destaca que essa imprensa educacional foi um mecanismo de orientação intelectual e moral na formação dos professores:

Um dos dispositivos privilegiados para forjar o sujeito/cidadão é a imprensa, portadora e produtora de significações. A partir da necessidade de informar sobre fatos, opiniões e acontecimentos, a imprensa procura engendrar uma mentalidade – uma certa maneira de ver – no seu destinatário, construindo um público-leitor.

A análise do periódico permite reflexões, tais como, a de que não faltavam os conhecimentos práticos da vida rural, para os professores. Porém, era-lhes exigido atuar como “técnicos”, disseminando orientações que buscavam um progresso das práticas promovidas naquele espaço. Suponho, ainda, que o *Despertar* tenha ajudado para o planejamento dos temas a serem abordados e, por publicar informações em uma linguagem de fácil compreensão, mas, tecnicamente melhor formuladas, serviu como material de apoio. Além disso, o periódico indicava uma abordagem sobre assuntos que, na época, eram mais recorrentes na área urbana, porém, que se desejava inserir nas áreas rurais, como por exemplo, as recomendações de higiene e saúde.

Para Biccas (2002), os impressos atuaram como instrumentos para a formação de professores. Foram aparatos que apoiaram a circulação de teorias, métodos e sugestões aos docentes, e contribuíram para a apreensão de práticas escolares.

Por meio das colunas do *Despertar*, percebi vestígios de propostas do órgão público de ensino para a formação dos professores. As exigências e orientações, ao corpo docente, visavam uma adequação às necessidades e à realidade das

comunidades da área rural, indicando o alinhamento às orientações preconizadas pelas leis nacionais. Percebi, também, deficiências do órgão, tais como: a escassez de escolas para formação de professoras para o ensino rural - mesmo havendo a sugestão de que os docentes desenvolvessem conhecimentos específicos para atuação nessas localidades; e, a pouca preparação dos docente às exigências, evidenciada pela reprovação nos concursos.

Em relação ao *Despertar*, surgiu como um aparato para a propagação de saberes que envolviam uma atuação mais prática e facilitadora dentro do contexto de vida na área rural. Colaborando no direcionamento das práticas docentes e, também, das práticas das pessoas que viviam na área rural e circundavam o espaço escolar. Algumas orientações publicadas no periódico, deixavam evidentes as singularidades da educação nessa região. Desse modo, percebi a necessidade de aprofundar a análise sobre as informações publicadas no *Despertar* que abordavam questões em torno do “rural” e, mais especificamente, que possam indicar influências sobre a educação dos sujeitos que viviam na área rural de Caxias do Sul, que possam revelar as nuances do movimento ruralista pedagógico.

4.2.2 O ruralismo no *Despertar* ou o despertar do ruralismo

O movimento do ruralismo pedagógico apresentava uma proposta de educação para as pessoas que viviam no campo, de uma forma diferente da desenvolvida na área urbana. Um dos objetivos era criar atrativos ou melhores condições, a fim de que essas pessoas não migrassem para a cidade em busca de novas perspectivas de vida, vislumbradas pelo crescimento da indústria. No entanto, o desenvolvimento de programas relevantes às escolas que atuavam na área rural aconteceu de uma forma mais contundente, a partir de 1930, com a consolidação das ideias dos pioneiros do ruralismo pedagógico. Na década seguinte, as ideias do ruralismo pedagógico visavam combater o “inchaço” das cidades, a partir daí, a educação auxiliou na compreensão dos sujeitos que viviam na área rural sobre a importância desse espaço. No referido contexto, surge a necessidade de adaptar os programas e currículos de

ensino à cultura rural. Para isso, foram adotadas ações, entre elas: o incentivo à modernização das técnicas aplicadas no trabalho; a profissionalização do trabalho; ou seja, ações que fortalecessem a ideia de que a modernização ajudaria a elevar a condição de vida das pessoas das áreas rurais (BRESOLIN; ECCO, 2008, p. 3-4).

A proposta de educação do trabalhador rural, apresentada pelo ruralismo pedagógico, estava fundamentada na ideia de fixar os sujeitos no espaço rural com a escola como apoiadora. Porém, o que aconteceu em algumas regiões foi a criação de cursos de ruralismo, e não de Escolas Normais Rurais, que desenvolvessem o professor para uma atuação especializada (BEZERRA NETO, 2016, p. 15-18). Fato que foi evidenciado no subcapítulo anterior. Tendo a escola, a presença do professor, como responsável por uma educação guiada pelos preceitos do ruralismo pedagógico, justifica-se a importância da habilitação desses profissionais para uma atuação junto à comunidade rural.

Da análise de documentos da Administração Pública, é possível encontrar vestígios de que, em Caxias do Sul e cidades vizinhas, compartilhava-se a preocupação com o êxodo dos habitantes das áreas rurais. Em 1940, durante a I Conferência Regional de Cooperação Intermunicipal em Caxias do Sul, prefeitos da região da serra apresentaram suas teses sobre o êxodo da população das áreas rurais, entre eles, Vicente Dal Bó, Prefeito Municipal de Garibaldi. Em um projeto para minimizar o êxodo dos agricultores, o administrador municipal propôs a redução dos impostos sobre a terra e de outros encargos sobre a produção. Outro ponto destacado, referiu-se à inserção de novas culturas e orientações que visavam aprimorar o trabalho dos sujeitos da área rural, o que deveria começar pela educação das crianças:

[...] mister se torna difundir as linhas mestras dessa remodelação, a começar pelas crianças nas escolas primárias, preparando convenientemente, o respetivo professorado e, até aos jovens das casernas, ministrando-lhes os conhecimentos e estudos adequados [...] (DAL BÓ, 1940, p. 4).

Esse sentimento de munir as pessoas das áreas rurais de saberes que contribuíssem para uma melhora na sua condição de vida, foi evidenciado na leitura

do *Despertar*, por meio da disseminação de informações sobre novas técnicas e de orientações para produzir mais e com maior qualidade. O compartilhamento desses conhecimentos favorecia, tanto as famílias de agricultoras, quanto a administração municipal, porque contribuía para o crescimento do segmento agrícola e da economia do município. Temas que envolviam a área rural apareceram no periódico em 310 registros, ao longo de sua circulação. O assunto conquistou um espaço cativo no periódico, por meio da coluna “Informações Rurais”, com conteúdo informativo prescritivo que, pelos indícios, objetivava o desenvolvimento do trabalho realizado na área rural, no segmento agrícola e de pecuária, como pode ser apreciado no excerto: Organizamos cinco pomares modelos [...] observamos todos os requisitos da Técnica: escolha e exposição do terreno; escolha de variedades [...] adaptáveis ao nosso solo [...]; distância de planta a planta e plantio acompanhado da poda de formação (DESPERTAR, 1954c, p. 3).

Orientações como essa, apareceram em todas as edições (íntegras) analisadas do *Despertar*. A essência dos conteúdos publicados na coluna “Informações Rurais” não sofre alterações ao longo dos anos de circulação do periódico. As orientações envolviam temas sobre a produção de uma variedade de hortifrutigranjeiros: “Está a cargo do Técnico Rural Valdir Mugnol [...] o que denominaremos de Centro Avícola Municipal. Os interessados para uma exploração desta natureza, encontrarão explicações de grande utilidade sobre as melhores raças adaptáveis a nossa região [...] (DESPERTAR, 1954c, p. 3). O espaço também incluía indicações para o preparo e cultivo do solo: “[...] O solo é pobre quando os vegetais que nele crescem apresentam um aspecto raquítico: ramos compridos e finos e folhas pequenas e fracas. Nestes solos para se ter boas colheitas deve-se usar estrume e adubos químicos e trabalhar bem a terra [...]” (DESPERTAR, 1952c, p. 3). Além disso, apresentava dicas para o combate às pragas e doenças que afetavam plantações e criações: “Como combater algumas pragas das frutas. Nos pessegueiros. [...] No inverno podem ser combatidos pela Calda Sulfocálcica de 2 a 3% e pelo Alboliniun a 1,5%. Êste remédio [...] se encontra na Diretoria de Fomentos Agrícola [...]” (DESPERTAR, 1953a, p. 3).

O *Despertar* - como um guia prático na resolução de problemas para a área rural - cooperava na disseminação de orientações que interessavam as pessoas das

localidades rurais e, por esse motivo, suponho, tenha angariado leitores fiéis por onde circulou. Também cooperava com os órgãos municipais, diminuindo as distâncias que não eram somente físicas, para estreitar os laços com as pessoas que se estabeleciam nas áreas rurais. Outro ponto que destaco é o envolvimento das crianças nos assuntos relacionados ao trabalho, pois fica evidente que os alunos eram os portadores das informações publicadas no periódico, repassando-as às famílias. Em algumas edições, há um “chamamento” aos alunos para que realizem o papel de “traduzir” aos pais os ensinamentos publicados nas páginas do *Despertar*:

Estrumeiras modelo - Criança, lê para o teu paizinho que: A Prefeitura Municipal vai dar início à campanha da estrumeira modelo. Esta é uma iniciativa que virá trazer grandes benefícios aos agricultores. Todos já conhecem a importância que tem o estrume no aumento das produções. Além disso o estrume dos animais de cocheira é o adubo mais barato com que pode contar o colono para fertilizar as suas terras. [...] O que a Prefeitura se propõe a fazer é o seguinte: entrega a cada agricultor interessado a planta de uma estrumeira, fácil de construir e cujo tamanho varia conforme o número de animais e dará todas as explicações necessárias para a sua construção [...] (DESPERTAR, 1952e, p. 3).

O apoio da administração municipal para o desenvolvimento da agricultura familiar parecia ser bem didático, buscando facilitar a aplicação dos modelos dados. O aluno, filho do agricultor, nesse sentido, com a mediação do docente, levava a mensagem da administração, que continha, como no exemplo, conteúdos para a evolução das práticas desenvolvidas pela sua família.

Evidencio, também, que o órgão responsável pela promoção das atividades rurais no município – a Diretoria de Fomento e Assistência Rural - mantinha uma relação bem próxima ao órgão responsável pelas escolas municipais – a Diretoria de Instrução Pública. Essa relação conferiu, ao primeiro órgão, assinar a coluna “Informações Rurais” do *Despertar*. Além disso, ainda emergem evidências da leitura de outras colunas, que nos fazem crer que ao professor era confiado o papel de intermediar a comunicação entre os agricultores e a administração municipal. A confiança e o respeito conquistados pelo professor que atuava naquelas regiões ajudava-lhe a transpor a incredulidade da comunidade das áreas rurais para com a Administração Municipal:

A Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura, com a colaboração da Diretoria de Instrução Pública e da Agência de Estatística local e com plano apóio do Sr. Prefeito, vai dar início ao levantamento geral das propriedades do município. Quer dizer, tôdas as propriedades agrícolas do Município vão ser visitadas pelas professoras das Escolas ou outras pessoas encarregadas, para colher dados referentes a vida da colônia. O Governo Municipal quer o bem da colônia. Não quer aumentar os impostos, nem explorar os colonos. Ele quer o bem dos nossos agricultores, quer que a nossa colônia viva melhor e que os que trabalham a terra ganhem mais dinheiro. Por isso ele manda encarregados a fazer perguntas aos agricultores. Perguntas simples que todos podem responder. Com estas respostas, de todos os agricultores do município, o Govêrno Municipal fica conhecendo não mais ou menos, não de qualquer jeito, mas fica conhecendo bem como é a vida da colônia. Pode então traçar planos, tomar medidas que imediatamente tragam benefícios à colônia. Por isso, devem os bons agricultores atender bem, como sempre fazem, as pessoas que lhes forem procurar para esse trabalho e responder com exatidão às perguntas (DESPERTAR, 1952g, p. 3).

Nesse sentido, a Diretoria de Instrução Pública colaborava com os interesses da Diretoria de Fomento, e desenvolvia o ensino nas escolas rurais caxienses, por meio de uma pedagogia que evocava o ruralismo. Desse modo, a sua atuação é definida no próprio periódico, como a de “orientar e assistir às atividades da Colônia afim de que elas produzam sempre maiores rendimentos” e, apresentava as nuances dos ideais defendidos pela pedagogia ruralista (DESPERTAR, 1952a, p. 3).

Outro indício observado, por meio do *Despertar*, envolve o trabalho da Prefeitura com um projeto de “planificação agropecuária do município”, que expunha itens, tais como: a melhoria de vida para as pessoas daquela região; redução de impostos aos trabalhadores rurais; mecanização, para o trabalho dos homens; água encanada e meios de cozinha e aquecimento, para o trabalho das mulheres; melhoria de vias de comunicação; e organização e criação de espaços sociais como grêmios ou sociedades (DESPERTAR, 1952d, p. 7).

Em relação às ideias sustentadas pelo ruralismo pedagógico, segundo Bezerra Neto (2016), entre os pensadores dessa época havia discrepâncias, alguns defendiam a industrialização, tal qual, Anísio Teixeira; outros, como Sud Menucci, Carneiro Leão e Alberto Torres, sustentavam a ruralização do Brasil. Mas, de acordo com Bezerra Neto (2016), em comum, tinham a defesa do português e o fortalecimento do ensino

e da nação. Destacando-se a defesa de uma proposta ruralista e nacionalista por Sud Menucci.

Para Sud Menucci (1934), o problema do Brasil eram as cópias de outros países, o que fez com que surgissem leis que favoreciam a proteção das cidades e do urbanismo, pensando-se na organização dos serviços, sem se considerar o campo. O pensador criticava a instituição das escolas nas áreas urbanas, e, também, o modo como as escolas rurais funcionavam. De acordo com o estudioso, uma mudança ocorreu com a reforma de Sampaio Doria e de Guilherme Kuhlmann, em auxílio aos sujeitos do campo. Outra questão exposta pelo pensador relacionava-se à formação dos professores para o campo, o que também influenciava o insucesso da escola rural, especialmente pelo envio de professores inexperientes e treinados em estabelecimentos urbanos. Menucci (1934) defendia uma escola que formasse mentalidades reconhecedoras do indivíduo no seu modo de agir, considerando a nacionalidade. Entre os planos para o sucesso da escola rural constava: facilitar a posse da terra às pessoas que viviam nessas regiões; desenvolver um perfil de professor rural com consciência agrícola, investindo-se, para isso, em uma escola para a formação específica que compreendesse o pedagógico, o higiênico e o agrícola; e o oferecimento de atrativos como luz elétrica, rádio e telefone.

A formação específica de professores rurais, na região de Caxias do Sul, já foi abordada no subcapítulo anterior. Considero aqui, como as premissas de uma pedagogia ruralista, conforme as características defendidas por seus pensadores, pode ser percebida nas publicações do *Despertar*. Dentre os pontos expostos anteriormente idealizados por Menucci (1934), evidencio alguns nas matérias do periódico, entre eles os investimentos em atrativos para as localidades rurais:

Ilmo. Sr. Major Euclides Triches D. D. Prefeito Municipal Caxias do Sul. Cabe-me o grato dever de apresentar-vos, em nome dos moradores da Linha São Maximiliano, os nossos sinceros agradecimentos pela gentileza demonstrada por vossa senhoria por nos ter obsequiado com um telefone em nossa localidade, o qual já se acha em franco funcionamento. Achamo-nos satisfeitiíssimos pelo prêmio oferecido por vossa senhoria. Abraços do amiguinho Amado F. Lazzarotto, aluno do 4 ano, da Escola Isolda Pinheiro Machado (DESPERTAR, 1954a, p. 4).

Esses investimentos também envolviam a aquisição de equipamentos para facilitar o trabalho do agricultor, exemplificado no excerto a seguir:

Prosseguindo o programa que nós traçamos por ocasião das eleições, entendo que o ato do Governo Municipal é um passo acertado em prol dos nossos bravos e esforçados agricultores, permitindo-se assim maior produtividade. Quanto às máquinas, que são possantes, fizemos questão que fossem movidas a óleo cru, e serem o mais econômicas. Já fizemos encomenda, além do arado e da grade, uma enxada mecânica para ser adaptada ao trator. Essa enxada provocará uma verdadeira revolução [...] Palavra do Prefeito Major Euclides Triches (DESPERTAR, 1953c, p. 8).

Observei, por meio do *Despertar*, que havia um número considerável de ações voltadas a dar condições melhores para as pessoas que viviam nas áreas rurais, possivelmente ações para evitar o êxodo das pessoas dessas localidades para a área urbana. Corrobora essa reflexão o excerto da matéria publicada e dirigida às famílias das áreas rurais que fez uma campanha contrária à vida na cidade:

[...] A nossa região colonial serrana está em condições bem favoráveis para a produção da maioria das frutas conhecidas. [...] Hoje em dia a Agricultura está sofrendo um grande impulso com a mecanização da lavoura. A Fruticultura também está seguindo um melhoramento em seu cultivo quase moderno. Anos atrás, muitos agricultores abandonaram suas terras para virem morar na cidade. As leis trabalhistas prometiam bons ordenados. Hoje em dia, a tendência é voltar para a colônia. Hoje o operário não está seguro (DESPERTAR, 1954b, p. 3).

Ainda, observei, a partir do periódico, vestígios das ações do poder público caxiense que coincidiam com as ideias da pedagogia ruralista, no que diz respeito à instalação de espaços de apoio aos conhecimentos agrícolas, tais como, a dos Clubes Agrícolas. Esses espaços forneciam conhecimentos sobre técnicas de trabalho na área rural, disponibilizavam matérias-primas aos agricultores, e incentivavam uma formação técnica de seus filhos. De acordo com Nicolau (2015), enquanto as escolas primárias rurais respondiam ao Ministério da Educação, os Clubes Agrícolas eram responsabilidade do Ministério da Agricultura, que, por meio da instalação desses locais, via uma forma de oferecer mais formação aos jovens, oxigenando as práticas desenvolvidas na área rural. Em tal contexto, os clubes cumpriam as aspirações de

classes dominantes, constituindo o futuro do trabalhador do campo e incentivando as atividades agrícolas; especialmente, em um Brasil, após Segunda Guerra Mundial, que mirava nos jovens como um público potencial para o uso de novas técnicas (NICOLAU, 2015, p. 1-2).

Segundo Fiori (2002), nos anos 40, o Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura, realizava campanhas com cartazes, folhetos e filmes com temas rurais; além de existir uma biblioteca especializada, com traduções de publicações americanas, já que os EUA representavam o sucesso com a “agricultura científica” e serviam de modelo para o Brasil. Desse modo, os Clubes Agrícolas se difundiam pelo país, atraindo, geralmente, os filhos dos colonos que assumiam responsabilidades muito similares das que estavam habituados, tais como: plantar, cuidar dos animais e da terra. Esse trabalho desenvolvido pelos Clubes disseminava uma ideia negativa sobre a vida urbana e promovia um sentimento de amor pelo campo. A produção das hortas, que acontecia por intermédio desses espaços, assumia diferentes dimensões educativas: oferecia subsídios aos programas de ensino; os produtos das plantações serviam, por exemplo, de modelo para desenhos; e a produção era comercializada, com os valores sendo destinados a melhoramentos escolares (FIORI, 2002, p. 240-244). Essa atuação dos Clubes, descrita a nível nacional, é refletida pelos espaços que funcionavam nessa região. Vestígios que podem ser observados no excerto a seguir:

O Clube Agrícola da nossa escola já está todo limpo. E sempre com satisfação que vamos trabalhar na horta, quando nos é permitido. As professoras dirigem os trabalhos e já temos em depósito no registro do Clube Cr\$ 52,00 renda esta da venda de batatas e feijão e que compraremos lápis e cadernos para a nossa escola. Cultivando a horta escolar aprendemos melhor cultivar a terra e assim, quando seremos homens trabalharemos melhor a terra e sabendo cultivá-la ela produzirá melhor. Cultivando com amor a terra é o que nós precisamos, pois, o Brasil precisa da lavoura para tornar-se cada vez maior. Henrique Polo aluno do 4 ano da Escola Municipal “Frei Caneca” 2º distrito (DESPERTAR, 1952d, p. 5).

O trabalho junto aos professores para a instalação de novas unidades dos Clubes Agrícolas foi essencial para a ampliação do número desses espaços: “No decorrer do ano em curso serão criados mais cinco Clubes Agrícolas anexos às

escolas Municipais. [...] As professoras regentes interessadas na fundação dessa útil instituição, devem procurar mais informações na diretoria de Instrução (DESPERTAR, 1951c, p. 8). A atuação da Diretoria de Instrução Pública ia além do trabalho de divulgação e de orientação aos professores quanto às ideias dos Clubes, o órgão fornecia a matéria-prima (sementes) para a produção das hortas que ficavam sob a responsabilidade dos alunos das escolas municipais.

Outro ponto a ser destacado é o que trata sobre a valorização do agricultor/colono pela Administração Municipal, indicadas nos trechos do *Despertar*, nos quais sugerem estratégias para uma aproximação da Diretoria de Instrução Pública, angariando a confiança da comunidade rural para a implementação das ações projetadas, pelo órgão responsável pelo fomento da agricultura na região. Essa ação conjunta, dos dois órgãos, promovia bons resultados para o município; mas era, de certo modo, igualmente produtiva para os colonos, pois, mesmo desencorajando a busca por novas perspectivas na área urbana, apresentava um novo panorama dentro do contexto de vida na área rural, fortalecendo a identidade desse grupo social.

Segundo Chartier (1991), os integrantes de um grupo social se identificam por suas práticas e pela realidade construída, por meio da significação dada às representações compartilhadas pelos diferentes grupos:

[...] as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe (CHARTIER, 1991, p. 183).

As estratégias da Administração Pública em torno do ruralismo, essencialmente, trabalhavam na questão da identidade das pessoas que habitavam a área rural. O interesse era que esses sujeitos mantivessem uma coesão, encorajando a sua permanência naquele espaço. Pensando, também, em criar condições para que essas pessoas tivessem uma permanência mais saudável e uma convivência que possibilitasse uma melhora nas condições de vida, as orientações da Administração Pública, evidenciadas no *Despertar*, também, versavam sobre comportamentos mais

civilizados, que envolviam o cuidado com a saúde, a higiene do corpo e do lar. Por isso, no próximo subcapítulo, pretendo abordar as práticas civilizatórias que circundavam o espaço escolar e que eram tratadas pelos docentes, atendendo à legislação e às normas de comportamentos e de condutas vigentes; sinais que ficaram registrados nas colunas do *Despertar*.

4.2.3 Práticas civilizatórias no periódico *Despertar*

Aos professores, cabia a responsabilidade da educação dos sujeitos das áreas rurais, e, também, de uma atuação de orientação para a apreensão de práticas que buscavam a higiene, a saúde e os comportamentos vistos como socialmente aceitáveis. Esse trabalho apresentava o tom das políticas educacionais prescritas na época. Segundo Boto (2018, p. 157), a escola primária está configurada como uma instituição que se destina a padronizar costumes e “projetar saberes”.

É necessário considerar, quando se pensa nas representações sociais decorrentes da escolarização [...] as estratégias por meio das quais os protocolos societários são apreendidos pelos professores e as maneiras pelas quais os alunos se apropriam desses saberes, desses valores, dessas normas de ação. A cultura como mundo construído que surge também na escola abarca, a um só tempo, a apropriação dos conteúdos que circulam na sociedade e a criação de novos saberes, interiores à vida escolar. [...] De todo modo, a escola como rito deverá ensinar e recordar as normas e as regras de vida coletiva, até para ensaiar com as gerações novas o rito da vida em coletividades. A escola traz – pode-se dizer – a segunda socialização da criança. Ela preparará, por isso, a futura vida social. Dentro dela, há o aprendizado dos preceitos que deverão regular a sociabilidade. Daí ser fundamental que a instituição atente também para os possíveis fatores de resistência, de recusa, de transgressão. A vida dos adultos se dispõe a partir de certos códigos; e esses códigos precisarão ser aprendidos.

Nesse sentido, o *Despertar* foi estrategicamente usado para facilitar a disseminação de mensagens que continham normas de condutas, já validadas nas áreas urbanas e que, então, desejava-se a prática entre os habitantes das áreas rurais. Desse modo, recorrentemente, entre as matérias do periódico, foi possível perceber assuntos que tratavam sobre hábitos mais saudáveis, de higiene do corpo e dos

espaços de convivência familiar; além de temas que envolviam o cuidado com doenças e, também, recomendações para a prática de comportamentos aprovados socialmente, em diferentes ambientes visitados por essas pessoas. A partir dessa observação e fazendo uma articulação com o subcapítulo anterior, pondero que o interesse do órgão público não era de influenciá-los a deixar o espaço em que viviam, mas o de possibilitar que a convivência com o “mundo” urbano fosse menos constrangedora e traumática; além de difundir hábitos que, possivelmente, resultariam em transformações relativamente benéficas nessas comunidades rurais.

Por essa perspectiva, o *Despertar*, como estratégia da Administração Pública, serviu para transportar e guardar mensagens, que, posteriormente, pudessem ser revisitadas pelas pessoas, a fim de que o processo de significação se desse no tempo em família. Também, foi utilizado para transpor a barreira da incredulidade, por meio da publicação de textos que valorizavam os sujeitos que compunham as comunidades das áreas rurais, o que contribuía para a percepção de seus leitores, de que tais orientações cooperariam para melhorias em suas vidas, como pode ser observado no trecho a seguir:

Transcorrendo dia 25 de julho o "Dia do Agricultor", não podia eu deixar de vos dirigir algumas palavras. Sem dúvida alguma, si há uma classe de trabalhadores dentro do Brasil que merece lhe seja dedicado um dia, é a brava classe de agricultores, é vossa classe. Porque o agricultor é o trabalhador incansável de sol a sol, afrontando tôdas as intempéries. Para êle o trabalho não tem horário: inicia sua tarefa pela madrugada e só vai terminá-la após o sol pôsto. Tanto o vemos apegado à terra nos dias quentes do verão como nos piores dias do inverno. Tudo isto para arrancar da terra o alimento não só para si e a família como para os que vivem na cidade. Por isto bravos agricultores do município de Caxias do Sul, construtores das nossas riquezas básicas, aceitai hoje no vosso dia, as congratulações e um forte abraço do prefeito, vosso amigo. Euclides Triches (DESPERTAR, 1952c, p. 1).

Outro ponto, já destacado, em relação às estratégias da Administração Pública é o que se refere à circulação do *Despertar* no ambiente rural. O jornal, um meio de comunicação com uma circulação mais facilitada nas áreas urbanas, levaria à representação do “urbano” ao ambiente rural.

Chartier (1999) reflete sobre a capacidade que os impressos, como jornais, cartazes e panfletos, tinham de atingir pessoas que, apesar de não serem capazes de

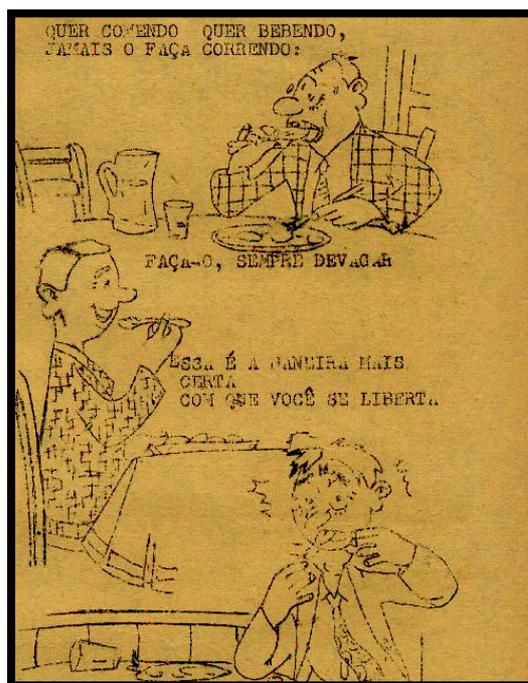
assinar o próprio nome e de não possuírem livros, tornavam-se leitoras desses meios. E, nessa perspectiva, de pensar como os impressos escritos repercutiam sobre uma cultura muito oral, de gestos e de imagens, destaco:

[...] Primeiramente, entre o escrito e o gesto: não apenas o escrito está no centro das festas urbanas e das cerimônias religiosas, como também numerosos textos continham a intenção de anular-se como discurso, produzindo, sob o ponto de vista prático, condutas reconhecidas como conformes às normas sociais ou religiosas. É o caso, por exemplo, dos tratados de civilidade que visavam fazer os indivíduos incorporarem as regras da polidez mundana ou da decência cristã (CHARTIER, 1999, p. 25).

Outros estudiosos analisaram publicações que tinham como objetivo a circulação de normas de conduta. Maria Stephanou (2004) dedicou estudos sobre os impressos que ocupavam o formato de manuais de saúde, higiene e civilidade, produzidos com mensagens prescritivas e com a intenção de persuadir para a adoção de condutas voltadas à polidez e à civilidade. “Intentavam captar a confiança dos leitores através de uma didática que utilizava, em primeiro lugar, a própria linguagem – acessível, jocosa ou metafórica” (STEPHANOU, 2004, não paginado).

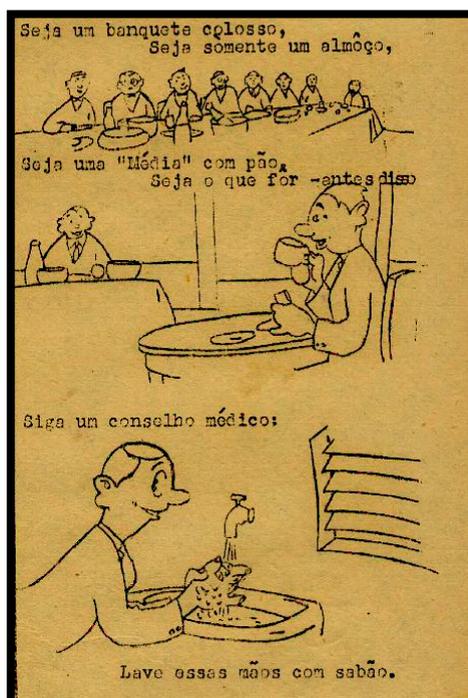
As convicções de Chartier (1999) e as considerações de Stephanou (2004) aproximam-se das reflexões feitas, a partir da análise das colunas do *Despertar*, observando o caráter prescritivo das matérias veiculadas em colunas, como, por exemplo: “Higiene” e “Utilidades Práticas”. Consideração que pode ser apreciada, a seguir, nas imagens publicadas com o objetivo de transferir orientações de cunho higienistas aos leitores:

Figura 12: Excerto da coluna Higiene do Despertar do ano de 1949



Fonte: Despertar (1949a).

Figura 13: Excerto da coluna Higiene do Despertar do ano de 1949



Fonte: Despertar (1949e).

Nos dois exemplos, as prescrições foram apresentadas a partir de ilustrações, para facilitar a interpretação dos leitores sobre o que estava sendo exposto. A linguagem utilizada é de fácil compreensão, em formato de rima. O modo como aparecem as orientações dirigidas à civilidade, em um tom quase de humor, mostra que a mensagem não tem um teor impositivo, mas de tentativa de persuadir as pessoas para os comportamentos apresentados, buscando a simpatia para o que estava sendo exposto.

A legislação da época trazia os tópicos destinados à saúde e aos conhecimentos úteis, como orientação aos professores nos ensinamentos aos alunos do ensino primário, no curso primário elementar, complementar e supletivo:

Art. 1º O ensino primário tem as seguintes finalidades: [...] elevar o nível dos conhecimentos úteis à vida na família, à defesa da saúde e à iniciação no trabalho [...]. Art. 7º O curso primário elementar, com quatro anos de estudos, compreenderá [...] Conhecimentos gerais aplicados à vida social, **à educação para a saúde e ao trabalho**. [...] Art. 8º O curso primário complementar, de um ano, terá os seguintes grupos de disciplinas e atividades educativas: [...] **IV. Ciências naturais e higiene**. [...] Art. 9º O curso supletivo, para adolescentes e adultos, terá dois anos de estudos, com as seguintes disciplinas: [...] **IV. Ciências naturais e higiene**. [...] (BRASÍLIA, 1946a, não paginado).

Os artigos da legislação sobre o ensino nacional corroboram a reflexão de que o *Despertar* seguia as predisposições dos governos. O periódico não tinha a pretensão de ser definido como manual, mas, pelo conteúdo ali publicado, assumia uma função semelhante, cumprindo a missão de criar condições civilizatórias. Os professores, inicialmente, e, depois, os alunos, eram os remetentes das mensagens publicadas no periódico. Atuavam como multiplicadores dessas orientações, que envolviam diferentes temas relacionados à apropriação de competências comportamentais, para uma boa convivência no grupo/espço em que estavam inseridos, possivelmente, preparando-os para os contatos com outros grupos/espços.

No que se refere ao papel do professor, destaco que, possivelmente, atendiam às estratégias do poder público, ao passo em que emprestavam a sua imagem, já consolidada entre os habitantes da área rural, para multiplicar, sem tanta

desconfiança, os assuntos tratados no periódico e, ainda, cooperava para o entendimento dos textos e para a significação dada pelas pessoas da área rural sobre a inserção de novas práticas ou mudanças, nas já promovidas nessas localidades.

Em relação aos registros sobre civilidade, localizados nas edições do *Despertar*, observei, entre os assuntos mais recorrentes, os que abordavam a questão da higiene das mãos, do corpo, das vestimentas e dos lares, exemplificados nos excertos a seguir: “[...] a criança deve ser banhada diariamente, mesmo no inverno [...] As mãos e o rosto devem ser limpos antes das refeições e ao deitar [...] Os dentes devem ser escovados pela manhã e ao deitar-se, à noite no mínimo” (DESPERTAR, 1954d, p. 5); “[...] Ande sempre limpo. [...] Não durma com roupa suja. [...] Não cuspa no chão. [...] Não molhe os dedos para virar as folhas dos livros” (DESPERTAR, 1951e, p. 6); e “As baratas desaparecem das casas onde reine perfeito asseio, onde todos os cantos e móveis sejam vasculhados, pelo menos uma vez por semana [...]” (DESPERTAR, 1950a, p. 5).

Percebo que havia uma preocupação em estimular o hábito de asseio, desde a infância, pois, em algumas publicações, há um chamado aos pais para incentivarem essas práticas entre as crianças. Outra situação que merece destaque, diz respeito à posição ocupada pela mulher no núcleo familiar e na comunidade, sendo vista como modelo e responsabilizada pela fiscalização dessas práticas:

O asseio consiste no hábito de observar rigorosamente todos os preceitos higiênicos, não só aos que se referem a limpeza do nosso corpo, como também do nosso vestuário, da habitação, de tudo o que nos cerca. A boa dona de casa deve dar seu exemplo para com quem quer que seja, observando o seu cumprimento do seu dever para com todos os membros da família, não como simples capricho, mas encarando sobre o ponto de vista da necessidade (DESPERTAR, 1953a, p. 4).

Nesse sentido, Cunha (2004) realizou um estudo sobre as prescrições em torno da civilidade. Segundo a estudiosa, tais orientações passaram a ser mais frequentes, a partir das primeiras décadas do século XX, e tomaram parte dos programas de civilidade constituídos pela Escola Normal, na formação dos professores, traduzidos em manuais que faziam parte da bibliografia escolar, com vistas à formação de pessoas “bem educadas”. Constam, entre os temas tratados nessas publicações:

bons modos, conduta moral irrepreensível, suavidade nos gestos, como portar-se diante de pessoas em diferentes situações e lugares, hábitos de asseio, entre outros (CUNHA, 2004 p.122).

É provável que o *Despertar* tenha servido como material didático para o professor, sendo usado para o desenvolvimento de práticas que desenvolviam saberes que visavam à constituição de indivíduos adequados a normas e padrões socialmente impostos. Nesse contexto, observei a inserção de outros assuntos que se enquadravam no tema civilidade, tais como: regras de etiqueta e comportamentos na coletividade, especialmente os que envolviam ambientes religiosos:

A Igreja é a casa de Deus e lugar de oração. Por isso nela não deves fazer rumor, conversar ou rir, mas expandir os afetos de teu coração para com Deus. Quando entrares na Igreja, toma a água benta e faze o sinal-da-cruz. Faze inclinação ao altar, se aí só houver o crucifixo ou alguma imagem; faze genuflexão simples, si houver o Santíssimo, e genuflexão dupla, si o Santíssimo estiver exposto. Depois de breve oração, si vieste a Igreja para visita-la, podes levantar-te e, não havendo nenhuma função religiosa, faze tua visita sem perturbar os outros. Si estiveres com algum companheiro, poderás precisando trocar com êle algumas palavras, mas em voz baixa, sem leviandade. Nunca te ajoelhes com um joelho só apoiando-te no outro com o cotovelo. Não te sentes sobre os calcanhares, à maneira dos cachorrinhos, nem te deites sobre o espaldar da cadeira da frente, fazendo arco com o corpo. Durante as sagradas funções, abstém-te de bocejar, dormir, voltar-te dum para outro lado e, especialmente, de cochilar ou rir com os companheiros. [...] Não cuspas nunca no pavimento, porque isso, além de anti-higiênico e incivil, expõe os vizinhos ao perigo de se enxovalharem. É mau costume voltar-se para ver quem entra ou quem sai. [...] (DESPERTAR, 1954a, p. 7).

As instituições religiosas cumpriram um papel importante na configuração de indivíduos adequados aos comportamentos esperados. Especialmente, no que se refere a disseminação de informações, não somente, por meio das celebrações religiosas, mas, também, pelas orientações para práticas de civilidade que se estendiam ao ambiente familiar e da comunidade. Essa atuação exercia influência sobre as mensagens disseminadas por outros meios, como por exemplo, a Escola. Rocha (2007) analisa a influência exercida por um colégio vinculado a congregação religiosa, no interior de São Paulo, no processo de apreensão de práticas civilizatórias, pelas crianças e, conseqüentemente, por suas famílias. Segundo a pesquisadora, a

escola das irmãs transmitia conhecimentos úteis, e atuou na formação de bons hábitos e de bons comportamentos entre as crianças, com um projeto de civilizar, refinar e moralizar, disseminando códigos considerados apropriados à vida social.

Nesse contexto, a instituição Igreja, pela representatividade exercida no interior das áreas rurais, devido, especialmente, à necessidade da prática de crenças religiosas nessas comunidades, norteava comportamentos e atuava na vigilância de práticas de civilidade. Supostamente pelo anseio de demonstrarem adequação a esses comportamentos e pelo sentimento de aprovação, os habitantes das áreas rurais desenvolviam tais práticas no exercício de sua fé.

Outro indício encontrado no *Despertar*, que apresenta ações para a disseminação de práticas de civilidade, expondo a iniciativa do poder público em possibilitar o acesso a práticas culturais associadas à modernidade, às pessoas das áreas rurais, foi o oferecimento de sessões de cinema itinerantes. As sessões de cinema se estendiam a toda a comunidade, como pode ser percebido no excerto: “No decorrer do presente ano letivo foram realizadas, até esta data, projeções cinematográficas em 18 unidades escolares, comparecendo além do alunos, mais de mil e quinhentas pessoas adultas (DESPERTAR, 1952g, p. 8). Os filmes objetivavam a disseminação de saberes variados, mas, em um outro viés, observo que a expectativa gerada entre os habitantes das áreas rurais, transformava-se em uma preparação desses sujeitos para participarem do evento e, possivelmente, na observância aos comportamentos recomendados pelo órgão público para tais ocasiões. Essa oportunidade de acesso a algo novo, que tem uma representação do moderno e do urbano, possivelmente, conduziam os habitantes das áreas rurais à adesão de determinadas práticas de civilidade.

Outro ponto que deve ser destacado é o fato de o cinema apresentar um “mundo” de possibilidades, repleto de representações a serem apreendidas e interpretadas, oportunizando construções de significado pelos seus telespectadores, como afirma Noma (1998, p. 22):

[...] as representações elaboradas pelos filmes só têm significado quando ligadas a uma prática social, não só porque são produzidas socialmente, mas porque sua existência só pode ser concebida dentro das relações sociais de

uma dada época. Isto porque existe um terreno comum para a fertilidade das produções fílmicas: a experiência social comum de viver, de lutar, de sentir, de pensar, própria de uma sociedade.

A respeito do conteúdo dos filmes, a escolha da Diretoria de Instrução também era direcionada para assuntos de civilidade, tais como os que envolviam questões de saúde. Apresentava-se uma variedade de filmes sobre conhecimentos rurais e de humor, entre outros temas, como pode ser observado no excerto a seguir:

No decorrer do mês findo, o cinema ambulante das escolas municipais visitou as seguintes localidades: S. Pedro da III Léguas, Sala da Biblioteca Pública Municipal, São Caetano, Sede de São Marcos, Escola “Pedro Álvares Cabral” do Travessão Tompson Flores, Sede de Santa Lúcia do Piaí, Escola “Abramo Éberle, Zona Satini, Escola “25 de julho” Estrada da Barragem, Sede de Conceição, Nossa Senhora do Pedancino, Escola “1º de maio” do Travessão Solferino, Escola Municipal de Belas Artes. Nessas ocasiões foram exibidos os filmes abaixo relacionados: O sonho do ratinho, Revista de Acontecimentos, O expresso das frutas, Pulverização das árvores, Pilotos de planadores, Produza mais alimentos, Conservação do solo e da água, Irrigue a terra, Erosão, Álbum de música, O menino e sua vaca, O bom agricultor, Música no jardim da infância, Caça do jacaré, Esportes, Circo, A bicheira dos animais, Alaska, país de contraste, A pintura moderna nos Estados Unidos, A galeria Nacional de Arte, As mestras da Música, Casas de recreio infantil, Fortalezas de saúde, Lavouras irrigadas, Paraísos terrestres, Jardim zoológico infantil, Os três ursinhos, Caçada (DESPERTAR, 1951e, p. 15).

Ainda, sobre o conteúdo dos filmes, destaco que retratavam experiências bem próximas às vividas pelos habitantes das áreas rurais, como os que narravam sobre técnicas de agricultura; mas, também, havia uma tentativa de transportar outras realidades para os habitantes das áreas rurais, de um modo especial, quando tratavam sobre artes, música e pintura, permitindo reflexões sobre outros contextos que tangenciavam uma vida mais urbana e comportamentos de civilidade relacionados a práticas culturais.

A iniciativa das sessões de cinema foi reconhecida pela comunidade, que, no espaço destinado à colaboração das crianças, no *Despertar*, externava seus agradecimentos:

Galópolis, 28 de agosto de 1953. Senhorita Ester Troain. Desejo-lhe saúde e felicidade. Eu vou bem graças a Deus. O motivo desta é para agradecer-lhe muito o cinema que mandou apresentar na nossa escola. Faço votos que

continue por longos anos percorrendo as escolas municipais. Todos gostaram do cinema e ansiosos estão que volte ao nosso meio com outros filmes. Envio-lhes saudades e um forte abraço. Da amiguinha Maria Dal Pícol, aluna do 3º ano da Escola Isolda “Felipe Camarão” situada no 3º distrito (DESPERTAR, 1953c, p. 4)

As notícias sobre o cinema itinerante não revelam somente estratégias usadas para disseminar novos saberes e propagar comportamentos diferentes, mostram uma nuance de inovação na metodologia usada pela escola rural. Considero que a organização das projeções cinematográficas, no interior, na década de 50, além de requerer investimento para a aquisição dos aparatos necessários e para a organização da logística para as exhibições, ainda indica que havia, por parte da Diretora de Instrução Pública, responsável pelo projeto, o estudo sobre técnicas que apoiassem o trabalho desenvolvido pelos professores para a educação nas áreas rurais. Em relato, a professora Ester (1983, p. 8) evidencia tais aspectos:

[...] E inclusive, numa ocasião eu apresentei uma reivindicação que eu queria um projeto cinematográfico pra passar filmes na colônia. Porque cinema na colônia! Já era pouco nos vilarejos, imagina no interior! Então, eu comprei um projetor cinematográfico de 16mm, né? [...] E conseguia filmes de curta metragem, e conseguia com instituições em Porto Alegre, e sobre higiene, sobre agricultura e algum filme cômico. E aos domingos, eu ia passar. Eu marcava com antecedência [...] E numa ocasião pareceu uma velhinha imigrante [...] ela chegou na porta e disse assim: “Maestra quanto custa el cine? Então eu disse: Nó, nona, não precisa dinheiro. Pode entrar, o cinema é de graça.” [...] E ela se virou assim para mim e disse: “Ma que pecá, que so drio restá veccia, par che adés Che Bralise el drio restá bom³⁰.”

No relatório da Administração Municipal é possível encontrar o posicionamento da Prefeitura, em relação ao projeto: “O cinema, quando bem orientado, constitui sem dúvida um valioso fator de educação e de contato social criador. Acresce que a educação na zona rural não pode ser feita alheia à vida da comunidade”. Também, foram divulgadas, nesse documento, as estatísticas, no período de 1952 a 1954, referentes ao público atingido com as exhibições: em 205 projeções, 12.836 crianças e 23.467 adultos participaram. (CAXIAS DO SUL, 1952-1954, p. 16). Considerando os

³⁰ “Mas que lástima, que pecado que estou ficando velha, porque agora que o Brasil está ficando bom” (BENVENUTTI, 1983, p. 8).

dados citados anteriormente, neste estudo, que indicam que a população rural, na década de 50, era de cerca 23 mil habitantes, suponho que a iniciativa das projeções cinematográficas tenha se transformado em uma estratégia, relativamente, efetiva para a educação na área rural.

Outra ação promovida pela Administração Pública, que evidenciei no *Despertar*, e que considero fazer parte das ações sugeridas para o desenvolvimento de práticas de civilidade, foi o oferecimento de Bibliotecas Rurais, espaços ofertados à comunidade que circundava a escola, oportunizando o acesso à leitura:

Faz parte dos planos da Diretoria a instalação, em cooperação com a colônia e entidades rurais bem como Sub-Prefeituras, Paróquias e Escolas do interior de Bibliotecas rurais nos distritos. Ainda no corrente ano, duas, pelo menos, serão criadas e postas em ação. Para tanto já o técnico do município está enviando circulares as entidades do município e de todo o Estado, aos poderes públicos, associações e organizações diversas de todo o país, no sentido de conseguir e angariar livros, boletins, etc. sobre agricultura e pecuária em geral, sendo este um dos primeiros passos para a consecução do objetivo do referido departamento. Brevemente toda a imprensa do município será notificada desta iniciativa e, por certo, à mesma dará todo o seu apoio, o que muito contribuirá para seu completo êxito (DESPERTAR, 1949c, p. 4).

A leitura, foi posta por Cunha (2004, p. 122) como um meio de civilizar, associada a outras formas utilizadas no início do século XX, com o intuito de tornar os sujeitos mais civilizados:

Os bons modos, a aparência nas maneiras de ser, uma conduta moral irrepreensível, a suavidade expressa em gestos, a forma de portar-se diante de pessoas e de diferentes maneiras em lugares específicos, as formas de cumprimentar autoridades e cidadãos comuns, os hábitos de asseio pessoal, as práticas de leitura autorizada, a escrita protocolar de cartas, constituíram-se, a partir das primeiras décadas do século XX, como partes de um programa de civilidade, adotado pela Escola Normal na formação de professores (as).

O oferecimento de livros com conteúdos que dialogassem com os interesses dos moradores da área rural, possivelmente, foi uma ação para a influência à leitura, o que cooperava com o processo de alfabetização e com a educação daquelas pessoas. Além de contribuir com a disseminação das práticas desejadas, por meio

das mensagens contidas na literatura selecionada pelo poder público e ofertada nas bibliotecas.

Nesse mesmo contexto, o *Despertar*, produzido em uma linguagem acessível e com conteúdos atrativos, de igual modo, pode ser considerado como um instrumento importante no processo civilizatório, não só por conter temas que tratavam sobre esse aspecto, mas por incentivar o hábito à leitura, uma prática tida, pela Diretoria de Instrução Pública, como útil na alfabetização das pessoas da área rural:

Quem não sabe ler vive como uma pessoa, que tenha sempre os olhos tapados. É como o cego que há de ser guiado por onde os outros queiram levar. Ou então, andará tropeçando. Lendo podemos conhecer os tesouros da sabedoria de todos os homens e ainda as grandes verdades do Evangelho. Podemos aprender cada vez mais e cada vez mais progredir. Escrevendo, podemos nos comunicar com os outros. Podemos registrar nossas ideias. Podemos planejar melhor nosso trabalho. O homem analfabeto não é de todo livre, é escravo de sua ignorância. Não deixa de ler alguma coisa cada dia e de aprender sempre. Você que já sabe ler, ensine a uma pessoa de sua família, a um vizinho, a um amigo. Aprendendo a ler, você viu abrir-se diante dos olhos a porta de um mundo novo. Ajude também a abrir essa porta aos outros (DESPERTAR, 1949d, p. 2).

Bastos (2002, p. 52) explica que a imprensa pedagógica age como mediadora cultural e ideológica, por meio da fixação de sentidos e como

um discurso carregado de intenções, constitui verdades, ao incorporar e promover práticas que legitimam e privilegiam alguns conhecimentos em detrimento de outros, produz e divulga saberes que homogeneizam, modelam e disciplinam o seu público leitor.

Este subcapítulo cooperou com o pensamento, já expresso anteriormente, de que o *Despertar* servia como uma espécie de guia, disseminando prescrições para práticas desejadas pelo órgão público. Além disso, a partir da observação das colunas, é possível supor a aproximação do órgão oficial do ensino caxiense a outras instituições, tema já tratado anteriormente, ao qual pretendo retomar no próximo subcapítulo, especificamente, em torno da influência religiosa nas publicações do *Despertar*.

4.2.4 A religião e a educação na área rural

Observei, durante a análise do periódico, que a religiosidade era um ponto, quase, conector para vários outros temas abordados. Por isso, vejo a importância de desenvolver algumas reflexões sobre a articulação dada, na época, entre a religião e a educação das pessoas das áreas rurais, apontando para o entrecruzamento de práticas e para uma relação estreita entre essas diferentes instituições.

A professora Ester Troian Benvenuti relatou sobre essa relação que se estabeleceu entre a religião e os habitantes da área rural. Segundo ela, não se podia separar uma escola da influência da Igreja. A coordenadora de ensino, ainda, explicou que, apesar de existirem outras religiões, a que prevalecia, na área rural de Caxias, era a católica, e que essa crença compartilhada entre os agricultores os unia. A professora Ester rememora as atividades de envolvimento da escola em práticas religiosas, tais como: os terços rezados aos domingos pela professora; a atuação da professora na preparação das crianças para a Primeira Comunhão; o trabalho das docentes na organização e confecção de figurinos para as procissões; entre outros (BENVENUTTI, 1983, p. 11).

O relato dessas práticas religiosas ajudam na compreensão das representações que eram partilhadas pelos sujeitos da área rural e das possíveis construções de significados, feitas por eles. Além de evidenciar como o exercício partilhado da fé, fortalecia a identidade do grupo. Nesse contexto, a escola, por meio dos professores, não somente se inseria, mas tinha uma atuação importante, o que, possivelmente, angariava a cooperação e o reconhecimento da comunidade para outras questões sugeridas pela instituição. Ao mesmo tempo, ao apoiar a crença daquela comunidade, materializada na instituição igreja, o poder público também “recrutava” a igreja para as suas causas. Segundo Chartier (1991), em seus estudos sobre representação, as práticas atuam no sentido de criar significado às construções de mundo dos indivíduos e auxiliam no reconhecimento de uma identidade social:

[...]as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em

virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe (CHARTIER, 1991. p. 183).

A igreja e a escola, nesse sentido, atuavam conciliando as suas práticas, colaborando para a constituição de um grupo harmônico, com características homogêneas, o que possivelmente favorecia a internalização de práticas que se desejava disseminar entre as pessoas que viviam na área rural. Nesse sentido, a escola e a igreja promoviam uma atuação alinhada, favorecendo à transmissão de modelos propostos e desejados por ambas.

Os pensamento de Júlia (2001) corroboram a reflexão de que a igreja e a escola possuíam uma estreita relação, quando a estudiosa aborda sobre uma cultura escolar influenciada por outras culturas, entre elas a religiosa:

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10).

Em tal contexto, as memórias da professora Ester revelam a influência exercida pelas ordenações religiosas sobre as instituições escolares ligadas à rede pública, por meio da troca de experiências e de indicações para as práticas docentes:

Eu, por exemplo, devo muito ao sucesso do meu trabalho como professora no interior à cooperação que eu sempre tive dos sacerdotes e, principalmente, dos padres Josefinos. No tempo do padre João Schiavo, do primeiro... que não me recordo... o Rossi que é um outro sacerdote que veio. Então eles traziam de lá, lugar, naturalmente mais adiantado, orientações de como a gente devia proceder. Eu sempre me aconselhava muito com as irmãs, com os padres. Eu dou assim, eu dou assim um valor imenso ao que a Igreja fez em matéria de educação, porque ali, então não era só propriamente Pai Nosso, Ave-Maria, aquela coisa. Eles davam orientação pros pais, pros casais, a maneira de educar os filhos. Encareciam a necessidade da escola. Eu sou assim muito admiradora e assim louvo o papel da Igreja na, na formação cultural da nossa gente do interior em todos os sentidos, porque eu sou testemunha, né? (BENVENUTTI, 1983, p. 11).

Essa lembrança da professora Ester é ratificada em diferentes trechos do *Despertar*, nos quais fica evidente a presença da religião, com indicação de comportamentos religiosos a serem adotados pelos sujeitos da área rural, tais como, a realização de orações, informações sobre comunhão, interpretações sobre trechos da bíblia, entre outros.

O envolvimento da igreja com a educação das pessoas das áreas rurais ou “colônias”, foi estudado por Grazziotin (2010), que salienta que, desde o princípio da colonização italiana em Caxias do Sul, a Igreja Católica esteve presente, fazendo o acompanhamento dos imigrantes, religiosamente falando, e, também, envolvendo-se em questões sociais. Para o estudioso, as congregações religiosas, nesta região, realizaram iniciativas importantes no campo educacional, com destaque para os Padres Josefinos de Murialdo, do Colégio Murialdo, em Ana Rech. O pesquisador ressalta que a participação da Igreja Católica, em Caxias do Sul, por meio da organização paroquial e da educação dada nos colégios das congregações, foi importante para o desenvolvimento da cultura local.

Por meio da análise do *Despertar* é possível supor que a religião estava presente, influenciando na cultura local e na adoção de práticas, tais como, o ato de rezar antes de dormir ou antes das refeições, ou o ato de nomear as localidades com nomes santos, o que foi evidenciado em diferentes colunas do periódico. Essas práticas tornavam-se comuns nas localidades rurais e, supõem-se, impulsionadoras de força sobre a identidade dos sujeitos que viviam em tais espaços.

Nesse sentido, a aproximação da escola à igreja pode ter facilitada a aceitação de determinadas práticas, prescritas pelo órgão de ensino caxiense aos sujeitos da área rural. Ao mesmo tempo, a igreja tinha um suporte da escola para o fortalecimento da crença na sua instituição, pelos habitantes das áreas rurais. Uma instituição servia aos propósitos da outra.

Viñao Frago (2001, p. 64) pondera que a escola é um espaço, onde diversas influências se atravessam, em dimensões como espaço e tempo:

[...] o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam. O espaço comunica;

mostra, a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo. Um emprego que varia em cada cultura; que é um produto cultural específico, que diz respeito não só as relações interpessoais – distâncias, território pessoal, contatos, comunicação, conflitos de poder-, mas também à liturgia e ritos sociais, à simbologia das disposições dos objetos e dos corpos- localização e posturas-, à sua hierarquia e relações.

Desse modo, a escola, não só se adequava às práticas já conhecidas e aceitas pelos sujeitos das áreas rurais, como, também, atuava no sentido de consolidar uma série de valores e princípios validados pela religião e inculcados pelos indivíduos que ocupavam o entorno do espaço escolar.

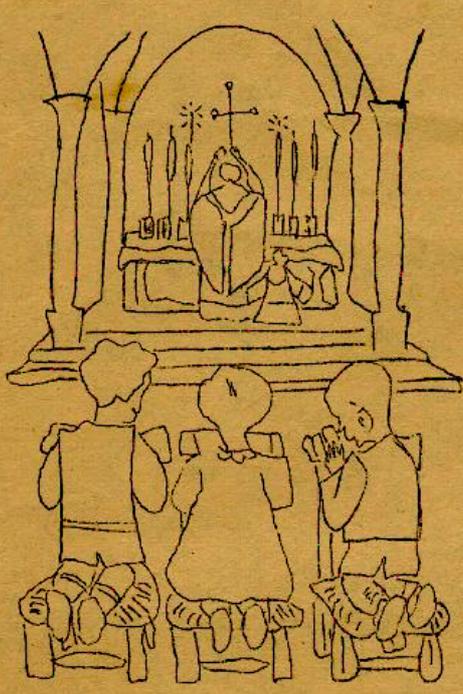
Sepulveda e Sepulveda (2017) promoveram pesquisa em torno do ensino da religião na escola e, para os pesquisadores, escolas e educadores acabaram desenvolvendo práticas e manifestações que influenciavam na formação das identidades dos estudantes.

A influência da religião, nas unidades de ensino público de Caxias, pode ser percebida pelo espaço destinado ao assunto no periódico *Despertar*. Suponho que havia, não somente o consentimento da Diretoria de Instrução Pública, mas o entendimento de que tivesse uma atuação positiva junto às famílias, pelo que já foi evidenciado no depoimento da professora Ester.

Na análise realizada, das 53 edições do periódico, localizei, em 50 publicações, na coluna “Para você Criança”, textos que fazem referência à religião. Especialmente, na subcoluna “Cantinho da Alegria”, foram reproduzidos, em 39 edições, textos que tratavam sobre assuntos religiosos. Entre os temas mais recorrentes: orientações de como rezar, textos sobre a Virgem Maria, sobre santos da Igreja Católica, sobre catecismo, sobre comemorações de datas da Igreja, sobre caridade e sobre comunhão; além de canções religiosas, orientações para comportamentos em locais religiosos, batismo, orações, entre outros. Os excertos, a seguir, exemplificam o conteúdo encontrado na subcoluna:

Figura 14: Excerto da coluna Para você Criança do Despertar do ano de 1948

CANTINHO DA ALEGRIA



A Missa, meu filho, é a coisa mais bela e importante sobre a terra.-Assistir a missa é para você uma grande honra.-Ao entrar na igreja lembre-se do que aconteceu sobre o Calvário, na Sexta-feira Santa.-

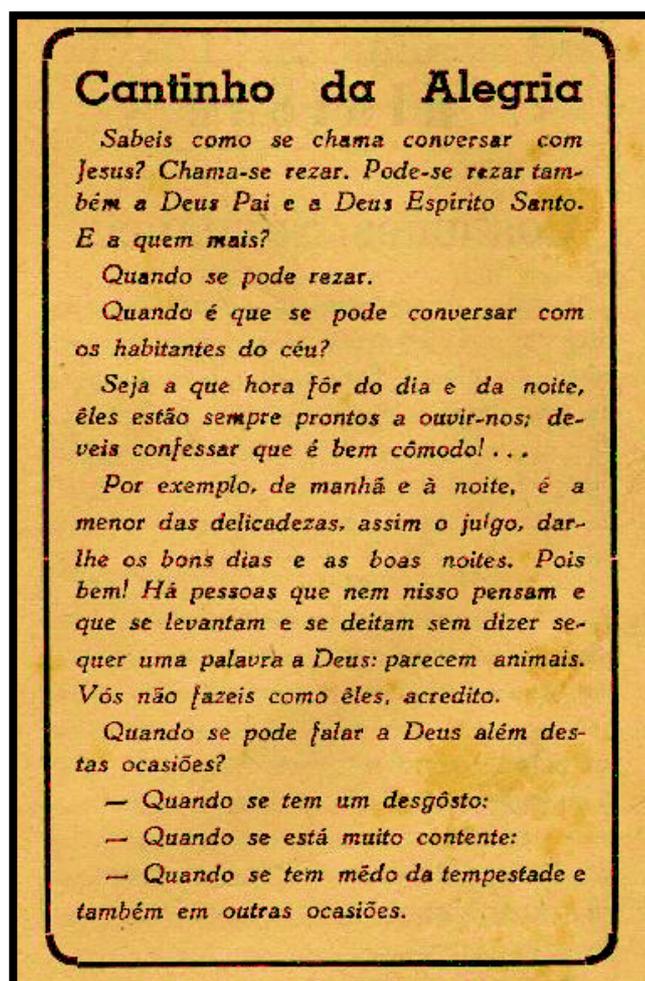
Jesus derramava sangue, Jesús sofria muito, Jesus morria pregado na cruz.-

Ele dizia a seu Pai: Eu sofro e morro para pagar o castigo - merecido por aqueles que cometem pecados, para salva-los do inferno.-

Pois bem, na Missa, Jesús faz outra vez o que fez sobre o Calvário.-Ele oferece de novo a seu Pai os seus sofrimentos e a sua morte.-Somente desta vez não se vê nada: Ele se oferece ao Pai pelas mãos do sacerdote.-Mas Jesus não quer oferecer-se sozinho, e pede que você também se ofereça com Ele e por Ele. Portanto, você ofenderá a Jesús se brincar, se conversar, e se não prestar atenção as coisas belíssimas que Ele faz durante a Missa.-

-Segue-...

Fonte: Despertar (1948b).

Figura 15: Recorte do *Despertar* do ano de 1954

Fonte: *Despertar* (1954d).

Considero, também, as evidências da influência exercida, sobre os alunos, por meio dos textos de colaboração encaminhados, por eles, ao periódico. Em alguns desses textos, os discentes fazem referência aos assuntos religiosos tratados em outras edições do *Despertar*, exemplificado no excerto de matéria enviada pela aluna Arildes Michelon, do 3º ano da Escola Isolada Fagundes Varela: “Domingo é dia de repouso. Papai e mamãe nos levam sempre à missa nesse dia. Vamos também ouvir missa nos dias santos. Devemos estar na igreja com muita atenção e com todo o respeito porque a igreja é a casa de Deus” (DESPERTAR, 1952c, p. 5).

Além das matérias destinadas a tratar sobre conteúdo religioso, identifiquei a influência exercida pela igreja nas práticas que envolviam eventos e solenidades

realizadas nas localidades rurais, em notícias publicadas sobre a inauguração de escolas, por exemplo, como no excerto sobre a inauguração do prédio para a Escola Santo Baldasso da Zona Piaí - Fazenda Souza, que aconteceu no dia 25 de julho de 1954, e que contou com a presença do prefeito Major Euclides Triches. É possível perceber que o cerimonial incluía a benção do padre, uma missa, além da escola ter recebido como patrono um santo da igreja católica:

[...] Dando início à solenidade, foi cantado o Hino Nacional e a professora regente Srta. Alda Isotton saudou o Sr. Prefeito Municipal, convidando-o, para desatar o nó da fita simbólica e inaugurar o prédio. Após ser dada a bênção às novas instalações, o Reverendo Padre Bolcato celebrou uma santa missa em intenção da alma de Santo Baldasso, patrono da escola. A seguir a Exma. Sra. Emília Baldasso descerrou o quadro do homenageado [...] (DESPERTAR, 1954e, p. 12).

A análise de outros espaços do impresso, também, possibilita a dedução de que a religiosidade assumia diversas formas nas publicações do *Despertar*, ora em notícias ou em orientações propriamente ditas, ora em colaborações dos alunos ou em textos de homenagem, divulgados nas edições, em formato de orações com referências cristãs - como no excerto da oração aos professores católicos, veiculada no periódico:

Deus, Pai e Senhor Nosso, fonte de luz e de bondade, iluminai-nos as inteligências para que só ensinemos a verdade, abrasai-nos os corações para que irradiemos nas almas o amor sincero, generoso da virtude. [...] Esta humanidade em flor, esperança da Igreja e do Brasil, é Vossa; para Vós quereis que a eduquemos. Fazei que o nosso magistério seja a resposta ao Vosso divino desejo, expresso no Evangelho: Deixai que venham a Mim os pequeninos [...] (DESPERTAR, 1954d, p. 1).

O *Despertar*, nesse sentido, servia para disseminar um pensamento que promovia um modo de ser com bases religiosas. Apesar de não ter sido uma publicação que contasse com a colaboração de pessoas com “cargos” em congregações religiosas, os docentes que escreviam para as colunas do periódico tinham a religião como um tema importante. Suponho que consideravam a religião como cooperadora para modelos de moral e bons-costumes.

Outro tema que ocupava espaço relevante, no periódico, e que se cruzava, em um grande número de publicações, com os temas religião e educação, era os que envolviam o espírito cívico e de amor à pátria. Desse modo, percebi a necessidade de olhar para as matérias do *Despertar*, considerando o tema civismo e suas implicações nas práticas desenvolvidas pelas pessoas que viviam na área rural, por isso, o assunto será retomado no próximo subcapítulo.

4.2.5 O amor à pátria e seus símbolos

O civismo esteve presente nas diferentes colunas do *Despertar*. Apesar de não ocupar uma seção específica, o tema circulou por, praticamente, todas as colunas do impresso. Foram observados 272 registros com diferentes assuntos que incorporavam o tema civismo, e influenciavam a adoção de práticas que eram identificadas como representações de amor à pátria, pelos editores do periódico. Por meio dessa análise, ainda, observei a ocorrência de matérias que, notoriamente, descrevem prescrições para a conformação de indivíduos, segundo os pensamentos de civismo. Prescrições com teor cívico podem ser observadas como as do excerto a seguir:

MANDAMENTOS CÍVICOS: 1 - Honra a Deus amando a Pátria sobre tôdas as coisas por no-la haver Êle dado por berço, com tudo que nela existe de esplendor no céu e de beleza e de fortuna na terra. 2 - Considera a bandeira como imagem viva da Pátria, prestando-lhe o culto do teu amor e servindo-a com todas as forças do teu coração. 3 - Honra a Pátria no Passado: sôbre os túmulos dos heróis; glorifica-a no Presente: com a virtude e o trabalho; impulsiona-a para o futuro: com a dedicação que é a Força da Fé. 4 - Instrui-te para que possas andar por teu passo na vida e transmite aos teus filhos a instrução, que é dote que não gasta, direito que não se perde, liberdade que se não limita. 5 - Pugna pelos direitos que te confere a Lei, respeitando-a em todos os seus princípios, porque da obediência que se lhes presta resulta a ordem, que é força suave que mantém os homens em harmonia. 6 - Ouve e obedece aos teus superiores, porque sem disciplina não pode haver equilíbrio. Quando sentires o tentador refugia-te no trabalho, como quem se defende do demônio na fortaleza do altar. [...] 10 - Ama a terra em que nasceste e à qual reverterás na morte. O que por ela fizeres por ti mesmo farás, que és terra, e a tua memória viverá na gratidão dos que te sucederem (DESPERTAR, 1951e, p. 4).

A disseminação de materiais, de textos e de manuais, que focavam no ensino de comportamentos cívicos, teve, no Brasil, um impulso, a partir da República. Segundo Tambara e Arriada (2009), o início do século XX, foi marcado por campanha para disseminação de valores decorrentes da universalização do acesso ao sistema escolar, um processo que se associava a valores destacadores do civismo e do moralismo patriótico. Dessa forma, houve um trabalho realizado por intelectuais brasileiros para uma constituição ideológica, buscando-se consolidar as premissas republicanas. Entre os personagens que atuaram, nesse sentido, Tambara e Arriada (2009) destacam: Olavo Bilac, Coelho Neto, Medeiros de Albuquerque; e, no Rio Grande do Sul, João Simões Lopes Neto – com inserção na área da educação, seus textos agiam no sentido de moldar comportamentos cívico-patrióticos.

Mas, a partir desse período, verifiquei que, em outros momentos políticos do país, houve a defesa de comportamentos cívico-patrióticos e a tentativa de consolidar políticas que desenvolviam práticas com esse viés, como, por exemplo, no período do governo de Getúlio Vargas. Segundo Aguiar Junior (2013), a partir dos anos 1930, grupos intelectuais, políticos e militares representavam Getúlio Vargas em uma mudança de cenário político, com ideais de organizar o Brasil, de acordo com princípios nacionalistas, contando com o apoio do Ministério da Educação, coordenado por Gustavo Capanema. Áreas como a imprensa, o cinema, o teatro, a música e eventos populares e cívicos cumpriram o papel de disseminar as determinações do governo, em especial, as festividades em torno das comemorações do Dia da Pátria, que se difundiam pelo país. Outro ponto destacado por Aguiar Junior (2013), tangencia o uso dos símbolos pátrios, como a bandeira, representando a soberania nacional e buscando unir os brasileiros em torno de um patriotismo desejado pelo governo.

Suponho, pela análise em torno desse tema, que, na região de Caxias do Sul, resquícios do Nacionalismo, ainda, estavam presentes, especialmente, os no campo da educação. E o reflexo disso pode ser contemplado na imprensa escrita, como é o caso do periódico *Despertar*, que deixa visível esse posicionamento, por meio das prescrições, por vezes, expressas diretamente e, em outros casos, por meio de narrativas, que compõem um rol de assuntos recorrentes.

Essa condição pode ser justificada pelo fato de o civismo ter espaço relevante na própria legislação, em torno do ensino rural, na cidade de Caxias do Sul, fato explicitado no decreto nº 8, de 24 de abril de 1936, do Programma Official para o Ensino nas Escolas Rurais (CAXIAS DO SUL, 1936b). Apesar do recorte de tempo, neste estudo, contemplar mais de uma década do lançamento do documento, não localizei outros, específicos do ensino rural, somente foram encontradas leis do município e da Diretoria de Instrução Pública para as escolas da rede pública, de um modo geral, editadas, a partir da década de 40. Nesse sentido, é possível, por meio da análise do Programma Official para o Ensino nas Escolas Rurais, observar a recomendação para diferentes abordagens dos professores aos assuntos cívicos, que podem ser percebidas nas matérias do *Despertar*. Entre as orientações que transpassam os dois documentos, observadas na lei, destaco a seguinte:

1ª CLASSE – 1º ANNO - INSTRUÇÃO CÍVICA – [...] Descrição e significação da Bandeira Nacional. Nossa Pátria.

1ª CLASSE - 2º ANNO - INSTRUÇÃO CÍVICA – [...] a professora induzirá os alumnos a lembrarem e dizerem, antes de outras, as cousas mais comuns da vida no lar: a obediência e o respeito que os filhos devem aos paes para que reine ordem na família;

2ª CLASSE - 1ª SECÇÃO - 3º ANNO – HISTÓRIA - Principais datas nacionaes e explicação das mesmas [...] Nesta phase a mestra deverá ter a preocupação de pôr em relevo as personalidades predominantes dos fatos explicados e a sua actuação na formação da nossa nacionalidade [...] sendo esse um dos primeiros passos para o despertar do sentimento patriótico nas crianças.

2ª CLASSE - 2ª SECÇÃO - 4º ANNO - OBSERVAÇÃO: A professora procurara em todas as aulas levantar o sentimento cívico, fazendo vêr ao alumno que a nação mais forte será aquella que tiver filhos fortes; demonstrar-lhe-á o valor da hygiene na saúde e na vida do homem. Maleficios do alcool. [...] A professora procurará objectivar a licção com retratos do biographado e de gravuras que illustrem costumes do tempo. D. Pedro I. José Bonifácio de Andrade e Silva. Pedro Alvares Cabral. Tiradentes. A princeza D. Izabel. Visconde e Barão do Rio Branco. Bento Gonçalves David Ganabarro. Osorio. Silveira Martins. Julio de Castilhos.

INSTRUCÇÃO CIVICA - [...] OBSERVAÇÃO: Um dos meios de despertar e manter o sentimento nacional está na celebração das festas cívicas. Na véspera de cada feriado a professora reunirá todos os alumnos da escola e lhes explicará a significação da data commemorativa (CAXIAS DO SUL, 1936a, p. 4-6-8-9-11)

É evidente a indicação para a adoção de assuntos, tais como os símbolos da pátria, as histórias dos “heróis” da pátria, comportamentos de obediência, sentimentos

de valorização da pátria e amor pela nação, além de questões de saúde e higiene; todos eles, também, observados nas edições do *Despertar*. Essas publicações, possivelmente, visavam a incorporação de práticas e comportamentos que se adequassem à realidade da sociedade da época, com representação de que tais comportamentos distinguiam o cidadão benéfico para a pátria. Uma construção que, suponho, visava criar um sentido para o “fazer” entre os sujeitos das áreas rurais, além de expressar a tentativa de regular determinadas práticas, inclusive as que envolviam o exercício do trabalho. Pesavento (2006, p. 50) fala sobre as representações coletivas e sobre um imaginário produzido e legitimado socialmente:

E, nesta medida, o imaginário – este sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens constroem através da história para dar significado às coisas - é sempre um outro real e não o seu contrário. O mundo, tal como o vemos, apropriamo-nos e transformamos é sempre um mundo qualificado, construído socialmente pelo pensamento. Esse é o nosso “verdadeiro” mundo, mundo pelo qual vivemos, lutamos e morremos. O imaginário existe em função do real que o produz e do social que o legitima, existe para confirmar, negar, transfigurar ou ultrapassar a realidade. O imaginário compõe-se de representações sobre o mundo do vivido, do visível e do experimentado, mas também sobre os sonhos, desejos e medos de cada época, sobre o não tangível nem visível, mas que passa a existir e ter força de real para aqueles que o vivenciam.

Entre os assuntos que, visivelmente, propunham a constituição de um sujeito que se portasse dentro de padrões de comportamento cívico, também, estava o dirigido às práticas de higiene: “Devemos conservar-nos sempre higiênicos que assim seremos úteis à Pátria” (DESPERTAR, 1948b, p. 4); “[...] Pessoas educadas nunca escarram nem cospem no chão [...] Pessoas que se prezam absolutamente não evacuam nem escarram no chão, nem permitem que se faça semelhante imundície. Pessoas esclarecidas cumprem os sábios e salutareis preceitos de higiene (DESPERTAR, 1951e, p. 6).

Os temas sobre higiene tratados no periódico eram dirigidos tanto para a formação de sujeitos adequados aos modelos de civilidade, quanto para relacionar essa civilidade a uma manifestação de civismo. Supostamente, essa prática objetiva estabelecer uma ordem social, um estado de obediência, inibindo a prática de hábitos

que ferissem a moral e os bons costumes da sociedade da época. Fato que se evidencia no excerto a seguir:

Diversos hábitos a desenvolver na criança 1- Caminhar sem bater com os pés. 2 - Não interromper as pessoas que falam. 3 - Não falar na hora do estudo. 4 - Não empurrar, nem bater nos colegas. 5 - Saber respeitar os pais e a professora. 6 - Não falar com a boca cheia. 7 - Beber sem ruído, evitando entornar a água. 8 - Usar o guardanapo e o lenço de maneira conveniente. 9 - Dobrar guardanapos, toalhas e lenços. 10 - Lavar as mãos à hora das refeições (DESPERTAR, 1952c, p. 2).

Outro tema que foi recomendado, no desenvolvimento da função do docente, no programa de ensino rural e que pode ser percebido na análise das colunas do *Despertar*, refere-se aos comportamentos de obediência. As orientações para que os alunos praticassem comportamentos de respeito, especialmente, aos pais e professores são os mais encontrados, como fica evidente no trecho: “Eu sou brasileira e devo servir minha pátria e eu posso servi-la estudando, obedecendo aos pais e mestres, praticando a caridade, sendo disciplinada e cultivando a terra” (DESPERTAR, 1948e, p. 5).

Destaco, ainda, o fato de textos, como o desse excerto, terem sido produzidos por alunos, enviados à coluna “Colaboração e Bôa Vontade”, o que pode evidenciar uma possível apropriação de prescrições precedentes à edição do trecho. Fato que me leva a supor que as orientações dadas, em outras colunas do impresso, cumpriam o papel e as expectativas do órgão público de ensino, influenciando as consciências dos leitores do periódico, no sentido de produzirem representações sobre o modelo de um “bom brasileiro”. Nesse contexto, “os homens elaboram idéias sobre o real, que se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não só qualificam o mundo como orientam o olhar e a percepção sobre esta realidade” (PESAVENTO, 2006, p. 49).

Na mesma perspectiva, Sousa (2015) trata sobre os manuais de educação moral e cívica, durante a ditadura militar, como meios para assegurar a obediência e inculcar valores. Para o pesquisador, a propaganda ideológica usada por regimes políticos atua legitimando os ideais de obediência do indivíduo. E, por meio de documentos, como manuais, o estudioso diz ser possível fazer uma leitura de um

tempo passado e perceber quais práticas culturais e políticas eram comuns em determinadas épocas. Ainda, de acordo com Sousa (2015), esses manuais reforçavam, no caso da ditadura, ideais de hierarquia, autoridade, ordem e tradição, questões que estavam associadas a valores patrióticos.

Compartilhando características bem semelhantes das descritas por Sousa (2015), o *Despertar* - mais de uma década antes da disseminação desses manuais de moral e cívica - circulou com essas orientações. Suponho que as matérias publicadas no periódico eram disseminadas, estrategicamente, com o suporte da escola, que cumpria um papel importante na consolidação das mensagens ali publicadas, contribuindo para a interpretação e para a adesão de comportamentos voltados às condutas de obediência.

Segundo Vieira (2012), o civismo foi sendo praticado na escola, com o objetivo de formar cidadãos, de desenvolver sentimentos patrióticos, e de possibilitar a prática do patriotismo em vida pública. Nesse sentido, publicações, como, por exemplo, livros didáticos, assumiam outras formas discursivas de gêneros que privilegiavam assuntos sobre a pátria.

Além da questão da obediência, outros sentimentos eram engrandecidos com o subterfúgio de constituírem um indivíduo nutrido de um amor verdadeiro pela pátria, entre eles, o de deferência ao trabalho. Nesse contexto, o trabalho aparecia relacionado a valores patrióticos. Essa reflexão é amplificada ao se deparar com o lema ou *slogan* usado pelo *Despertar*: “O estudo é a base da sabedoria. O trabalho, base do progresso. A religião e a justiça, bases da ordem”. A frase se aproxima da personificação das pessoas da região, sendo adotada popularmente pelos sujeitos que vivem nesta localidade, para identificar essa comunidade como “de gente trabalhadora”.

Pressuponho, portanto, que esses valores, do *slogan*, pudessem estar arraigados nas práticas desenvolvidas, não somente nas escolas, mas nas práticas das comunidades das áreas rurais. Por isso, possivelmente, não houvesse uma objeção aos comportamentos julgados cívicos, pelas pessoas que aqui viviam. Nesse viés, Fico (1997, p. 34) aborda o trabalho como um dos aspectos tratados como de uma identidade para o cidadão brasileiro, durante o Estado Novo:

Pode-se dizer que, durante o Estado Novo, a assim chamada “identidade brasileira” seria amplamente redefinida – pelo menos do ponto de vista governamental. Muitos dos elementos que posteriormente, durante a ditadura militar pós-64, seriam utilizados pela propaganda política foram estabelecidos nessa época: a valorização da mistura racial, a crença no caráter benevolente do povo, o enaltecimento do trabalho, uma certa idéia de nação – baseada nos princípios de coesão e da cooperação. Pode-se dizer, então, que essas são matrizes ideológicas do Estado Novo que seriam retrabalhadas pela ditadura militar.

A coesão de uma identidade do cidadão brasileiro tratada por Fico (1997), também, pode ter sido desenhada, a partir de estratégias, como a valorização de símbolos nacionais. No *Despertar* é possível observar matérias que operavam para o fortalecimento de tais símbolos: “[...] A Bandeira é a Pátria quando reúne em as voltas esta mocidade esperançosa, êstes pioneiros do civismo, êstes propagandistas da nova Fé [...]” (DESPERTAR, 1948e, p. 1). Ainda, é possível perceber o desenvolvimento das datas cívicas, tal como em: “[...] Reviver o nosso passado no seu esplendido espetáculo: ressaltar os nossos heróis na sua hora simbólica e fazer o culto da Pátria, eis aí uma forma cívica de rezar pelo Brasil” (DESPERTAR, 1952h, p. 2). Em outros trechos, reforça-se a importância de pessoas que fizeram parte da história do país – tratando-as como heróis nacionais, o que pode ser apreciado em: “[...] D. Pedro II, filho de D. Pedro I, era sábio, poeta e patriota sincero. O povo estava satisfeito com êle e até hoje lhe venera a memória de homem magnânimo, de grande filho da nossa nação [...]” (DESPERTAR, 1953c, p. 1).

Renk (2011) explica que, durante o Estado Novo, houve o culto à imagem do Presidente da República, nesse período, os textos dos impressos escolares apresentavam representações da bandeira nacional, tratavam sobre as datas cívicas, deveres dos alunos, a importância da família, abordavam questões sobre ordem e sobre a pátria.

Suponho que essas publicações não funcionavam somente com o intuito de promover práticas de demonstração de amor e respeito pela pátria, mas, também, estimulavam a atuação da escola como formadora de cidadãos que contribuíssem para os ideais de nacionalidade, intenção que pode ser vista no excerto: “A escola nos

ensina a amar a Pátria, desenvolvendo a nossa educação cívica que contribuirá para a unidade, a força a defesa, a paz e a glória do Brasil” (DESPERTAR, 1948c, p. 1).

Essas recomendações podem ter alcançado bons espaços no periódico, em virtude da característica de Caxias e região, dada pela colonização por imigrantes europeus. Por isso, a necessidade em se disseminar mensagens que valorizassem os símbolos da pátria poderia ter sido posta como importante, cooperando com as recomendações para comportamentos que não ferissem, ou dificultassem, a manutenção de ideais do Nacionalismo. Entre essas referências, vistas no *Despertar*, destaca-se a do uso da língua portuguesa: “Para sermos bons brasileiros devemos: prezar nossa amada Pátria, defender e cultivar o passado histórico e falar somente nossa língua” (DESPERTAR, 1947a, p. 7).

A preocupação com o uso da língua portuguesa é evidenciada no artigo 76, da legislação do município, no qual se preconiza a utilização da língua nacional nos estabelecimentos de ensino: “A legislação do ensino municipal adotará sempre os seguintes princípios: I – o ensino primário é obrigatório e só será dado em língua nacional [...]” (CAXIAS DO SUL, 1948a, p. 19).

Corroborando a isso, o depoimento da professora Ester Troian Benvenuto (1983, p. 9), que narra episódios de demonstração de amor à pátria, pelos alunos descendentes de alemães e italianos, nas escolas do município:

E esta questão da nacionalização, naquela época, eles ficaram atemorizados, que na, na parte de origem alemã, principalmente, quando eu ia visitar as escolas lá de São Sebastião do Caí, as crianças, quando eu entrava, as crianças lourinhas de olhos azuis, cantavam assim, se punham todos de pé e gritavam: “Viva el Brasil!” “Viva el Brasil!” Tinha que mandar parar. Elas tinham até receio. Até um certo ponto, elas tinham receio, né? E os nossos colonos, além das canções italianas [...] E, inclusive, eles cantavam muito as canções que foram traduzidas, não vamos dizer literalmente do italiano, mas foram adaptadas por D. José Baréa. Como por exemplo Le Campane De Trieste, eles cantavam, cantavam, “Não há terra mais bonita e encantadora do que a terra que se curva sobre mares. / Estendendo lindos leques em seus palmares. Minha terra sempre em flor”. Cantavam muito dessas canções em português naquela época, né? Mas, o espírito de brasilidade dos nossos imigrantes, naquela época, era tão grande que eu achei assim que esse trabalho de nacionalização, não quero dizer que não tenha tido seus efeitos positivos, mas não era tão necessário, porque eles se recordavam da Pátria, os velhos, e os novos, os pais ensinavam amar a sua segunda Pátria, como a Pátria deles de origem. Eu nunca encontrei assim nenhuma, nenhum obstáculo nesse sentido. E quantos colonos que me diziam: “Maestra. mi vai che i mifiô impare parlar em brasilian. par che non impare parlar côme mi. Mi

toáti bisogno che studiá e nó éssere come me. Mi piace che studian"
[Professora, eu quero que os meus filhos aprendam a falar em brasileiro, para que não aprendam como eu. Eu faço gosto que estudem] Eu cansava de ouvir, não é?.

Chama a minha atenção, nesse recorte da memória da professora, o fato de não ser percebida, por ela, a necessidade de ações que promovessem a manutenção dos ideais nacionalistas junto aos imigrantes, pois, suponho, pelo seu depoimento, que ela acreditasse já haver uma certa aceitação para o que era prescrito. Porém, nesse relato, percebe-se diferenciações no comportamento dos imigrantes alemães e dos italianos; uma distinção, já pontuada no capítulo em torno do contexto histórico. Em sua narrativa, percebi que havia a preocupação, entre os alunos alemães, às demonstrações de amor à pátria, talvez, “por medo”, aconteciam de forma exacerbada. Já, entre os alunos italianos, e as próprias famílias, percebo que a adesão às orientações acontecia de uma forma mais moderada, por meio, inclusive, de manifestações culturais, como o canto, praticado nas comunidades rurais com descendentes italianos. As representações “[...] dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão” (PESAVENTO, 2012, p. 41).

Possivelmente, no caso dos italianos, como também já foi mencionado no capítulo de contexto, em virtude das solicitações desses descendentes ao governo brasileiro, houve uma maior concordância com as ações que explicitavam um sentimento de respeito pela nação brasileira, em troca de uma oportunidade melhor de vida, comparada com sua pátria mãe. Talvez, por isso, esses sentimentos já estivessem mais estabelecidos entre os italianos e seus descendentes, como é o caso da professora Ester, que não concebia as ações nacionalistas, de um modo geral, somente, com teor negativo. Também, porque, apesar de precisarem adequar algumas práticas às orientações dadas, os imigrantes italianos conservavam práticas culturais que, até hoje, permanecem vivas em muitas comunidades do interior. A orientadora de ensino, em sua entrevista, rememora a participação das professoras

nos filós³¹, momento quando a música na língua italiana ainda era cantada pelas famílias, mesmo apesar de traduções para o português (BENVENUTTI, 1983, p. 9).

Por fim, dentro da categoria civismo, ainda, é possível perceber as manifestações cívicas relacionadas à promoção de eventos, como nas programações escolares: “Num sadio ambiente de confraternização cívica, civis e militares comungaram no dia de ontem dos mesmos propósitos [...] o major engenheiro Euclides Triches, prefeito municipal, que enalteceu a missão do exército brasileiro [...]” (DESPERTAR, 1953d, p. 8); “Farão parte dos festejos da Semana da Pátria a inauguração de mais dois novos prédios para as escolas “Hermes da Fonseca”, e “Anita Garibaldi” [...]” (DESPERTAR, 1950e, p. 16); e, também, em algumas solenidades, como no caso de inaugurações de prédios escolares, onde as manifestações de civismo são evidenciadas no protocolo, pela execução do Hino Nacional Brasileiro: [...] Dando início à solenidade, foi cantado o Hino Nacional e a professora regente Srta. Alda Isotton saudou o Sr. Prefeito Municipal, convidando-o, para desatar o nó da fita simbólica e inaugurar o prédio. [...] (DESPERTAR, 1954e, p. 12).

A reflexão sobre o tema civismo, durante a análise das colunas do *Despertar*, proporcionou o entendimento a respeito desse sentimento, propagado e exercitado nas áreas rurais, motivado pela escola ou pelo órgão responsável pela educação nesta cidade. A partir disso, é possível acreditar que o assunto era listado com, relativa, precedência no desenvolvimento dos conteúdos tratados no periódico e associado a outros temas, articulando a ideia de que a adoção de determinados comportamentos eram entendidos como atos patrióticos, que convergiam para o progresso, não somente deste município, mas da nação brasileira. Esse fato conflui para a ideia de que a Administração Pública Municipal não se opunha aos ideais declarados nacionalmente, e encampava as orientações a serem trabalhadas a nível cívico, considerando-as importantes para o “progresso” do município. O periódico,

³¹ Os filós são um dos aspectos da vida social das comunidades italianas, com importante atuação junto aos grupos. Consiste em reuniões ou encontros de pessoas da comunidade, nos quais, também, eram difundidas notícias enviadas dos parentes da Itália, que aconteciam entre familiares, amigos e vizinhos; homens, mulheres e crianças se reuniam para conversar, rezar, dançar, comer e beber. Parte da cultura italiana foram trazidas pelos os primeiros imigrantes, para o Brasil, a partir de 1975, mais especificamente, no Rio Grande do Sul (GOMES, 2008, não paginado).

nesse contexto, atuava como um aparato capaz de fazer disseminar uma série de orientações para práticas alinhadas a esses objetivos cívicos.

A análise dos temas encontradas no *Despertar* fez emergir diferentes reflexões acerca das práticas desenvolvidas pelos sujeitos que viviam no entorno da escola, nas áreas rurais. Também, trouxe indícios da atuação de uma imprensa educacional, que se estabeleceu nesta localidade, e de sua contribuição para a propagação de orientações, e, posterior, consolidação, das imagens construídas pelas comunidades rurais em torno da instituição escolar e da Administração Pública Municipal. E, ainda, serviu como ferramenta para o fortalecimento da identidade dos sujeitos que viviam nesses espaços, de modo especial, do agricultor/colono. Além disso, outro ponto que surgiu, por meio da análise do periódico, foi o que permitiu compreender que os professores promoviam uma atuação como conciliadores dos interesses da gestão pública de ensino do município e dos habitantes das áreas rurais. Nesse sentido, destaco a participação importante, para o desenvolvimento da escola na área rural, da professora Ester Troian Benvenuto, de um modo especial, pela inserção de práticas culturais de difícil acesso dos habitantes das áreas rurais, que cooperaram com a educação promovida nesses espaços.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após muitos meses de trabalho, é chegada a hora de organizar as minhas reflexões e fazer as articulações necessárias entre documentos, teorias, conhecimentos adquiridos e vivências, a fim de encaminhar considerações acerca desta pesquisa.

A primeira consideração é uma autorreflexão sobre o modo como este estudo me impactou. Apesar de a escolha pela análise de um jornal parecer fácil, para uma profissional que atua com comunicação, que possui vivência junto à imprensa e que desenvolve em sua rotina de trabalho aparatos semelhantes, esse, realmente, foi um caminho de muitas descobertas e que exigiu olhar para aquilo que parecia familiar, sob uma ótica completamente diferente. Desloquei-me da posição de produtora para leitora e, busquei interpretar os textos e imagens que compunham o periódico, sob outra perspectiva. Exigiu que me despisse de uma certa arrogância, típica das pessoas que se julgam conhecedoras de determinada área ou instrumento, e que se acham capazes de responder a todas as indagações. Neste estudo, muito mais do que respostas, o que levantei foi uma série de questionamentos, como, por exemplo, se teria habilidade e competência para me lançar na pesquisa. Fato que me perseguiu, por longos meses, ou, pelo menos, até eu reconhecer que todo o esforço, ao longo desse período, era parte do processo desenvolvido por um pesquisador. Isso ficou mais claro, quando as páginas que ia redigindo de análise sobre o objeto escolhido, fluíram naturalmente.

Foi, então, um “despertar” para que eu de fato me sentisse confortável nesta posição de pesquisadora. E, ao chegar neste momento, tenho mais confiança de expor as minhas ideias e considerações a respeito do “Despertar” que se propagou entre a comunidade da área rural caxiense.

Segundo ponto, em relação às ponderações feitas a respeito de tal periódico, recupero os meus objetivos específicos, que me auxiliam a organizar os pensamentos e, a partir da identificação do objeto de pesquisa, da leitura dos textos e das imagens, e da observação das escolhas feitas no momento da distribuição do conteúdo que compunha as edições, discorro sobre o assunto.

O primeiro objetivo elencado sugeria que tal estudo ajudaria na identificação das contribuições do *Despertar*, para a construção de uma identidade de grupo. Pondero que o periódico foi utilizado para criar uma coesão entre os sujeitos que viviam na área rural, reforçando a identidade desse grupo de pessoas. A primeira justificativa encontra-se na própria imagem utilizada para identificar o *Despertar*, impressa na capa do periódico. Por muitos anos, essa ilustração fez uma alusão às práticas ligadas à agricultura, referendadas pelas ferramentas de trabalho e pela produção agrícola, ou seja, as representações se constituíam no produto das práticas ligadas ao trabalho dos agricultores ou das famílias dos agricultores. Mesmo quando a ilustração passou por uma transformação, após anos de circulação do periódico, ainda, permaneceu a referência ao trabalho desenvolvido na área rural, por meio de imagens da produção agrícola. No entanto, acumulou-se uma nova referência, a do ensino, possivelmente, pela maior presença da escola na área rural: na nova ilustração, aparece um livro e a professora cercada de crianças, evidenciando uma nova realidade e fortalecendo a ideia de que a escola estava inserida naquele contexto rural.

Outro ponto que coopera para a ideia de que o periódico foi usado para fortalecer a identidade das pessoas que viviam na área rural, aponta para a participação da Diretoria de Fomento e Assistência Rural na produção das matérias e, com isso, da sua proximidade com a Diretoria de Instrução Pública, evidenciada nas contribuições divulgadas na coluna “Informações Rurais”. O conteúdo divulgado nesse espaço relacionava-se com os interesses, experiências e expectativas das famílias que viviam no entorno da escola rural, ou pelo menos, de seus chefes. Desse modo, o impresso não somente atraía a atenção, pois era um aparato que expressava algo a ser apreendido, como, também, pode ter sido reconhecido como uma instrumento a serviço das famílias de agricultores. E, sendo validado por tais grupos, cooperava para o alcance dos objetivos pensados pelos órgãos da Administração Pública Municipal, que poderiam ser atingidos, por meio das orientações acerca do trabalho realizado nas áreas rurais. Ainda, destaco os trechos de valorização dessa categoria profissional, nos quais relacionam o produto do trabalho desenvolvido na área rural com o avanço e prosperidade do município. As referências à área rural

aparecem em 323 registros, compondo o segundo maior número de incidências, o que também justifica a ideia de que o *Despertar* foi uma aparato produzida para estabelecer um vínculo de identidade com as pessoas que compartilhavam as experiências de uma vida na área rural.

O segundo objetivo específico listado propõem identificar possíveis influências do contexto histórico sobre as divulgações no periódico e, posteriormente, sobre as práticas desenvolvidas naquele espaço. Para essas considerações, houve a necessidade de buscar outros documentos que justificassem os pontos evidenciados, a partir da leitura do *Despertar*. A primeira hipótese, antes da análise do periódico, era a de que o contexto histórico que coincidia com o de circulação do impresso correspondia a um momento de crescimento da indústria local e, conseqüente, êxodo da população rural, em busca de novas oportunidades na área urbana. Por isso, eu presumia localizar um grande número de matérias que fizessem propaganda de uma vida mais urbanizada. Ao contrário disso, o que encontrei, no *Despertar*, direcionou-me para prescrições tratadas uma década antes da circulação do periódico, que abordavam o ruralismo pedagógico.

A partir das prescrições encontradas no “Programma Official para o Ensino nas Escolas Ruraes do Município de Caxias”, do ano de 1936 (CAXIAS DO SUL, 1936b), pude fazer relações com o conteúdo analisado no periódico e observei algumas semelhanças entres as orientações divulgadas nos dois documentos. O *Despertar* apresentava assuntos elencados no documento, e que deveriam ser desenvolvidos pelos professores da área rural, como, por exemplo: temas relacionados à higiene; além de orientações para o estudo de assuntos que incentivassem comportamentos cívicos e de amor à pátria. O *Despertar* parece uma espécie de manual, propagando informações que poderiam influenciar práticas e comportamentos considerados aceitáveis aos padrões da época. No entanto, não considero que tais prescrições preparavam os indivíduos para uma mudança de espaço, rumo a uma vida mais urbanizada, mas dava condições de as pessoas exercerem uma convivência mais saudável dentro da própria comunidade rural, no ambiente da escola rural e, também, em eventuais aproximações com sujeitos que residiam na área urbana.

Fazendo uma articulação com o contexto histórico, ainda, levantei a hipótese de que pudesse haver uma influência dos ideais Nacionalistas sobre as orientações divulgadas no impresso. Nos registros analisados, não localizei nenhuma referência direta ao Nacionalismo, mas é possível inferir que havia uma simpatia dos produtores do *Despertar* para os assuntos que envolviam o amor à pátria. Além disso, em sua entrevista, a professora Ester Troian Benvenuto demonstrou uma percepção, em relação ao Nacionalismo nas escolas, muito mais positiva do que negativa. Outro fato que aponta para essa consideração é o de que, no período de 1951 a 1954, Caxias contou com a gestão do Prefeito Euclides Triches, ex-militar, e, possivelmente, as publicações no periódico, neste período, tiveram uma influência favorável aos ideais nacionalistas, devido à carreira militar do prefeito e à experiência como governador do estado do RS, no período de regime militar.

Também, é possível inferir, a partir das inúmeras referências cívicas, nas diferentes colunas do *Despertar*, que há uma dedicação dos produtores para matérias com conteúdo alusivo a comportamentos de civismo, de amor e orgulho à pátria. Outro indício são as notícias dos eventos realizados em torno das inaugurações de obras e de escolas, nas quais a organização do protocolo se repete, havendo sempre a referência à bandeira e à execução do hino nacional.

Percebe-se, ainda, pelas notícias e espaço destinado às “Informações Rurais” que há uma preocupação em possibilitar um conhecimento mais técnico às pessoas que viviam na área rural, havendo a inclusão de Clubes Agrícolas e a ajuda para a organização de cooperativas. São indícios de que havia o interesse em qualificar os jovens moradores da área rural, não para um trabalho na indústria, mas para a continuidade de uma economia agrícola em tais localidades. Essas questões foram tratadas no período do Nacionalismo, pelo Decreto de Lei n 9613, de 20 de agosto de 1946, que previa a composição de um ensino voltado para a área agrícola, atuando na formação e na qualificação de jovens e adultos, para os trabalhos na agricultura, aperfeiçoando conhecimentos e técnicas (BRASÍLIA, 1946b, sem paginação). As informações desse decreto, também, corroboram a reflexão de que o *Despertar* era utilizado como um aparato para dar suporte a essa formação, especialmente pela página destinada às orientações voltadas à agricultura. Também, evidencio a

importância dada aos clubes agrícolas, para uma formação, quanto ao desempenho de atividades ligadas à terra. Assuntos que eram tratados pelas políticas nacionalistas no Brasil.

Nesse contexto, apesar do período analisado não compreender nem o momento histórico do Ruralismo Pedagógico, nem o vivido durante o Nacionalismo de Getúlio Vargas, parece-me que ambos os movimentos, ainda, influenciavam as políticas de educação para as áreas rurais, como se mantendo resquícios de contextos que apresentaram ações mais imperativas sobre a educação. Suponho que o momento histórico que sucedeu tais movimentos, ainda, não tivesse tanta representação, quanto os que se estabeleceram antes; por isso, foi possível perceber evidências que indicassem essa influência.

O terceiro objetivo específico elencado neste estudo propunha compreender como a atuação do professor, no contexto rural, relacionava-se com as políticas educacionais da época e como as representações construídas sobre o docente, repercutiam na comunidade rural. Nesse sentido, a análise do *Despertar* propiciou perceber que, apesar de haver uma exigência do órgão de ensino público municipal, para que o professor buscasse qualificação, um número pequeno de professores buscava uma formação específica para a escola rural, uma vez que tal feito era noticiado no periódico. Esse fato pode ser justificado pela falta de oportunidade, para uma formação mais específica, no município, de um modo especial, porque o curso destinado a essa formação, em Caxias do Sul, estava vinculado à Congregação de São José – Josefinos de Murialdo, por isso o público-alvo acabava sendo o masculino, pelo formato de seminário. Em contrapartida, há referência, no periódico, do oferecimento de cursos de desenvolvimento de docentes, mais curtos e de férias. Essa indicação aparece no *Despertar* e é confirmada por meio do Relatório da Administração Municipal dos anos de 1952 a 1954, no qual aparecem os objetivos dos cursos de férias, ministrados gratuitamente, e que oportunizavam informações referentes à metodologia das matérias do programa de ensino caxiense, às diretrizes pedagógicas e às noções sobre agricultura e puericultura. Também, há a indicação do oferecimento de meios para qualificação, tais como a *Biblioteca dos Professores* e a assinatura da *Revista do Ensino* para todas as Bibliotecas mantidas pela Prefeitura

(CAXIAS DO SUL, 1952-1954, p. 15). Além disso, o próprio *Despertar* compreendia uma parte de conteúdos que eram elencados como assuntos a serem tratados pelos professores das áreas rurais, facilitando o acesso à informação.

Outro ponto de destaque foi o que abordei sobre a influência exercida pelas professoras junto às pessoas das áreas rurais. Exemplificando o trabalho realizado pelas docentes, é possível perceber, por intermédio da leitura do noticiário do *Despertar*, a participação das professoras em importantes solenidades realizadas, especialmente, durante a inauguração de novas escolas. Às professoras responsáveis pelo ensino nestas localidades, era reservado um momento de pronunciamento, em meio às falas de autoridades municipais e estaduais. Por meio da entrevista da professora Ester Troian Benvenuti, também, é possível compreender o papel exercido pela professora nessas comunidades, que transcendiam a sala de aula e envolviam diferentes práticas junto às comunidades.

Destaco, também, as publicações que indicam que a escola, por meio dos professores, tinha um papel estratégico, intermediando a comunicação e articulando as relações entre esses grupos, de modo que eles recebessem as orientações e tivessem apoio na interpretação do que ali era divulgado, reproduzindo tais prescrições. Aos professores era depositada a confiança de ambos os grupos; a exemplo disso, trago a descrição do trabalho de acompanhamento dos profissionais da Diretoria de Fomento na realização de pesquisas sobre o perfil das famílias.

Outro exemplo dessa influência, que não era impositiva, mas conquistada, por meio da confiança e do apreço pela figura dos docentes, é o da professora Ester Troian Benvenuti. Conjecturo que a docente se constituiu em exemplo para o exercício da profissão e construiu uma história, que assegurou a consolidação de uma imagem muito sólida junto às pessoas que viviam na área rural. Certamente, esse fato foi fundamental para a adesão de muitas práticas e modelos propostos pelo órgão de ensino municipal. A história da professora junto ao magistério, assemelha-se à história de outras meninas, filhas de agricultores e de imigrantes, que, muito jovens, lançavam-se à carreira de docentes, buscando dar uma nova perspectiva de vida para as pessoas que vivam na área rural. A diferença, no caso da professora Ester, é que o apoio recebido, especialmente de sua família, cooperou para que ela continuasse

buscando qualificação e, assim, acabou ganhando destaque junto ao órgão de ensino municipal. O esforço e a dedicação lhe renderam a aprovação em concurso e, dessa forma, ao longo dos anos, alcançou uma ascensão junto ao órgão, primeiro, como professora, depois, como orientadora e, por último, na gestão da Diretoria de Instrução. Essa evolução foi crucial, não somente para que angariasse um certo respeito, que penso não estar somente relacionado à função exercida, mas à confiança e à admiração, por ter se transformado em um modelo profissional.

Considero que a aceitação da professora Ester tanto pela comunidade rural, tanto quanto pelo órgão de ensino, em grande parte, deve ser imputada a sua experiência de vida na área rural. Esse fato lhe abriu portas na administração municipal e lhe concebeu uma presença forte junto às famílias de agricultores. Transformou-a em uma representante da comunidade da vida rural, uma espécie de “porta-voz” dos anseios, expectativas e dificuldades daquelas pessoas. E, além disso, Ester exerceu papel importante, auxiliando o órgão da Administração Municipal a alcançar seus objetivos, ao lado das pessoas que viviam nas áreas rurais.

A professora Ester foi uma idealista, facilitou o acesso da comunidade da área rural à práticas culturais que, pelo distanciamento do espaço urbano, possivelmente, eram de difícil acesso para àquelas pessoas. Um exemplo disso, é que enquanto ocupava o cargo de gestora do ensino caxiense, obteve a aprovação da Administração Municipal para a aquisição de um projetor de filmes; então, com a posse do equipamento, promoveu sessões de cinema para adultos e crianças e permitiu um intercâmbio entre a escola e a família. Além disso, em sua gestão, à frente do órgão de ensino, impulsionou outras atividades culturais, que levavam à área rural perspectivas e experiências diferentes das vividas naqueles espaços. Suas contribuições foram reconhecidas e lhe conferiram ser eleita a ocupar uma cadeira no Legislativo Caxiense, transformando-a na primeira representante feminina na função de vereadora.

Diante do exposto até aqui e por meio da observação das representações e orientações presentes no *Despertar*, considero que o periódico prestou importante contribuição sob diferentes perspectivas. No que se refere ao exercício da docência, apoiou o trabalho do professor, promovendo a manutenção de conhecimentos,

direcionando os docentes, especialmente, nos assuntos que envolviam a atualização das práticas rurais, também indicou uma abordagem para os assuntos que tratavam sobre a higiene e qualidade de vida. Além de cooperar para que o professor realizasse a mediação dos interesses entre as pessoas da área rural e a gestão pública municipal, por possibilitar o encurtamento das distâncias entre um público e outro. Ainda sob este aspecto, com relação ao poder público, o periódico foi um instrumento de aproximação dos gestores municipais às pessoas das áreas rurais, ajudando na construção de uma imagem favorável, ou na mudança dela, quando não era positiva, por “tirar” essas pessoas do isolamento, possibilitando que a informação chegasse até elas.

Além disso, o *Despertar* cooperou no fortalecimento da identidade das famílias dos agricultores, o que contribuía para que esses sujeitos desenvolvessem as suas práticas no sentido de um avanço da economia do município, por meio da agricultura e da pecuária. Também cooperou com a propagação de orientações, que cumpriam com a legislação vigente e com as propostas da Administração Pública, para as pessoas que viviam naquele espaço. E, em outra instância, considero que prestou contribuições às pessoas que viviam na área rural, mesmo tendo servido como estratégia da administração, para a propagação de orientações. Entendo que o que se disseminava por meio do *Despertar* possibilitava outros panoramas de vida, mesmo que esses sujeitos se mantivessem no mesmo espaço, pois modificava suas práticas, de modo a impulsionar para melhorias em suas vidas.

Ressalto que do processo de análise do objeto desta pesquisa, identifiquei outras possibilidades de investigação e, também, a perspectiva de realizar um desdobramento das questões tratadas no capítulo quatro deste estudo. Pela problematização proposta e, em virtude do tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa, ponderei não realizar um maior aprofundamento desses temas, por isso, entendo que deixá-los em aberto pode ser um fator motivador para pesquisas futuras, e que possam se somar a dissertação que apresento.

Dentre as possibilidades para outras pesquisas destaco o desenvolvimento de estudo da biografia da professora Ester Troian Benvenuti, pela trajetória à frente da Diretoria de Instrução Pública de Caxias do Sul, em especial, pela contribuição para a

educação das comunidades da área rural e, pela representatividade tanto junto ao corpo docente do município, quanto junto à comunidade caxiense. Outros desdobramentos ainda podem ser pensados em torno das práticas influenciadas pelo contexto das políticas nacionalistas, nesta região; e, ainda, a respeito da introdução de práticas culturais usadas como aportes pedagógicos, nas áreas rurais de Caxias do Sul, tais como, as projeções de cinema para as comunidades do contexto da escola rural.

Ao terminar esta pesquisa, ainda completo as minhas considerações com a observação de que o *Despertar* constitui uma importante fonte documental em torno da História da Educação deste município, não encerrando as possibilidades do desenvolvimento de outros estudos, em torno desse periódico, que podem trazer diferentes evidências acerca da educação nesta região do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

ABL - ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia de Hipólito da Costa**. 2018 Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/hipolito-da-costa/biografia>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

AGUIAR JUNIOR, Arimatéa Freitas. Construção do Civismo e da Ordem: as festas oficiais comemoradas em Teresina no período de 1935 a 1945. *In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL*, 10, 2013, Campinas. **Anais** [...] Campinas: ABHO-Regional Sudeste e CMU-Unicamp, 2013. Disponível em: <https://www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1374340204_ARQUIVO_JosedeArimateaFreitasAguiarJunior.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Memórias da rural: narrativas da experiência educativa de uma Escola Normal Rural pública (1950-1960)**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

AMARAL, Giana Lange. Os jornais estudantis Ecos Gonzagueanos e Estudante: apontamentos sobre o ensino secundário católico e laico (Pelotas/RS, 1930 a 1960). **Revista História da Educação**, Porto Alegre, . Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/38090>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

ARAÚJO, José Carlos; GONÇALVES NETO, Wenceslau; INÁCIO FILHO, Geraldo; GATTI JUNIOR, Décio. Educação Imprensa e Sociedade no Triângulo Mineiro. **História da Educação**, Pelotas, v. 2, n.3, p. 59-93, jan./jun. 1998.

AZEVEDO, Thales. **Os italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de pesquisa**. Caxias do Sul: EDUCS, 1994.

BARBOSA, F. S. Turismo de eventos na Serra Gaúcha: o caso da Festa Nacional da Uva de Caxias do Sul/RS. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, v. 7, n. 2, p. 257-268, 2015.

BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

BASTOS, Maria Helena Camara. A imprensa de educação e de ensino: repertórios analíticos. **Revista brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.12, n. 34, p. 166-168, jan./abr. 2007. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100013>. Acessado em: 02 jan. 2018.

BASTOS, Maria Helena Camara. As primaveras da Revista do Ensino: história de um projeto editorial (1951-1992). *In: A revista do ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista*. Pelotas: Seiva, 2005.

BASTOS, Maria Helena Camara. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. *In: ARAÚJO, José Carlos; GATTI JR, Décio (orgs.). Novos temas em história da educação. Instituições escolares e educação na imprensa*. Uberlândia: EDUFU; Campinas: Autores Associados, 2002.

BASTOS, Maria Helena Camara. Resenhas. **Educação e Filosofia**, Uberlândia v. 15, n. 29, p. 287-292, jan./jun. 2001.

BENEDETE NETTO, Marcos Vinicius. **Da escola rural multisseriada à escola nucleada**: narrativas sobre o espaço, o tempo e o pertencimento no meio rural (Caxias do Sul – RS/1990-2012). 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2014.

BERGOZZA, Roseli Maria. **Escola complementar de Caxias**: histórias da primeira instituição pública para formação de professores na cidade de Caxias do Sul (1930-1961). 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2010.

BERGOZZA, Roseli Maria; LUCHESE, Terciane Ângela. Escola complementar: primeira escola pública para formação de professores primários na cidade de Caxias do Sul – 1930-1961. *Conjectura*, 2010, v. 15, n. 3, p. 121-140, set./dez. 2010.

BEZERRA NETO, Luiz. **Educação Rural no Brasil**: do ruralismo pedagógico ao movimento por uma educação do campo. Minas Gerais: Navegando Publicações, 2016.

BICCAS, Maurilane de Souza. Da revista à leitura: a formação dos professores e a conformação do campo pedagógico em Minas Gerais (1925-1940). *In: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JR., Décio (orgs.). Novos temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Uberlândia: EDUFU, 2002.

BISOL, Laísa Veroneze; PORTO, Luana Teixeira; LISBOA FILHO, Flavi Filho. Jornalismo impresso do século XIX: a representação da Revolução Farroupilha e a exaltação da cultura gaúcha em *O Povo*. *In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA*, 10, Porto Alegre, 2015. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível em: <>. Acesso em: 12 fev. 2019.

BOTO, Carlota. A civilização escolar pelos compêndios didáticos de formação de professores. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 70, p. 155-178, jul./ago. 2018.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/v34n70/0104-4060-er-34-70-155.pdf>>.
Acesso em: 12 fev. 2019.

BOTO, Carlota. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 493-511, 2004.

BRESOLIN, Paoline; ECCO, Idanir. Ser escola rural: da historicidade, das características e das representações. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, Erechim. **Anais** [...]. Erechim, [s. n.] 2008. Disponível em: <http://www.uri.com.br/cursos/arq_trabalhos_usuario/530.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.

CAPELATO, Maria Helena. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CATANI, Denice Barbara. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 10, n. 20, p. 115-130, 1996.

CATANI, Denice Barbara. **Educadores à meia-luz**: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo. [S.l.: s.n.], 2003.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara. **Educação em revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CATANI, Denice Barbara; SOUSA, Cynthia Pereira. A imprensa periódica educacional e as fontes para a história da cultura escolar brasileira. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, São Paulo, v.37, p. 177-183. Disponível em: . Acesso em: 20 de março de 2018.

CATANI, Denice Bárbara; VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosario Silvana Genta. O Movimento dos Professores e a Organização da Categoria Profissional: estudo a partir da Imprensa Periódica Educacional. *In*: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). Educação em revista – a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHALOPA, Rosa Fátima Souza. A formação de professores primários rurais no estado de São Paulo (1930 – 1971). **Revista Linhas**, Florianópolis, v.18, n. 37, 2017 Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818372017179>> Acesso em: 15 de março de 2019.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Tradução de Maria Manoela Galhardo. Lisboa: Difusão, 1988.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, abr. 1991.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Os dizeres das regras: um estudo sobre manuais de civilidade e etiqueta. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, Curitiba: PUCPR, 2004. **Anais** [...]. Curitiba: [s. n.], 2004. Disponível em: <www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo4/488.pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2019.

DALLA VECCHIA, Marisa Virginia Formolo; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber**. Porto Alegre: EST, 1998.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>> Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

DINIZ, Lília. **O primeiro redator de jornais do Brasil**. *In*: Observatório da Imprensa, 7 abr. 2009. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/entre-aspas/o-primeiro-redator-de-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

DORNELLES, Beatriz. **Jornalismo "comunitário" em cidades do interior: uma radiografia das empresas jornalísticas: administração, comercialização, edição e opinião de leitores**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004.

FERNANDES, Ana Lúcia Cunha; XAVIER, Libânia Nacif; CARVALHO, Luiz Miguel. Aspectos da imprensa periódica educacional em Lisboa e no Rio de Janeiro (1921-1963). **Revista Brasileira de História**, v. 15, n. 3, p. 79-97, jan. 2007.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos. Escola Normal Rural Brasileira nos anos de 1938-1963. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9, João Pessoa, 2017. **Anais** [...] João Pessoa: [s. n.] 2017. Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT02-3366--Int.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

FGV - FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Verbetes: Euclides Triches. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/triches-euclides>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997

FILHO, Francisco Alves. A autoria institucional nos editoriais de jornais. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 77-89, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1396/1096>>. Acesso em: 22 de mar. 2019.

FIORI, Neide Almeida. Clube agrícola em Santa Catarina: ruralismo e nacionalismo na escola. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. especial, p. 231-260, jul./dez. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10286/9559>>. Acesso em: 12 de jan. 2019.

GERTZ, René. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005.

GOMES, Vanderlisa Ferreira. **Os filós comunitários e a cultura italiana**. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em História) - Centro Universitário Univates, Lajeado, 2008.

GRANDO, Marinés Zandavali; MERTZ, Marli Marlene. De colonos a agricultores familiares: uma trajetória de resistência. In: CONCEIÇÃO, Octávio Augusto Conceição *et al.* (org.). O movimento da produção. Porto Alegre: FEE, 2010. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/3-decadas/downloads/volume2/4/marines-zandavali.pdf>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

GRAZZIOTIN, Roque M. B. **Pressupostos da prática educativa na diocese de Caxias do Sul – 1934 a 1952**. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. **Processo de industrialização da zona colonial italiana**. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2017.

HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. **Compós**, Porto Alegre, v. 7, n. 11, p. 1-12, dez. 2006.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Caxias do Sul - População entre 1940 e 2010**. 2013. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 23 jan. 2018.

JARDIM, Trajano Silva; BRANDÃO, Iolanda Bezerra dos Santos. Breve histórico da imprensa no Brasil: Desde a colonização é tutelada e dependente do Estado. **Hegemonia**, Brasília, n. 14, p. 131-171, 2014. Disponível em: <[http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/hegemonia14/Iolanda%20Brandão%20e%20Trajano%20Jardim%20\(6\).pdf](http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/hegemonia14/Iolanda%20Brandão%20e%20Trajano%20Jardim%20(6).pdf)>. Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Tradução de Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, jan./jun. 2001.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista brasileira de educação**, Rio de Janeiro, n.15, p.159-176. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782000000300010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 3 de mar. 2018.

KREUTZ, Lúcio. Escolas étnicas no Brasil e a formação do Estado Nacional: a nacionalização compulsória das escolas de imigrantes (1937-1945). **Poiésis**, v. 3, n. 5, p. 71-84, jan./jun. 2010.

KREUTZ, Lúcio. Livros escolares e imprensa educacional periódica dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, Brasil, 1870-1939. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 31, n. 17, p. 24-52, jan./abr. 2008.

LEX, Ary. **Biologia educacional**: para uso das escolas normais, institutos de educação e faculdades de filosofia. 14. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

LUCHESE, Terciane Ângela. As sociedades de mútuo socorro e suas escolas étnicas italianas: a circulação de saberes e as conformações identitárias. *In*: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17, Campinas, 2009. **Anais [...]**. Campinas: Unicamp, 2009.

LUCHESE, Terciane Ângela. Itinerários das escolas italianas em terras brasileiras: uma história contada pelos materiais didáticos (1875-1945). *In*: ANPEDSUL, 10, Florianópolis, 2014. **Anais [...]**. Florianópolis: [s. n], 2014. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/219-0.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2019.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, 1875 a 1930**. Tese (doutorado em Educação) – Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

LUCHESE, Terciane Ângela; GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi. Memórias de docentes leigas que atuaram no ensino rural da Região Colonial Italiana, Rio Grande do Sul (1930-1950). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 341-358, abr./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n2/1517-9702-ep-41-2-0341.pdf>> Acesso em: 27 jun. 2019.

MACHADO, Maria Abel; AGUZZOLI, Leonor. **Nossas mulheres: que ajudaram a construir Caxias do Sul**. Caxias do Sul, 2005.

MACHADO, Maria Abel; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul: 100 anos de história 1901-2001**. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2001.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINIAK, Vera Lucia. A formação de professores no Paraná na Primeira república: a escola primária de Ponta Grossa. **História & Ensino**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 255-282, jan./jun. 2018.

MENNUCCI, Sud. **A crise brasileira de educação**. 2. ed. São Paulo: Editora Piratininga, 1934.

MERTZ, Marli. A agricultura familiar no Rio Grande do Sul – um sistema agrário “colonial”. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 277-298, abr. 2004. Disponível em: <<https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/2060/2442>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. *In*: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

NICOLAU, Nathalia dos Santos. A Educação construída nos Clubes Agrícolas: O Papel da Professora no Ensino de Crianças e Jovens do Meio Rural (1945). *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...] Florianópolis: UFSC, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439865340_ARQUIVO_trabalhoAnpuh2015.pdf>. Acesso em: 12 de janeiro de 2019.

NOMA, Amélia Kimiko. **Visualidades da vida urbana: metrópolis e Blade Runner**. 1998. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1998.

NÓVOA, Antonio. *In*: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara. **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

OLIVEIRA, Rodrigo Lopes. A cidade de Dante Marcucci nos anos 1930 e 1940. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul, 13 jul. 2015a. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2015/07/13/a-cidade-de-dante-marcucci-nos-anos-1930-e-1940/?topo=52>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

OLIVEIRA, Rodrigo Lopes. A trajetória da professora Ester Troian Benvenuti. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul, 05 mar. 2015b. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2015/03/05/a-trajetoria-de-ester-troian-benvenuti/?topo=87>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

PASQUINI, Adriana Salvaterra; GUEDES, Edson Claiton; CHAGURI, Jonathas de Paula. Historiografia da Educação: a imprensa enquanto fonte de investigação. *In*: JORNADA DO HISTEDBR, 11, Campinas, 2013. **Anais** [...]. Campinas: Unicamp, 2013. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/4/artigo_simposio_4_518_adrianapasquini@hotmail.com.pdf> Acesso em: 27 jun. 2019.

PAZ, Valéria Alves. **História do Colégio São Carlos de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul (1936-1971)**. 2013. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006. Disponível em: <>. Acesso em: 03 mar. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História & História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, Pelotas, v. 7, n. 14, p. 31-45, set. 2003.

POZENATO, Quênia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2004.

RECH, Gelson Leonardo; KREUTZ, Lúcio; LUCHESE, Terciane Ângela. Memórias de docentes: narrativas sobre saberes e fazeres de duas professoras rurais de Caxias do Sul / RS (1920-1950). **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 17, n. 2, p. 98-122, maio/ago. 2012. Disponível em: <>. Acesso em: 10 abr. 2018.

RENK, Valquiria Elita. A escola, o estado novo e patriotismo analisados através da imprensa escolar. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10, 2011, Curitiba. **Anais** [...] Curitiba: PUCPR, 2011. Disponível em: <>. Acesso em: 22 fev. 2019.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz. **Educação e Civilidade: o discurso da ordem missionária servas do Espírito Santo (1907-1955)**. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2007. Disponível em: <>. Acesso em: 15 abr. 2019.

RODRIGUES, Elaine; BICCAS, Maurilane de Souza. Imprensa pedagógica e o fazer historiográfico: o caso da Revista do Ensino (1929 – 1930). **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 37, n. 2, p. 151-163, abr./ jun. 2015.

ROSO, Paula Cristina Mincato. **A educação do corpo nas escolas municipais de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul (1937 a 1945)**. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 1993.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antônio. A disciplina ensino religioso: história, legislação e práticas. **Educação**, Santa Maria, v. 42, n. 1, jan./abr. 2017. Disponível em: . Acesso em: 11 mar. 2019.

SILVA, João Carlos da. **O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim**: as propostas do apostolado positivista para a educação brasileira (1870-1930). Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

SILVA, João Carlos da. Utopia Positivista e instrução pública no Brasil. **Revista Histedbr**, Campinas, n. 16, p. 10-16, dez. 2004.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Revolução de 30**. In: BRASIL ESCOLA. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/revolucao-30.htm>>. Acesso em: 21 set. 2018.

SOUSA, Reginaldo Cerqueira. Uma higiene moral e do corpo: educação moral e cívica, as atividades físicas, esportivas e de lazer durante a ditadura militar. **Revista Cordis**, São Paulo, n. 14, p. 18-37, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/26135>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

SOUZA, José Edimar. As escolas isoladas: práticas e culturas escolares no meio rural de Lomba Grande/RS (1940-1952). 2015. Tese. (Doutorado em Educação) – Unisinos, São Leopoldo, 2015.

STEPHANOU, Maria. Saúde, Higiene e Civilidade em Manaus. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3, 2004, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: PUCPR, 2004. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo4/486.pdf>> Acesso em: 12 fevereiro de 2019.

STRELOW, Aline. Primórdios da imprensa literária no Rio Grande do Sul: a história do jornal O Guayba. **Intercom**, São Paulo, v. 39, n. 2, p.19-38, Maio/ago. 2016.

TAMBARA, Elomar Antonio Callegado; ARRIADA, Eduardo. Civismo e educação na primeira república – João Simões Lopes Neto. **História da Educação**, Pelotas, v. 13, n. 27 p. 279-292, jan./abr. 2009. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29036>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

THOEN, Carla Fernanda Carvalho. **Representações sobre etnicidade e cultura escolar nas Antigas Colônias de Imigração Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (1905 – 1950)**. 2011. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2011.

TOMAZONI, Mário Alberto. **Álbuns da cidade de Caxias do Sul (1935-1947): as reformas urbanas fotografadas**. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VALTRICK, Bruna. Memória: Vivências da família de Angelo Buffon. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul, 27 out. 2017. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2017/10/memoria-vivencias-da-familia-de-angelo-buffon-9966752.html>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

VARELA, Julia. Genealogia de la Escuela: análisis socio-historico del proceso de institucionalización de la escuela primaria. **Tempora**, Tenerife, n. 8, p. 13 - 44, jul./dez. 1986.

VIDAL, Diana Gonçalves; CAMARGO, Marilena Jorge Guedes. A Imprensa Periódica Especializada e a Pesquisa Histórica: estudos sobre o boletim de educação pública e a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 73, n. 175, p. 407-430, set./dez. 1992.

VIEIRA, Cleber Santos. Civismo, República e manuais escolares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 32, n. 63, p. 325-340, 2012

VIÑAO-FRAGO, Antonio. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. *In*: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Austín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VIÑAO-FRAGO, Antonio. El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. *In*: Warde, Mirian Jorge. (org). **Contemporaneidade e educação**, Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura da Educação, 2000.

WERLE, Flávia Obino Corrêa, BRITO, Lenir Marina de Sá. O professor e a escola para a zona rural: concepções e desdobramentos em uma Escola Normal Rural. **Contexto e Educação**, Ijuí, v. 21, n. 75, p. 109 – 130, jan./jun. 2006.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. A escola rural: RGS, final do século XIX e início do XX. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, 5, 2004, Curitiba. **Anais** [...] Curitiba: ANPEd Sul, 2004.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Escola Normal Rural no Rio Grande do Sul: história institucional. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 5, n. 14, p. 35–50, jan./abr. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/7070/6950>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2019.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Escola Normal rural no sul do Brasil. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd*, 30, 2007, Caxambu. **Anais** [...] Caxambu: ANPEd; Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2007.

WESCHENFELDER, Noelli Valentina. **Uma história de governo e de verdades: educação Sousa rural no RS 1950/1970**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

Fontes Documentais

1 – Documentos pesquisados no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHJSA)

BENVENUTTI, Esther Troian. **Entrevista concedida a Juventino Dal Bó e Liliana Alberto Henrichs**. Caxias do Sul, 1983, fg 004-005. Entrevista.

CAXIAS DO SUL. **Decreto Municipal nº 99 de 20 de dezembro de 1951**. Regulamentou a Diretoria de Instrução Pública Municipal de Caxias do Sul de 1951.

CAXIAS DO SUL. **Lei Orgânica do Município – 1948**. 27 de março de 1948a. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/uploads/r/unidade-arquivo-publico-4/6/5/8/6582d825bf8534d0b96547276a7946c35c9aa461be2c38c36b115348f5fdced4/BR_RS_APMCS_01-01.01-01.01.08-LO-1948.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2019.

CAXIAS DO SUL. **Lei orgânica do Município**, de 7 de março de 1936a. Disponível em: <<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/lei-organica-do-municipio-6>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

CAXIAS DO SUL. **Programa Oficial para o Ensino nas Escolas Rurais do Município de Caxias**, 24 de abril de 1936b.

CAXIAS DO SUL. **Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Governador Dr. Walter Jobim**. 1948b. Disponível em: <[http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/uploads/r/unidade-arquivo-publico-](http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/uploads/r/unidade-arquivo-publico-4/6/5/8/6582d825bf8534d0b96547276a7946c35c9aa461be2c38c36b115348f5fdced4/BR_RS_APMCS_01-01.01-01.01.08-LO-1948.pdf)

4/6/b/e/6be58ce0f8d5a9615acb158c95a7ec08498b60f66575e417a3fe4c77127f73fa/BR_RS_APMCS_PM-01-01-01.01.06-41_1947_.pdf> Acesso em: 28 jun. 2019.

CAXIAS DO SUL. **Relatório das Atribuições do Pessoal Subordinado à Diretoria de Instrução Pública**, 1950.

CAXIAS DO SUL. **Relatório de Atividades da Diretoria de Instrução Públicas**, Caxias do Sul, 1954.

CAXIAS DO SUL. **Relatório de Atividades da Diretoria de Instrução Pública**, de 1952-1954.

CAXIAS DO SUL. **Relatório de Atividades da Diretoria de Instrução Pública**, de 1954-1960.

DAL BÓ, Vicente. **O despovoamento das zonas rurais pelo êxodo dos colonos: causas e medidas apresentadas**. Tese. Caxias do Sul, 1940.

STUDIO GEREMIA. **Ester com a mãe Angelina Corso Troian**. [1930]. 1 fotografia.

Jornal Despertar:

DESPERTAR. Caxias do Sul, abril de 1950a. Disponível em: <<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-5>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, abril de 1951a. Disponível em: <<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-6>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, abril de 1954a. Disponível em: <<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, agosto de 1948a. Disponível em: <<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-3>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, agosto de 1949a. Disponível em: <<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-4>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, agosto de 1950b. Disponível em: <<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-5>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, agosto de 1952a. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, dezembro de 1952b. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, fevereiro de 1951b. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-6> >. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, julho de 1952c. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, julho de 1953a. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-8>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, julho de 1954b. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, julho de 1954b. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, julho de 1949b. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, julho e agosto de 1948b. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-3> >. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, junho de 1948c. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-3> >. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, junho de 1950c. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-5> >. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, junho de 1952d. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, junho de 1954c. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, maio de 1948d. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-3>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, maio de 1952e. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, março de 1951c. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-6>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, março de 1952f. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, março de 1953b. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-8>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, março e abril de 1949c. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-4>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, novembro de 1947a. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-setembro>>.
Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, novembro de 1948e. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-3>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, novembro de 1949d. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-4>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, novembro de 1952g. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, novembro de 1953c. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-8>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, novembro de 1954c. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, outubro de 1947b. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-setembro>>.
Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, outubro de 1948f. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-3>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, outubro de 1950d. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-5>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, outubro de 1951d. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-6>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, outubro de 1952g. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. <<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-8>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, outubro de 1954d. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, setembro de 1947c. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-setembro>>.
Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, setembro de 1949e. Disponível em:
<<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-4>>. Acesso em:
03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, setembro de 1950e. Disponível em: <<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-5> >. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, setembro de 1951e. Disponível em: <<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-6>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, setembro de 1952h. Disponível em: <<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, setembro de 1954e. Disponível em: <<http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

2 – Documentos pesquisados no Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul

CAXIAS DO SUL, Câmara Municipal, Centro de Memória. **Palavra e poder**: 120 anos do Poder Legislativo em Caxias do Sul. Organizado por Geni Salete Onzi, Caxias do Sul: São Miguel, 2012. Disponível em <http://www.camaracaxias.rs.gov.br/palavra_e_poder/palavra_e_poder.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2018.

3 – Leis e decretos

BRASÍLIA, Câmara dos deputados. **Decreto-lei nº 8.529**, de 2 de janeiro de 1946a. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 3 mar. 2019.

BRASÍLIA, Câmara dos deputados. **Decreto de Lei nº 9613**, de 20 de agosto de 1946b. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9613-20-agosto-1946-453681-publicacaooriginal-1-pe.html>

4 – Documentos pesquisados na Prefeitura de Caxias do Sul

CAXIAS DO SUL. **Industrialização**, 2019a. Disponível em: <<https://caxias.rs.gov.br/cidade/industrializacao>>. Acesso em: 10 set. 2018.

CAXIAS DO SUL. **Origem do nome**. 2019b. Disponível em: <<https://caxias.rs.gov.br/cidade/origem-do-nome>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

5 - Acervo do Programa Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul – ECIRS - Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul

BORTOLON, Verônica Candiago. **Entrevista concedida a Liane Beatriz Moretto Ribeiro**, Caxias do Sul, 1980. Entrevista.

RIZZON, Dorotéia Corte. **Entrevista concedida a Liane Beatriz Moretto Ribeiro**. Caxias do Sul, 1980. Entrevista.

6 - Jornais:

O MOMENTO. Transferência de Administração. Caxias do Sul, 17 de fevereiro de 1951, n. 931, p.1. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=104523&pagfis=4577&url=http://memoria.bn.br/docreader>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

PIONEIRO. **Foto dos alunos, professores e funcionários da Escola São José dos padres Josefinos de Murialdo**. 19 de novembro de 2018, não paginado. Disponível em:
<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2018/11/memoria-colegio-murialdo-e-o-curso-normal-rural-em-1968-10645059.html> Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

PONTO INICIAL. [2019]. Disponível em:
<<http://jornalpontoinitialdecaxias.blogspot.com/2014/02/fatos-historicos-de-hoje-25-de.html>>. Acesso em: 28 jun. 2019.